

Lisboa - Düsseldorf

Nr. 4

- 4** Eine Betrachtung über den Tod in Zeiten der Pandemie
Uma reflexão sobre a morte em tempos de pandemia
Vahé Barsegian
- 6** Die Corona-Pandemie, das Erdbeben von Lissabon und die Pest
- der gesellschaftliche Umgang mit Krisen und Katastrophen
A pandemia Corona, o terramoto de Lisboa e a peste
- como a sociedade lida com crises e desastres
Verena Breitbach
- 20** Die Krankenhausstiftung von Königin Stephanie und ihre Vorbilder
A Fundação Hospitalar da Rainha Dona Estefânia e o seu exemplo internacional
Annett Büttner
- 30** A Fundação D. Manuel II e a Casa Real de Portugal
Die Stiftung Dom Manuel II und das Königshaus von Portugal
Vítor Escudero de Campos
- 42** Die Pestpandemie in Düsseldorf und die Verehrung des Pestheilers Rochus
A pandemia de peste em Düsseldorf e a veneração de S. Roque
Edmund Spohr
- 48** „Zwischen Traum und Kalkül“ - ein Gespräch mit Bert Gerresheim
„Entre o sonho e o pensamento“ - uma conversa com Bert Gerresheim
Andreas Turnsek
- 52** S. Roque e a sua ligação à Marinha e aos seus Carpinteiros Navais
Der Hl. Rochus von Montpellier und seine Beziehung zur Marine
und ihren Schiffszimmern
José Rocha e Abreu
- 58** Pater António Vieira: die Predigt von Hl. Rochus
Padre António Vieira: Sermão de S. Roque
Rolf Nagel
- 60** Goethe informiert sich über Portugal
Goethe informa-se sobre Portugal
Volkmar Hansen
- 70** Über Stigma, Pragmatismus und einen besseren Weg im Umgang mit Drogen
Sobre o estigma, pragmatismo e princípios numa melhor maneira de lidar
com as drogas
René Lindner
- 106** Blindekuh, zu José Régios Roman „Jogo da Cabra Cega“
Jogo da Cabra Cega, sobre o Romance de José Régio
Helmut Siepmann

Lisboa - Düsseldorf



Pandemie: die Gärten der Hölle

Pandemia: os Jardins do Inferno

Abertura

Quando o presente IV volume da série Lisboa-Düsseldorf for apresentado em Lisboa e Düsseldorf, em Fevereiro de 2023, começa finalmente a Europa a sair da profunda depressão social e económica provocada pela pandemia Covid-19. O propósito inicial – anterior à pandemia – buscava antes discutir em paralelo a questão social nas duas cidades, de falar da “Misericórdia” em Lisboa e dos “Schützen” em Düsseldorf, da temática da droga e dos sem-abrigo e do seu tratamento. A visita a Düsseldorf de João Goulão – fundador do novo paradigma português no tratamento das dependências - foi um dos pontos altos desse programa de estudo com um Colóquio interdisciplinar. O ambiente nos inícios de 2020, no entanto, mudou radicalmente esta prioridade e resolveu-se, assim, conforme com os tempos, abordar finalmente neste volume em alternativa a temática da pandemia no seu contexto europeu que mais nos interessa. Propósito fácil de concretizar porque tanto S. Roque é venerado em Lisboa como o é em Düsseldorf. Acrescentou-se o trabalho social da Fundação D. Manuel II - por ocasião da visita de Dom Duarte Bragança a Düsseldorf -, a descoberta da importância de Florence Nightingale para a concretização dos planos do Hospital Dona Estefânia em Lisboa, uma entrevista com Bert Gerresheim na altura da sua exposição retrospectiva no Museu da Cidade de Düsseldorf, a veneração de S. Roque na Marinha de Portugal. O contributo de Verena Breitbach sobre o tema da Peste, na obra de Albert Camus, é uma nota de síntese importante ao trabalho deste volume e à preocupação central dos nossos tempos. Assistimos todos a uma mudança importante do mundo mas ao mesmo tempo este grupo de trabalho, que se dedica à temática Lisboa-Düsseldorf, conseguiu manter a mesma dinâmica e vontade em prosseguir um programa de grande maturidade cívica e de empenho cultural em prol de duas sociedades que são aparentemente tão distantes na língua falada mas afinal tão próximas.

○ Editor e Promotor

Carlos Quintas

Eröffnung

Wenn der vorliegende IV. Band der Reihe Lissabon-Düsseldorf im Februar 2023 in Lissabon und Düsseldorf präsentiert wird, beginnt Europa endlich, aus der tiefen sozialen und wirtschaftlichen Depression, die durch die Covid-19-Pandemie verursacht wurde, herauszukommen. Der ursprüngliche Zweck – vor der Pandemie – bestand darin, das soziale Thema in den beiden Städten parallel zu diskutieren, über die „Misericórdia“ in Lissabon und die „Schützen“ in Düsseldorf, das Thema Drogen und Obdachlose und deren Behandlung zu sprechen. Der Besuch von João Goulão in Düsseldorf – Begründer des neuen portugiesischen Paradigmas in der Suchtbehandlung – war einer der Höhepunkte dieses Studiengangs mit einem interdisziplinären Kolloquium. Die Umgebung zu Beginn des Jahres 2020 hat diese Priorität jedoch radikal verändert und so wurde das Thema der Pandemie im europäischen Kontext, das uns am meisten interessiert, der Zeit entsprechend im Band endlich aufgegriffen. Ein leicht zu erreichendes Ziel, denn hl. Rochus wird in Lissabon genauso verehrt wie in Düsseldorf. Neben der Sozialarbeit der Stiftung D. Manuel II - anlässlich des Besuchs von Dom Duarte Bragança in Düsseldorf - die Entdeckung der Bedeutung von Florence Nightingale für die Realisierung der Pläne für das Hospital Dona Estefânia in Lissabon, ein Interview mit Bert Gerresheim anlässlich seiner Retrospektive im Stadtmuseum Düsseldorf und die Verehrung von S. Roque in der portugiesischen Marine. Der Beitrag von Verena Breitbach zum Thema Pest im Werk von Albert Camus ist eine wichtige Zusammenfassung der Arbeit in diesem Band und des zentralen Anliegens unserer Zeit. Wir alle sind Zeugen eines wichtigen Wandels in der Welt, aber gleichzeitig ist es dieser Arbeitsgruppe, die sich dem Thema Lissabon-Düsseldorf widmet, gelungen, die gleiche Dynamik und den Willen zu bewahren, ein Programm von großer bürgerlicher Reife und kulturellem Engagement zugunsten von zwei Gesellschaften, die in der gesprochenen Sprache anscheinend so weit voneinander entfernt sind, aber am Ende so nah.

Publizist und Initiator

Carlos Quintas

Eine Betrachtung über den Tod in Zeiten der Pandemie

Uma reflexão sobre a morte em tempos de pandemia

Vahé Barsegian

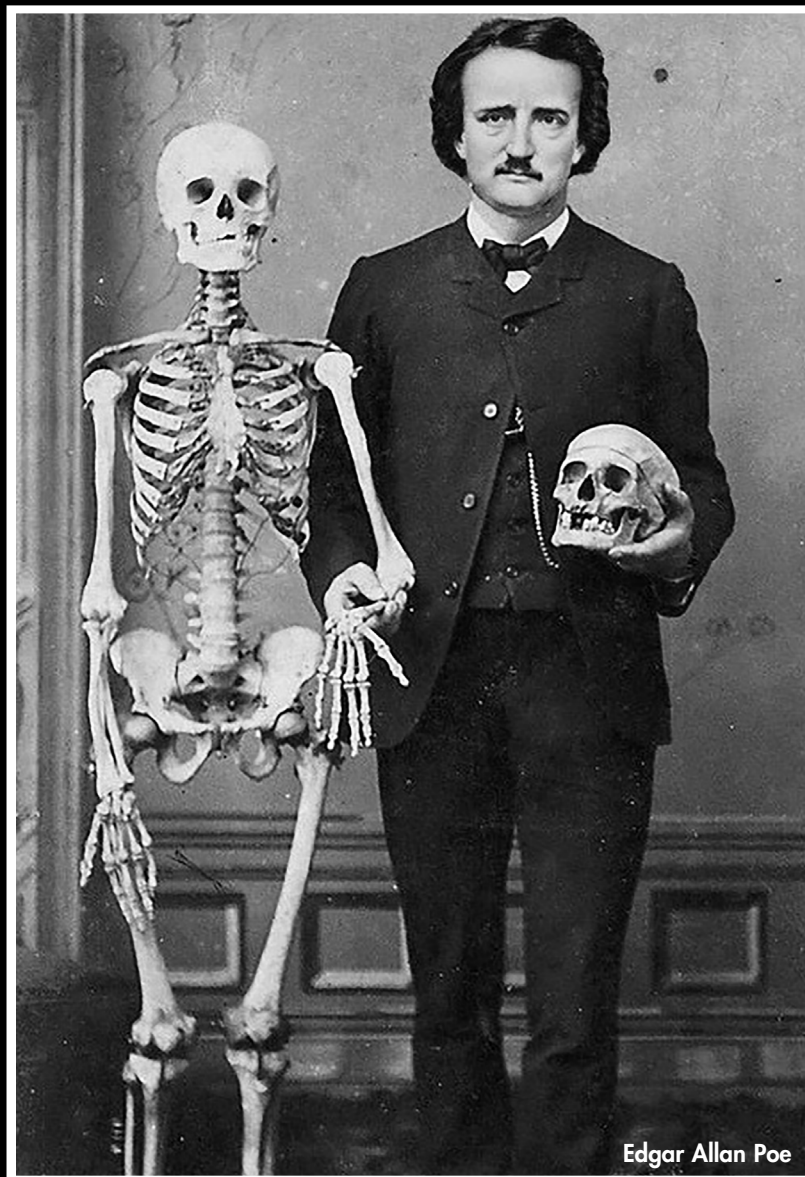
■ Welche Vorstellungen dringen sich dem modernen und zivilisierten Menschen auf, wenn er an den Tod denkt, auch jetzt, inmitten der wütenden Seuche. Es sind sicherlich nicht die Bilder des Totentanzes aus dem Mittelalter. Und auch nicht die barocken Bildkompositionen, wo der Sterbende, im blütenweißen Leinen, im Kreise seiner Familie und der Dienerschaft dargestellt wird. Es sind gewiss eher die Bilder eines Krankenhauses, glatter Kacheln oder vielleicht des pietätvoll verschlossenen Sargdeckels.

Dem modernen Menschen ist der Glaube an Jenseits abhandengekommen. Eine Seuche ist nicht mehr die Strafe des Herrn für die Sündhaftigkeit. Zwar sind die Erzeugnisse der Massenkultur voller Toter und Untoter, und es gibt dort Gemetzel, und auch viel Blut, wirklich gestorben wird da aber auch nicht. Der Tod wird ausgesperrt, oder vielmehr, er ist nicht wirklich sichtbar. In der vielleicht berühmtesten Geschichte von Edgar Allan Poe will Prinz Prospero mit seinen Gästen hinter den hohen Mauern seines Schlosses dem Tod trotzen. Aber weder die hohen Mauern, noch die schweren eisernen Tore können ihn fernhalten. Dort, wo der exquisite Geschmack und die Schönheit zuhause sind, herrscht bald der Tod und alles versinkt in Verwesung und Dunkelheit. Nun sind aber solche Bilder zu grauenvoll und verstörend für das zeitgenössische Gemüt und sie vertragen sich auch mit den Segnungen der Moderne nicht. Daher werden auch sie verbannt. Genauso wie die Sterbenden selbst - in die sterile Hässlichkeit eines Krankenzimmers oder eines Heims. Es werden allenthalben leibliche Ertüchtigung und Verzicht propagiert, am Horizont mäandert schon die Verheißung des jugendlich potenten, erfüllten und natürlich ewigen Lebens. Aber es sind offenbar die falschen Propheten, die dies predigen. Denn gestorben wird weiter, aber dafür jetzt hygienisch und desinfiziert.

Die Gesinnung ist des Menschen Schöpfer, sagte dereinst Heraklit. Das wir sterben, werden wir nicht ändern können, aber wie wir sterben, vielleicht.

■ *Que ideias forcem as pessoas modernas e civilizadas quando pensam na morte, mesmo agora, no meio a uma praga violenta, certamente não são as imagens da dança da morte da Idade Média. E nem mesmo as composições barrocas, onde o moribundo é retratado, em puro linho branco, com sua família e criados. É mais provável que sejam imagens de um hospital, ladrilhos lisos ou talvez a tampa do caixão piedosamente fechada.*

O homem moderno perdeu a fé no além. A praga não é mais a punição do Senhor pelo pecado. É verdade que os produtos da cultura de massa estão cheios de mortos e mortos-vivos, e há matança ali, e também há muito sangue, mas também não há morte real. A morte está bloqueada, ou melhor, não é realmente visível. No que talvez seja a história mais famosa de Edgar Allan Poe, o Príncipe Próspero e seus convidados querem desafiar a morte por trás dos altos muros de seu castelo. Mas nem os altos muros nem os pesados portões de ferro podem mantê-lo afastado. Onde gosto requintado e beleza estão em casa, a morte logo domina e tudo afunda em decadência e escuridão. Mas essas imagens são horríveis e perturbadoras demais para a mente contemporânea e não combinam com as bênçãos da modernidade. Consequentemente, elas também são banidas. Exatamente como os próprios moribundos - na feia esterilidade de um quarto de hospital ou de uma casa. O exercício físico e a renúncia propagam-se por toda a parte, no horizonte já se avança a promessa de uma vida jovem, potente, cumprida e, claro, eterna. Mas são evidentemente os falsos profetas que pregam isso. Porque as pessoas continuam morrendo, mas agora estão higienizadas e desinfetadas. A mente é a criadora do homem, disse Heráclito uma vez. Não seremos capazes de mudar que morremos, mas como morremos, talvez.



Die Corona-Pandemie, das Erdbeben von Lissabon und die Pest – der gesellschaftliche Umgang mit Krisen und Katastrophen

A pandemia Corona, o terremoto de Lisboa e a peste – como a sociedade lida com crises e desastres

Verena Breitbach

■ Es gibt wenige historische Ereignisse, die vergleichbar zur Corona-Pandemie sind, auch wenn sich Geschichte nicht eins-zu-eins abbilden lässt: Im Dezember 2004 wurde aufgrund eines extremen Seebebens ein Tsunami im indischen Ozean ausgelöst und tötete 300.000 Menschen. Beim Erdbeben von Lissabon im Jahr 1755 kamen geschätzt 20.000 bis 60.000 Menschen ums Leben. Während der Pest zwischen 1347 und 1353 starben zwischen 20 und 50 Millionen Menschen.

Wie geht eine Gesellschaft mit Naturkatastrophen wie Erdbeben, Tsunamis, Überschwemmungen, Vulkanausbrüchen oder biologischen Ereignissen wie Seuchen, Epidemien und Pandemien um? Im Folgenden wird sich mit dem Erdbeben von Lissabon und der Pest im Vergleich zur Corona-Pandemie beschäftigt.

Lissabon 1755 – Corona heute

Die stetig ansteigenden Opferzahlen der Corona-Pandemie erschüttern ganz Europa ebenso wie damals das schwere Erdbeben von Lissabon mit dem nachfolgenden Tsunami und einer fast eine Woche andauernden Feuersbrunst, die Lissabon beinahe vollständig zerstörte und Europas Weltbild nachhaltig erschütterte. Damals wie heute wurde und wird die ganze Welt an den Tod erinnert und damit vor viele Grundsatzfragen gestellt.

Gemeinsamkeiten und Unterschiede von Pandemie und Erdbeben

Kann die Covid-19-Pandemie als heutiges Erdbeben von Lissabon betrachtet werden? Für viele historische Reflexionen war Lissabon ein Epochenbruch. Das Erdbeben von Lissabon vom 1. November 1755 war nicht nur eine der schwersten Naturkatastrophen

■ *Existem poucos eventos históricos comparáveis à actual pandemia Corona, mesmo que a história não possa ser mapeada individualmente: em dezembro de 2004, um grande maremoto desencadeou um tsunami no Oceano Índico e matou cerca de 300.000 pessoas. O terremoto de Lisboa, em 1755, matou cerca de 20.000 a 60.000 pessoas. Entre 20 e 50 milhões de pessoas morreram durante a peste entre 1347 e 1353.*

Como é que uma sociedade lida com estes desastres naturais extremos, como terremotos, tsunamis, inundações, erupções vulcânicas ou eventos biológicos, como epidemias e pandemias? O texto trata do terremoto de Lisboa e da peste e da sua comparação com a pandemia Corona.

Lisboa, 1755 – Corona, na actualidade

O número cada vez maior de vítimas da pandemia Corona está abalando fortemente toda a Europa, assim como o severo terremoto em Lisboa, na sua época, com o subsequente tsunami e um incêndio que durou quase uma semana, quase destruindo Lisboa por completo, abalou para sempre a visão da Europa e do mundo. Então, como agora, o mundo inteiro foi e está sendo lembrado da morte e, portanto, confrontado com muitas questões fundamentais à sua existência.

Semelhanças e diferenças entre pandemias e terremotos

A pandemia Covid-19 poderá hoje ser vista e analisada como o terremoto em Lisboa em 1755? Para muitas reflexões históricas, Lisboa foi uma ruptura na sua época. O terremoto de Lisboa do dia 1 de novembro de 1755 não foi apenas um dos piores desastres naturais da Europa, desde sempre, mas também tornou-se um símbolo de vários discursos e um desafio e um choque para as mentes do Iluminismo. Foi refletido em “O Terremoto no Chile” de Kleist (1806), bem como em “Cândido” de Voltaire (1759). Houve também a questão da justiça de Deus em face do sofrimento no mundo.

Na época, Goethe também escreveu sobre como lidar com essa catástrofe:

“A 1 de Novembro de 1755, o terramoto de Lisboa atingiu e espalhou um tremendo horror pelo mundo, que já era habitado em paz e tranquilidade. Uma grande e magnífica residência, ao mesmo tempo uma cidade comercial e portuária, é inesperadamente atingida pela mais terrível desgraça. A terra estremece e balança, o mar ruga, os navios desabam, as casas tombam, igrejas e torres pendem sobre si próprias, o palácio real é parcialmente engolido pelo mar, a terra rachada parece cuspir chamas: pois a fumaça se vê por toda parte e o fogo emerge das ruínas. Sessenta mil pessoas, um momento antes ainda calmas e confortáveis, perecem juntas, e a mais feliz delas é aquela que não pode mais sentir ou refletir sobre o infortúnio. As chamas continuam a crescer, e com elas uma série de criminosos escondidos que foram libertados por este acontecimento. Os infelizes sobreviventes são expostos a roubos, assassinatos e todos os maus-tratos; e assim a natureza afirma a sua arbitrariedade ilimitada em todos os aspectos. [...]”

O menino, que tinha que ouvir tudo isso repetidamente, não ficou nem um pouco afetado. Deus, o Criador e Preservador do céu e da terra, a quem a explicação do primeiro artigo de Fé apresentada a ele de maneira tão sábia e graciosa, de forma alguma provou ser paternal ao abandonar igualmente os justos e os injustos.”

(Johann Wolfgang Goethe, *From My Life, Poetry and Truth, Part One, Book One*)

A Covid-19 também elimina a ideia da nossa posição especial na natureza, como nos diz o filósofo Philipp Blom. “A crise Covid põe em causa uma imagem do homem com milhares de anos”, escreve Blom. Seguindo mais ou menos conscientemente a Bíblia, as pessoas acreditam que têm uma posição especial na natureza, que leis diferentes se aplicam a elas mais do que aos animais. Mas, de acordo com Blom, a pandemia da corona mostra que os humanos não estão fora da natureza e não estão acima dela, mas sim bem no meio dela. O homem não é a coroa da criação, mas um primata ameaçado de extinção. Essa percepção também pode ser seguida por um terremoto filosófico. Isso fecha a comparação com o terremoto filosófico do século XVIII.

O que os desastres naturais e as pandemias continuam a ter em comum é que atingem os mais pobres entre os pobres de maneira particularmente forte. A crise Corona é uma crise global, mas mais uma vez mostra, como se fosse uma lupa, onde existem grandes diferen-

Europas, es wurde auch zum Sinnbild verschiedener Diskurse und eine Herausforderung und Erschütterung des Denkens der Aufklärung. Es spiegelte sich in Kleists „Das Erdbeben in Chili“ (1806) ebenso wider wie in Voltaires „Candide“ (1759). Es stellte sich auch die Frage nach der Gerechtigkeit Gottes angesichts des Leidens auf der Welt.

Auch Goethe schrieb damals über den Umgang mit dieser Katastrophe:

„Am ersten November 1755 ereignete sich das Erdbeben von Lissabon, und verbreitete über die in Frieden und Ruhe schon eingewohnte Welt einen ungeheuren Schrecken. Eine große prächtige Residenz, zugleich Handels- und Hafenstadt, wird ungewarnt von dem furchtbarsten Unglück betroffen. Die Erde bebt und schwankt, das Meer braust auf, die Schiffe schlagen zusammen, die Häuser stürzen ein, Kirchen und Türme darüber her, der königliche Palast zum Teil wird vom Meere verschlungen, die geborstene Erde scheint Flammen zu speien: denn überall meldet sich Rauch und Brand in den Ruinen. Sechzigtausend Menschen, einen Augenblick zuvor noch ruhig und behaglich, gehen mit einander zugrunde, und der glücklichste darunter ist der zu nennen, dem keine Empfindung, keine Besinnung über das Unglück mehr gestattet ist. Die Flammen wüten fort, und mit ihnen wütet eine Schar sonst verborgener, aber durch dieses Ereignis in Freiheit gesetzter Verbrecher. Die unglücklichen Übriggebliebenen sind dem Raube, dem Morde, allen Mißhandlungen bloßgestellt; und so behauptet von allen Seiten die Natur ihre schrankenlose Willkür. [...] Hierauf ließen es die Gottesfürchtigen nicht an Betrachtungen, die Philosophen nicht an Trostgründen, an Strafpredigten die Geistlichkeit nicht fehlen. [...] Der Knabe, der alles dieses wiederholt vernehmen mußte, war nicht wenig betroffen. Gott, der Schöpfer und Erhalter Himmels und der Erden, den ihm die Erklärung des ersten Glaubens-Artikels so weise und gnädig vorstellte, hatte sich, indem er die Gerechten mit den Ungerechten gleichem Verderben preisgab, keineswegs väterlich bewiesen. “Auch Covid-19 kratzt an der Vorstellung von unserer Sonderstellung in der Natur, meint der Philosoph Philipp Blom. „Die Corona-Krise stellt ein jahrtausendealtes Menschenbild infrage“, schreibt Blom. In mehr oder weniger bewusster Anle-

„Am ersten November 1755 ereignete sich das Erdbeben von Lissabon, und verbreitete über die in Frieden und Ruhe schon eingewohnte Welt einen ungeheuren Schrecken. Eine große prächtige Residenz, zugleich Handels- und Hafenstadt, wird ungewarnt von dem furchtbarsten Unglück betroffen. Die Erde bebt und schwankt, das Meer braust auf, die Schiffe schlagen zusammen, die Häuser stürzen ein, Kirchen und Türme darüber her, der königliche Palast zum Teil wird vom Meere verschlungen, die geborstene Erde scheint Flammen zu speien: denn überall meldet sich Rauch und Brand in den Ruinen. Sechzigtausend Menschen, einen Augenblick zuvor noch ruhig und behaglich, gehen mit einander zugrunde, und der glücklichste darunter ist der zu nennen, dem keine Empfindung, keine Besinnung über das Unglück mehr gestattet ist. Die Flammen wüten fort, und mit ihnen wütet eine Schar sonst verborgener, aber durch dieses Ereignis in Freiheit gesetzter Verbrecher. Die unglücklichen Übriggebliebenen sind dem Raube, dem Morde, allen Mißhandlungen bloßgestellt; und so behauptet von allen Seiten die Natur ihre schrankenlose Willkür. [...] Hierauf ließen es die Gottesfürchtigen nicht an Betrachtungen, die Philosophen nicht an Trostgründen, an Strafpredigten die Geistlichkeit nicht fehlen. [...] Der Knabe, der alles dieses wiederholt vernehmen mußte, war nicht wenig betroffen. Gott, der Schöpfer und Erhalter Himmels und der Erden, den ihm die Erklärung des ersten Glaubens-Artikels so weise und gnädig vorstellte, hatte sich, indem er die Gerechten mit den Ungerechten gleichem Verderben preisgab, keineswegs väterlich bewiesen.“

(Johann Wolfgang Goethe, Aus meinem Leben, Dichtung und Wahrheit, Erster Teil, Erstes Buch)



ças e dificuldades na sociedade vista como um todo. Os países em desenvolvimento, em particular, são gravemente afetados pelas consequências de tais desastres.

Em contraste, com a pandemia atual, no entanto, o terremoto de Lisboa foi um evento único e definível localmente. No entanto, a atual pandemia é global, o fim está ainda em aberto. Ela confronta as nossas vidas e pensamentos com desafios sem precedentes e ilude os nossos parâmetros que acreditávamos serem seguros. “Não podemos refletir sobre a pandemia em retrospecto, nem pensamos à frente (fora) dela. Temos que praticar a filosofia em tempo real”, escreve o Prof. Christian Wolf.

Corona e a peste - uma tentativa de comparação

Um “livro da actualidade” tem sido proclamado pelo público em geral para compreender a crise da Corona. Em tempos de crise da Corona, a literatura fornece consolo e está até nas listas dos mais vendidos da França desde março de 2020. Rowohlt-Verlag anunciou a 90ª nova edição desta obra, que está definitivamente esgotada na Internet. Porque é assim? Estamos falando sobre o romance “A Peste”, de 1947, do francês Albert Camus, vencedor do Prémio Nobel de Literatura. Conta-nos a história dos habitantes da cidade portuária de Oran, no norte da Argélia, que se prepararam contra a peste durante um ano. Mesmo que a epidemia da época e a Covid-19 não sejam comparáveis, e nem as condições médicas, existem paralelos notáveis ?? com a década de 1940, quanto à percepção da situação e como lidar com ela. No centro do seu romance, que pode ser lido mais como uma crónica, está o médico Rieux, que viveu a epidemia desde o

hning an die Bibel glauben Menschen, dass sie eine Sonderstellung in der Natur einnehmen, dass für sie andere Gesetze gelten als für Tiere. Doch die Corona-Pandemie zeige, so Blom: Der Mensch steht nicht außerhalb der Natur und nicht über ihr, vielmehr ist er mittendrin. Der Mensch ist nicht die Krone der Schöpfung, sondern ein Primat, der vom Aussterben bedroht ist. Auch dieser Einsicht könnte ein philosophisches Erdbeben folgen. Hier schließt sich also der Vergleich mit dem philosophischen Erdbeben des 18. Jahrhunderts.

Was Naturkatastrophen und Pandemien weiterhin eint ist, dass sie die Ärmsten der Armen

besonders hart treffen. Die Corona-Krise ist eine weltweite Krise, jedoch zeigt sie einmal mehr wie durch ein Brennglas auf, wo große Unterschiede und Schwierigkeiten gesamtgesellschaftlich liegen. Insbesondere Entwicklungsländer sind von den Folgen solcher Katastrophen stark betroffen.

Im Gegensatz zu der aktuellen Pandemie war jedoch das Erdbeben von Lissabon ein einmaliges, lokal abgrenzbares Ereignis. Die aktuelle Pandemie ist jedoch weltumspannend, das Ende ist offen. Sie stellt unser Leben und Denken vor noch nie gekannte Herausforderungen und entzieht sich unserer sicher geglaubten Parameter. „Über die Pandemie können wir nicht in der Retrospektive reflektieren, auch haben wir nicht vor(aus)gedacht. Wir müssen Philosophie in Echtzeit betreiben“, schreibt Prof. Dr. Christian Wolf.

Corona und die Pest – der Versuch eines Vergleichs

Für die Corona-Krise ist in der allgemeinen Öffentlichkeit ein „Buch der Stunde“ ausgerufen worden, in Zeiten der Corona-Krise spendet diese Literatur Trost und steht seit März 2020 auf Frankreichs Bestsellerlisten. Die 90. Neuauflage dieses Werks hat der Rowohlt-Verlag angekündigt, im Internet ist es dauerhaft ausverkauft. Worum geht es? Die Rede ist von dem 1947 erschienenen Roman „Die Pest“ des französischen Nobelpreisträgers Albert Camus. Erzählt wird die Geschichte der Einwohner der nordalgerischen Hafenstadt Oran, die sich ein Jahr lang gegen die Pest stemmen. Auch wenn

“A 1 de Novembro de 1755, o terramoto de Lisboa atingiu e espalhou um tremendo horror pelo mundo, que já era habitado em paz e tranquilidade. Uma grande e magnífica residência, ao mesmo tempo uma cidade comercial e portuária, é inesperadamente atingida pela mais terrível desgraça. A terra estremece e balança, o mar ruga, os navios desabam, as casas tombam, igrejas e torres pendem sobre si próprias, o palácio real é parcialmente engolido pelo mar, a terra rachada parece cuspir chamas: pois a fumaça se vê por toda parte e o fogo emerge das ruínas. Sessenta mil pessoas, um momento antes ainda calmas e confortáveis, perecem juntas, e a mais feliz delas é aquela que não pode mais sentir ou refletir sobre o infortúnio. As chamas continuam a crescer, e com elas uma série de criminosos escondidos que foram libertados por este acontecimento. Os infelizes sobreviventes são expostos a roubos, assassinatos e todos os maus-tratos; e assim a natureza afirma a sua arbitrariedade ilimitada em todos os aspectos. [...] O menino, que tinha que ouvir tudo isso repetidamente, não ficou nem um pouco afetado. Deus, o Criador e Preservador do céu e da terra, a quem a explicação do primeiro artigo de Fé é apresentada a ele de maneira tão sábia e graciosa, de forma alguma provou ser paternal ao abandonar igualmente os justos e os injustos.”

(Johann Wolfgang Goethe, From My Life, Poetry and Truth, Part One, Book One)

início. Ao sair do seu apartamento, ele tropeça num rato morto. Ele conta o assunto ao porteiro, que inicialmente se recusa a admitir isso - não há ratos em casa! Em pouco tempo, no entanto, os ratos mortos espalharam-se por toda parte, levando à constatação de que toda a cidade foi vítima dessa calamidade - e essa é a praga. Os ratos morrem primeiro, depois os humanos. O Dr. Rieux descobriu os sinais da epidemia, defende as medidas de higiene necessárias e não hesita em continuar a prestar cuidados médicos mesmo nos piores tempos desta catástrofe. Ele segue o

die damalige Seuche und Covid-19 nicht vergleichbar miteinander sind und ebenso wenig die medizinischen Bedingungen, so gibt es doch auffällige Parallelen zu den 1940er Jahren, der Wahrnehmung der Situation und dem Umgang mit ihr. Im Zentrum seines Romans, der vielmehr als Chronik zu lesen ist, steht der Arzt Rieux, der die Seuche von Beginn an miterlebt. Als dieser aus seiner Wohnung tritt, stolpert er über eine tote Ratte. Er berichtet darüber dem Hauswart, der dieses Vorkommnis zunächst nicht wahrhaben will –es gäbe keine Ratten im

Haus. In kurzer Zeit jedoch verbreiten sich die toten Ratten überall und führen zu der Erkenntnis, dass die gesamte Stadt einem Unheil zum Opfer gefallen ist – und das ist die Pest. Zuerst sterben die Ratten, dann die Menschen. Dr. Rieux hat die Anzeichen der Seuche entdeckt, setzt sich für notwendige Hygienemaßnahmen ein und zögert nicht, die Krankenversorgung auch in den schlimmsten Zeiten dieser Katastrophe fortzusetzen. Er folgt dem ärztlichen Ethos und sieht die Bewahrung der körperlichen Unversehrtheit seiner Mitmenschen als seine professionelle und humane Bestimmung. Er richtet auch nicht über jene, die andere Auffassungen vertreten. Ihm begegnen Vertreter unterschiedlicher Reaktions- und Handlungsweisen auf die Krankheit und das Sterben. Da ist zunächst der außenstehenden Besucher, der eigentlich die Stadt verlassen will, aber aufgrund der Quarantänebestimmungen daran gehindert wird. Nach anfänglichem Zögern stellt sich diese Person in den Dienst des von Dr. Rieux geleiteten Sanitätstrupps. Es gibt den scheinbar farblosen Beamten, der seine ganze Existenz der Pestabwehr widmet und sich dafür unermüdlich einsetzt. Beeindruckend ist sicher auch die Auseinandersetzung mit einem Geistlichen, der zunächst die Seuche als Strafe Gottes deutet, sich ihr am Ende





Masken. Karneval in Venedig.
Máscaras do Carnaval de Veneza.



ethos médico e vê a preservação da integridade física dos seus semelhantes como o seu propósito profissional e humano. Nem julga aqueles que têm pontos de vista diferentes. Ele encontra representantes de diferentes formas de reagir e agir frente à doença e à morte. Primeiro, há o visitante que realmente deseja deixar a cidade, mas está impedido de fazê-lo devido aos regulamentos de quarentena. Após uma hesitação inicial, esta pessoa coloca-se a serviço das equipas médicas lideradas por Rieux. Existe também o oficial aparentemente sem cor que devota toda a sua existência para afastar a peste e trabalha incansavelmente por ela. A discussão com um clérigo, que inicialmente interpreta a praga como castigo de Deus, mas no final se submete a ela, também é impressionante. O Dr. Rieux tem uma resistência à peste de base racional e é de opinião que não se deve ajoelhar, mas lutar. Mesmo em face da extinção em massa, o Dr. Rieux não segue o exemplo no cuidado com os mais fracos. Isso significa: que tipo de conexão existe entre o clássico “A Peste” de Camus de 1947 e a atual crise Corona?

Corona não é a praga

Claro - o título do romance é inspirador. E a retórica de guerra de alguns governos faz-nos acreditar que esta-

selbst unterwirft. Ihnen allen gegenüber vertritt Dr. Rieux eine rational begründete Widerstandshaltung gegenüber der Pest und vertritt die Auffassung, dass man nicht hinknien, sondern kämpfen müsse. Auch angesichts des Massensterbens lässt Dr. Rieux in seiner Fürsorge für die Schwächsten nicht nach. Das heißt: Welche Anschlussfähigkeiten zeichnen sich also zwischen Camus Klassiker „Die Pest“ von 1947 und der aktuellen Corona-Krise ab?

Corona ist nicht die Pest

Natürlich – der Titel des Romans ist anregend. Und die Kriegsrhetorik mancher Regierungen macht uns glauben, dass wir uns im Kampf befinden. Und tatsächlich – ein Blick in die Geschichte verrät uns, dass die großen Seuchen häufig in Verbindung mit Kriegen aufgetreten sind. Das gilt für die Pest in Athen während des Peloponnesischen Kriegs, die regelmäßig auftretenden Seuchen während des 30-jährigen Kriegs, auch für die Spanische Grippe, die ebenfalls Millionen Opfer gefordert hatte. Neu ist aber, dass mit Corona eine Pandemie auftritt, die nicht an Kriegszeiten gebunden ist,



Der Ursprung der Pestdoktor-Maske geht auf das Mittelalter zurück. Die Maske bildete zusammen mit Hut, Handschuhen und Stock die vollständige Kostümierung des Pestdoktors.

A origem da máscara do médico da peste remonta à Idade Média. A máscara, juntamente com o gorro, as luvas e a bengala, formavam o traje completo do médico da peste.

mos em combate. E, de fato - uma vista de olhos à história revela que as grandes epidemias frequentemente ocorreram em conexão com guerras. Isso aplica-se à peste em Atenas, durante a Guerra do Peloponeso, às epidemias que ocorreram regularmente durante a Guerra dos 30 anos, e também à gripe espanhola, que também ceifou milhões de vidas. O que é novo, no entanto, é que com o Corona, está ocorrendo uma pandemia que não está ligada ao tempo de guerra, mas se tornou uma ameaça em todo o mundo. E outra diferença em relação ao anterior é importante: "A praga da Ásia Central na época de 1348 demorou dois anos para chegar até nós do Mar Negro, o ponto final da Rota da Seda". Hoje é diferente: a propagação da pandemia corona é mais rápida.

"Não podemos realmente imaginar tais pandemias"

Vamos dar uma vista de olhos na reação social à epidemia naquela época, bem como à pandemia da corona hoje. Há um certo paralelo aqui - desde a relutância inicial em a reconhecer, nas medidas de higiene hesitantes, no isolamento, até ao isolamento radical da cidade e a eliminação dos mortos sem que os parentes pudessem despedir-se. Na situação atual, isso é particularmente verdadeiro nas regiões de nosso planeta que foram (e são) severamente atingidas pela crise. Se olharmos para a resposta política global, há uma certa ambivalência inconfundível. E isso não tem apenas a ver com procedimentos burocráticos aparentemente demorados de uma democracia; em essência, é sobre o fato de que não poderíamos realmente ter imaginado tal pandemia. Colocando de outra forma: nós considerávamo-nos invulneráveis, a crise mais nos vem mostrar a nossa própria vulnerabilidade e dependência dos outros de uma forma drástica.

A forma actual de lidar com o medo: as teorias modernas da conspiração têm agora uma grande oportunidade

Um segundo ponto merece destaque: as diferentes formas de lidar com o medo desencadeado pela pandemia. Se olharmos para as redes sociais atuais, fica claro que as mais diversas teorias da conspiração estão crescendo por todo o lado. Ao mesmo tempo, porém, há uma confiança básica, quase estoica, de grande parte da população nas medidas ordenadas pelas autoridades, o conhecedor de mídia Sascha Lobo fala de um "pânico da razão". O sociólogo Hartmut Rosa expressa o seguinte sentimento: "Estamos num laboratório de testes. [...] O que sai

aber weltweit zu einer Bedrohung geworden ist. Und noch ein Unterschied zu früher fällt auf: „Die Pest aus Zentralasien in der Zeit von 1348 brauchte zwei Jahre, um vom Schwarzen Meer, dem Endpunkt der Seidenstraße, zu uns zu gelangen“⁽¹⁾ Das ist heute anders: Die Ausbreitung der Corona-Pandemie ist schneller.

„Wir können uns solche Pandemien eigentlich gar nicht vorstellen“

Blicken wir einmal auf die gesellschaftliche Reaktion auf die Seuche damals, ebenso wie auf die Corona-Pandemie heute. Hier fällt eine gewisse Parallele auf – vom anfänglichen Nicht-Wahrhabenwollen über zögerliche Hygienemaßnahmen, Isolation, bis hin zur radikalen Abriegelung der Stadt und der Entsorgung der Toten, ohne dass die Angehörigen Abschied nehmen konnten. In der aktuellen Situation gilt das insbesondere in jenen Regionen unserer Erde, welche von der Krise massiv getroffen wurden (und werden). Wenn man die weltweite politische Reaktion betrachtet, dann ist eine gewisse Ambivalenz unverkennbar. Und das hat nicht nur etwas mit scheinbar zeitaufwändigen bürokratischen Prozeduren in der Demokratie zu tun; im Kern geht es darum, dass wir uns eine solche Pandemie eigentlich gar nicht vorstellen konnten. Um es anders zu formulieren: Wir haben uns für unverwundbar gehalten, die Krise führt uns die eigene Vulnerabilität und Abhängigkeit von Anderen drastisch vor Augen.

Aktueller Umgang mit der Angst: Verschwörungstheorien haben Hochkonjunktur

Ein zweiter Punkt fällt auf: der unterschiedliche Umgang mit der Angst, die von der Pandemie ausgelöst wird. Wenn man aktuell in die Sozialen Netzwerke schaut, dann wird deutlich, dass hier die unterschiedlichsten Verschwörungstheorien Konjunktur haben. Gleichzeitig gibt es aber ein nahezu stoisches Grundvertrauen großer Teile der Bevölkerung in die von den Autoritäten angeordneten Maßnahmen, Medienprofi Sascha Lobo spricht von „Vernunftpanik“⁽²⁾ Der Soziologe Hartmut Rosa drückt das Gefühl wie folgt aus: „Wir sind in einem Versuchslabor. [...] Was dabei herauskommt, steht völlig in den



está totalmente nas estrelas.” Assim, as restrições são aceites mais ou menos sem resmungos ou como escreve Hartmut Rosa: “Ainda estou admirado que em tão pouco tempo e numa escala geográfica tão grande, muitos processos judiciais foram suspensos. Há uma tremenda desaceleração económica e social, mas isso está relacionado a uma desaceleração física que é fisicamente perceptível.” Basicamente, não é um mau sinal que alguém reaja com relativa calma nesta crise, em vez de ficar irritado com a espiral de excitação que as redes sociais permitem. A visão do filósofo e ensaísta italiano Giorgio Agamben de que a crise da Corona está prestes a destruir a democracia também não pode ser compartilhada. Pelo contrário: e isto provou-se essencialmente.

Relevância sistémica e o papel do herói - então e agora

Um terceiro aspecto importante também merece destaque: esse é o papel do herói na obra de Camus. Normalmente é o médico. Mesmo na crise atual, muitos estão-se unindo em torno dessa profissão. A cobertura dos média, as fotos das unidades de terapia intensiva, a adesão quase fiel às medidas sugeridas pelos virologistas mostram que o pensar e o agir eram e são unilaterais. Espera-se que as consequências necessárias sejam extraídas após a crise, nomeadamente a inclusão de perspectivas variadas. Em última análise, isso também depende de nós mesmos. Como cidadãos, cabe-nos a nós a forma como sair desta crise. O fator decisivo é a consciência da nossa dependência mútua e de pertermos um ao outro. O que se segue de tudo isso?

Pode algo novo emergir da crise corona?

Vamos agora usar esta situação para fortalecer a democracia, a solidariedade de uns com os outros e a crescente percepção de que todos os grupos profissionais são sistemicamente relevantes, bem como o reconhecimento e a confiança na ciência. Porque: “Desta vez não são os bancos que são sistemicamente relevantes, mas as ciências”, disse o astrofísico e filósofo Harald Lesch em uma entrevista sobre a importância da comunicação científica na época da Corona. A comunicação científica sempre teve que fazer o ato de equilibrar as expectativas do público e ao mesmo tempo a incerteza do conhecimento científico e, no momento atual, talvez tenha a chance de ganhar confiança a longo prazo. Situações como a pandemia são terríveis em si mesmas. No entanto, são também um processo de renovação e a oportunidade única de reaprender o valor da vida.

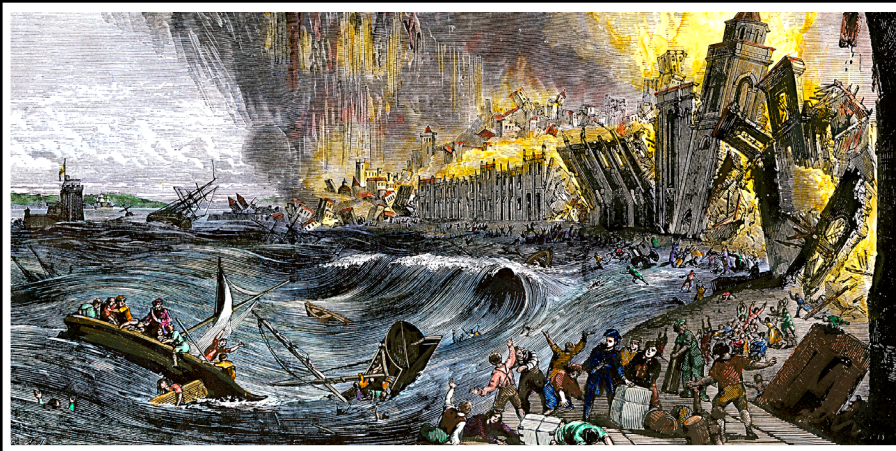
Sternen.“⁽³⁾ So werden die Einschränkungen mehr oder weniger ohne Murren akzeptiert oder wie Hartmut Rosa schreibt: „Ich staune noch immer, dass innerhalb so kurzer Zeit in einem so großen geografischen Ausmaß so viele Prozesse ausgesetzt wurden. Es gibt eine gewaltige wirtschaftliche und soziale Verlangsamung, doch diese ist verbunden mit einer physischen Verlangsamung, die körperlich spürbar ist.“⁽⁴⁾ Grundsätzlich ist es kein schlechtes Zeichen, dass man in dieser Krise relativ gelassen reagiert, statt sich von der Erregungsspirale in den sozialen Netzwerken irritieren zu lassen. Auch die Ansicht des italienischen Philosophen und Essayisten Giorgio Agamben, dass mit der Corona-Krise der Untergang der Demokratie bevorsteht, kann so nicht geteilt werden. Im Gegenteil: Diese hat sich im Kern bewährt.⁽⁵⁾

Von Systemrelevanz und der Rolle des Helden – damals und heute

Ein dritter Aspekt scheint ebenfalls bedeutsam: Das ist die Rolle des Helden bei Camus. Es ist typischerweise ein Mediziner. Auch in der aktuellen Krise scharen sich viele um diese Profession. Die Berichterstattung in den Medien, die Bilder von den Intensivstationen, die nahezu gläubige Befolgung der seitens der Virologen vorgeschlagenen Maßnahmen zeigen auf, dass zu einseitig gedacht und gehandelt wurde und wird. Es bleibt zu hoffen, dass nach der Krise die notwendigen Konsequenzen gezogen werden, nämlich die Einbeziehung multiperspektivischer Sichtweisen. Das hängt letztlich auch von uns selbst ab. Wir, als Bürgerinnen und Bürger, haben es in der Hand, wie wir aus dieser Krise herauskommen. Entscheidend ist das Bewusstsein unserer gegenseitigen Abhängigkeit und Zugehörigkeit zueinander. Was folgt aus dem Ganzen?

Kann aus der Corona-Krise etwas Neues entstehen?

Nutzen wir diese Situation zur Stärkung der Demokratie, der Solidarität untereinander und der wachsenden Einsicht aller systemrelevanten Berufsgruppen sowie der Anerkennung der und dem Vertrauen in die Wissenschaft. Denn: „Diesmal sind nicht die Banken systemrelevant, sondern die Wissenschaften“, so Astrophysiker und Philosoph Harald Lesch im Gespräch über die Bedeutung von Wissenschaftskommunikation in Zeiten von Corona.⁶ Wissenschaftskommunikation muss seit jeher



Das Erdbeben von Lissabon.
O terramoto de Lisboa.

“Não era incomum no passado que houvesse crises que libertassem uma nova mentalidade social - e, assim, criassem uma nova imagem do futuro.” “A praga da Idade Média acabou levando ao Renascimento, cujo cerne era uma nova descoberta do homem. O terremoto de Lisboa em 1755 deu um impulso poderoso ao Iluminismo - um novo padrão de interpretação tornou-se visível e poderoso”, diz Matthias Horx. Termos como higiene e distância ainda serão importantes daqui a 500 anos. Não devemos esquecer isso durante e após a atual crise da Corona e o abalo dos sistemas.

den Spagat zwischen den öffentlichen Erwartungen und zugleich der Unsicherheit wissenschaftlicher Erkenntnis leisten und hat in der aktuellen Zeit vielleicht die Chance das Vertrauen dauerhaft zu erlangen.

Situationen wie die Pandemie sind in sich schlimm. Dennoch sind sie auch ein Erneuerungsprozess und die Möglichkeit den Wert des Lebens nochmal neu zu lernen.

„Nicht selten waren es in der Vergangenheit Krisen, die eine neue gesellschaftliche Mentalität freisetzen – und damit ein neues Zukunftsbild schufen.“ „Die Pest des Mittelalters führte letztlich in die Renaissance, deren Kern eine Neuentdeckung des Menschen darstellte. Das Erdbeben von Lissabon 1755 gab der Aufklärung einen kräftigen Schub – ein neues Deutungsmuster wurde sichtbar und deutungsmächtig“, so Matthias Horx. Begriffe wie Hygiene und Abstand werden auch noch in 500 Jahren von Bedeutung sein. Das sollten wir in und auch nach der aktuellen Corona-Krise und der Erschütterung der Systeme nicht vergessen.

Buchtipps, zum Weiterlesen:

„Corona und die Pflege. Denkanstöße – die Corona-Krise und danach“, Verena Breitbach und Hermann Brandenburg (Hrsg.), seit 7.8.2021 im Handel, Springer Science, ISBN 978-3-658-34045-2. Der Link zum Buch: <https://www.springer.com/de/book/9783658340445>

Im Folgenden wird bewusst der Terminus Corona-Pandemie genutzt, auch wenn diese Bezeichnung unscharf ist. Er ist jedoch ein mittlerweile alltagssprachlich etablierter Terminus. Das Virus heißt offiziell SARS-CoV-2 und die Krankheit COVID-19.

Vgl. Phillip Blom: Was wir vom Erdbeben in Lissabon 1755 lernen können, unter:

https://www.deutschlandfunkkultur.de/coronakrise-was-wir-vom-erdbeben-in-lissabon-1755-lernen.1005.de.html?dram:article_id=488875, letzter Zugriff: 22.08.2021.

Phillip Blom: Die Pandemie ist unser philosophisches Erdbeben, in: Neue Zürcher Zeitung, unter: <https://www.nzz.ch/feuilleton/philipp-blom-zur-corona-pandemie-und-zum-erdbeben-von-lissabon-ld.1565708>, letzter Zugriff: 22.08.2021.

Vgl. Phillip Blom: Was wir vom Erdbeben in Lissabon 1755 lernen können, unter: https://www.deutschlandfunkkultur.de/coronakrise-was-wir-vom-erdbeben-in-lissabon-1755-lernen.1005.de.html?dram:article_id=488875, letzter Zugriff: 22.8.2021..

Vgl. Ebd.

Vgl. Prof. Dr. Christian Wolf: JA Editorial 12/2020:

<https://rsw.beck.de/zeitschriften/ja/editorial/2020/11/23/ja-editorial-12-2020>, letzter Zugriff: 22.08.2021.

„Corona-Pandemie: Niemand kann sich abschotten.“ Interview mit Herfried Münkler, in: „Die ZEIT“, 16.04.2020.

Lobo, Sascha: „Wider die Vernunftpanik“, in: www.spiegel.de, 18.03.2020.

„Wir sind in einem Versuchslabor.“ Interview mit Hartmut Rosa, in: taz, 25.3.2020.

„Auf einmal sind wir die Gejagten“. Interview mit Hartmut Rosa, in: Philosophie Magazin, 18.03.2020.

Vgl. Agamben, Giorgio: Zum Umgang der liberalen Demokratien mit dem Coronavirus: Ich hätte da eine Frage, in: Neue Zürcher Zeitung, 15.04.2020.

„Diesmal sind nicht die Banken systemrelevant, sondern die Wissenschaften“. Interview mit Harald Lesch, in: Merton Magazin, 24.03.2020.

Matthias Horx: Wie Corona unser Denken verändert, unter:

<https://www.zukunftsinstitut.de/artikel/wie-corona-unser-denken-veraendert/>, letzter Zugriff: 22.8.2021.

Ebd.

Die Krankenhausstiftung von Königin Stephanie und ihre Vorbilder

A Fundação Hospitalar da Rainha Dona Estefânia e o seu exemplo internacional

Annett Büttner

■ Auch schon vor der Erfindung des Internets verband ein informelles Netzwerk diejenigen Menschen, die sich für ein gemeinsames Thema interessierten. So standen im 19. Jahrhundert zahlreiche Reformer der Krankenpflege und Sozialarbeit miteinander in Verbindung. Die Engländerin Florence Nightingale (1820-1910) lernte beispielsweise über den preußischen Gesandten in London Baron Christian von Bunsen (1791-1860) die Arbeit von Pfarrer Theodor Fliedner (1800-1864) in Kaiserswerth kennen. Fliedner hatte im Jahr 1836 in dem kleinen Städtchen vor den Toren Düsseldorfs die weltweit erste evangelische Schwesternschaft gegründet, deren guter Ruf sich bald bis nach Großbritannien herumgesprochen hatte.

Bunsen arbeitete mit Fliedner 1845 bei der Gründung des German Hospital im Londoner Stadtteil Dalston eng zusammen. Dieses Hospital war vermutlich das erste Krankenhaus, was Nightingale in ihrem Leben besichtigt hat. 1850 und 1851 besuchte die Engländerin dann persönlich die Diakonissenanstalt Kaiserswerth und hospitierte auf allen Arbeitsfeldern, so im Lehrerinnenseminar, im Waisenhaus und vor allem in Krankenhaus. Dabei erhielt sie wichtige Impulse für ihren weiteren Lebensweg als Reformerin der Krankenpflege und des Militärsanitätswesens. Allerdings war sie zu diesem Zeitpunkt noch völlig unbekannt und nur eine von zahlreichen Engländerinnen, die in die junge Anstalt kamen, um zu lernen. Erst durch ihre Arbeit in den Hospitälern des Krimkrieges (1854-1856) erlangte sie internationales Ansehen. Als sie sich dann auch auf dem Gebiet des Krankenhausbaus einen Namen gemacht hatte, kam sie indirekt auch mit Stephanie von Hohenzollern-Sigmaringen (1837-1859) in Verbindung.

Kurz nach Nightingales Besuch in Kaiserswerth zog die junge Prinzessin im Frühjahr 1852 mit ihren Eltern nach Düsseldorf. Ihr Vater Karl Anton (1811-1885) tat hier als Divisionskommandeur Dienst, die Familie lebte im

■ *Mesmo antes da invenção da Internet, uma rede informal unia pessoas interessadas num tópico comum. No século 19, por exemplo, vários reformadores da enfermagem e do serviço social estavam já em contato uns com os outros. A inglesa Florence Nightingale (1820-1910), por exemplo, conheceu a obra do pastor Theodor Fliedner (1800-1864) em Kaiserswerth, por meio do embaixador prussiano em Londres, barão Christian von Bunsen (1791-1860). Em 1836, Fliedner fundou a primeira irmandade protestante do mundo na pequena cidade nos arredores de Düsseldorf, cuja reputação logo se espalhou até à Grã-Bretanha.*

Bunsen trabalhou em estreita colaboração com Fliedner em 1845 para fundar o Hospital Alemão em Dalston, Londres. Este hospital foi provavelmente o primeiro hospital que Florence Nightingale visitou na sua vida. Em 1850 e 1851, a inglesa visitou pessoalmente a instituição das diaconisas Kaiserswerth e participou em todos os ramos de trabalho, por exemplo, no seminário de professores, no orfanato e, sobretudo, no hospital. Ao fazer isso, ela recebeu impulsos muito importantes para a sua vida futura como uma reconhecida reformadora dos serviços médicos militares e de enfermagem.

Naquela época, porém, ela ainda era completamente desconhecida e apenas uma das muitas mulheres inglesas que vinham para a jovem instituição para estudar. Foi somente por meio do seu trabalho nos hospitais da Guerra da Crimeia (1854-1856) que alcançou renome internacional. Depois de fazer o seu nome no campo da construção de hospitais, ela indiretamente entrou em contato com Stephanie von Hohenzollern-Sigmaringen (1837-1859).

Pouco depois da visita de Florence Nightingale a Kaiserswerth, a jovem princesa mudou-se para Düsseldorf com seus pais na primavera de 1852. Seu pai, Karl Anton (1811-1885) serviu nesta cidade como comandante de divisão e a família morava no Palácio Jägerhof. A jovem logo adquiriu grande reputação na



Émilie Schneider



Florence Nightingale



Florence Nightingale (Archiv der Fliedner-Kulturstiftung
Kaiserswerth) Kaiserswerth

sociedade urbana pela sua devoção pessoal aos pobres e doentes. Estefânia certamente ouviu falar do trabalho do pastor Fliedner em Kaiserswerth, porque sua mãe, a princesa Josephine de Baden (1813–1900) visitou a instituição das diaconisas em 30 de junho de 1853 junto com uma dama de companhia e um camareiro e foi apresentada aos ramos individuais do trabalho disponível.

Outra inspiração para lidar com as questões de enfermagem foi o contato próximo com a ordem católica das Irmãs da Santa Cruz, no vizinho Hospital de Santa Teresa (Theresien Hospital). Não foi até junho de 1852 que esta comunidade assumiu a casa na Ritterstrasse da contemplativa Cellitinnen e a transformou num hospital para mulheres com 34 camas. Com a expansão de um puro sanatório em contraste com os hospitais tradicionais, as irmãs acompanharam totalmente a tendência da época. Enquanto este último serviu de base de acolhimento para todos os tipos de pessoas necessitadas durante séculos e, além dos doentes, também acolhia pobres, idosos, órfãos e outras pessoas necessitadas, os novos hospitais foram totalmente destinados para estadias de curta duração para pacientes com o objetivo de recuperação. Em particular, a princesa Estefânia e sua mãe tinham uma relação estreita com a Superiora das Filhas da Santa Cruz, Emilie Schneider (1820-1859) e visitaram-na várias vezes no seu local de trabalho.

Depois de casar e mudar-se para Lisboa em 1858, a jovem rainha continuou a sua obra de caridade. No início, ela deu ao Theresienhospital Düsseldorf 100 táleres. Um álbum com as vistas da cidade que lhe foi dado quando ela deixou a cidade consequentemente também continha uma aquarela do interior da Capela de São José, que servia como igreja do hospital e era frequentemente visitada pela família real. Inúmeras epidemias, como a cólera, assolaram Portugal em meados do século XIX. Com o marido, a Rainha Dona Estefânia visitou hospitais com frequência, notando que as crianças costumavam ser divididas com os adultos nos mesmos quartos dos pacientes. Ela doou o seu dote para a construção de um hospital infantil separado, para remediar essa situação. Em particular, a taxa de mortalidade extremamente alta entre as crianças em hospitais gerais deveria ser reduzida desta forma. Chegava a 80% porque os funcionários não foram treinados e não podiam dedicar toda a atenção às crianças. Por outro lado, serviu para evi-

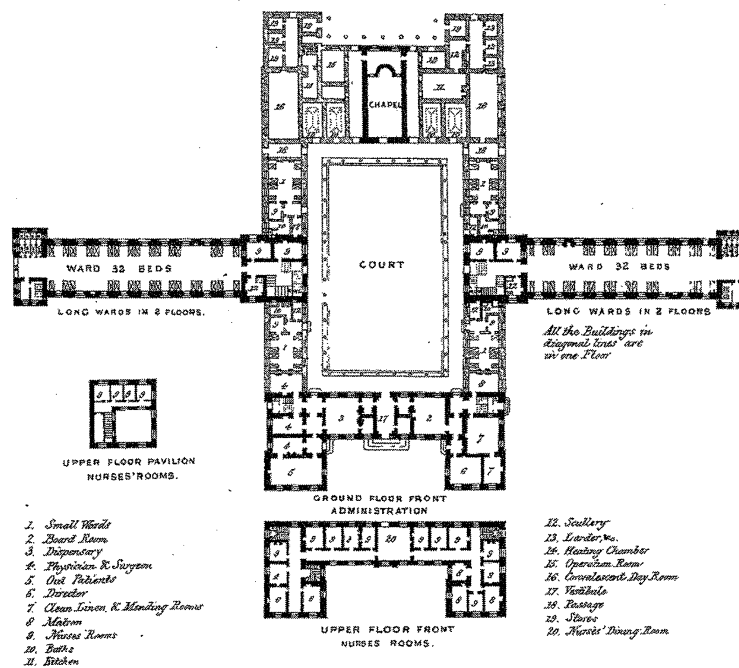
Schloss Jägerhof. Bald erwarb sich die junge Frau durch ihre persönliche Hinwendung zu Armen und Kranken hohes Ansehen in der Stadtgesellschaft. Sicherlich hat Stephanie auch von der Arbeit Pfarrer Fliedners in Kaiserswerth gehört, denn ihre Mutter Fürstin Josephine (1813–1900) besuchte am 30. Juni 1853 gemeinsam mit einer Hofdame und einem Kammerherrn die Diakonissenanstalt und ließ sich mit den einzelnen Arbeitszweigen bekannt machen.

Eine weitere Inspiration, sich mit Fragen der Krankenpflege zu beschäftigen, bot der enge Kontakt zur katholischen Ordensgemeinschaft der Schwestern vom Heiligen Kreuz im nahe gelegenen Theresienhospital. Erst im Juni 1852 hatte diese Gemeinschaft das Haus in der Ritterstraße von den kontemplativen Cellitinnen übernommen und zu einem Krankenhaus für Frauen mit 34 Betten umgestaltet. Mit dem Ausbau als reine Heilanstalt im Gegensatz zu den traditionellen Hospitälern lagen die Schwestern ganz im Trend der damaligen Zeit. Während letztere über Jahrhunderte als Auffangbecken für Bedürftige aller Art dienten und neben Kranken auch Arme, Alte, Waisen und sonstige Bedürftige aufnahmen, waren die neuen Krankenhäuser ganz auf einen kurzzeitigen Aufenthalt von Patienten mit dem Ziel der Genesung ausgerichtet. Insbesondere zur Oberin der Töchter vom Heiligen Kreuz Emilie Schneider (1820-1859) hatten Prinzessin Stephanie und ihre Mutter ein enges Verhältnis und besuchten sie wiederholt in ihrem Sprechzimmer.

Nach ihrer Eheschließung und der Übersiedlung nach Lissabon im Jahr 1858 setzte die junge Königin ihre karitative Tätigkeit fort. Zunächst bedachte sie das Theresienhospital Düsseldorf mit 100 Talem. Ein ihr zum Abschied von der Stadt geschenktes Album mit Ansichten der Stadt enthielt folgerichtig auch ein Aquarell des Innenraums der als Hospitalkirche dienenden St. Josephs-Kapelle, die von der Fürstenfamilie häufig besucht wurde.

Zahlreiche Seuchen, wie die Cholera, wüteten in der Mitte des 19. Jahrhunderts in Portugal. Gemeinsam mit ihrem Mann besuchte Königin Stephanie wiederholt Krankenhäuser, wobei ihr auffiel, dass Kinder häufig gemeinsam mit Erwachsenen in denselben Patien-

PLAN OF CHILDREN'S HOSPITAL, LISBON.



Bauplan des Kinderkrankenhauses Hospital Dona Estefânia in Lissabon (Florence Nightingale, Notes on Hospitals, 3. erweiterte Auflage, London 1863).

Plano do Hospital Dona Estefânia.



Diakonissenkrankenhaus auf dem Kaiserswerther Markt um 1850 (Archiv der Fliedner-Kulturstiftung Kaiserswerth).
Hospital de diaconisas em "Kaiserswerther Markt", por volta de 1850 (arquivo da Fundação Cultural Fliedner Kaiserswerth)



Kinderkrankensaal des Diakonissenkrankenhauses Kaiserswerth (Archiv der Fliedner-Kulturstiftung Kaiserswerth).
Sala do hospital infantil.

tar que as típicas doenças infantis altamente contagiosas, como a caxumba, o sarampo e a rubéola, fossem transmitidas a pacientes adultos e, inversamente, para evitar que as crianças se infectassem com germes hospitalares. Nessa época, a medicina estava cada vez mais voltada para os pacientes jovens. A infância como uma fase independente da vida era agora levada a sério e a pediatria emergiu como uma disciplina especializada, separada na segunda metade do século XIX. Em 1802, o primeiro hospital infantil da Europa abriu suas portas em Paris, e outros seguiram algum tempo depois em Viena, Berlim, Londres e Moscovo. O Kaiserswerth Deaconess Hospital também tinha o seu próprio departamento infantil em meados do século XIX.

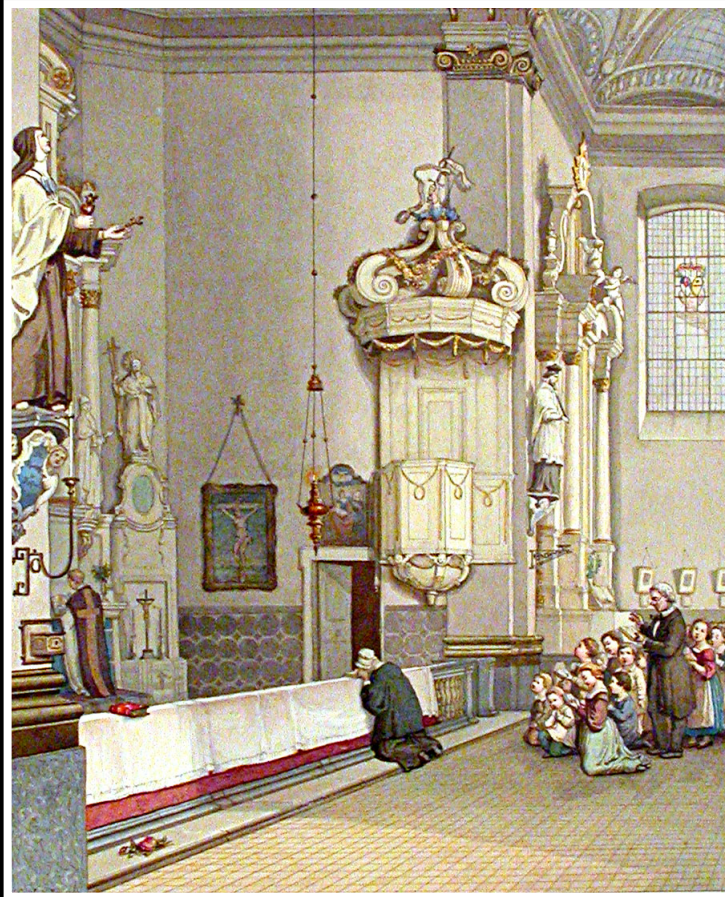
Com a fundação de um hospital, a rainha moveu-se dentro dos modelos de papéis que as mulheres nobres tinham na época. Isso incluía trabalho religioso e de caridade. Ao mesmo tempo, no entanto, ao optar por uma instituição especialmente projetada para crianças, ela demonstrou uma perícia e visão que iam muito além do escopo dos compromissos de caridade aristocráticos da época. A construção do hospital real ocorreu após a morte prematura de Dona Estefânia sob o patrocínio de seu marido Dom Pedro V (1837-1861). Ele era parente do Príncipe Albert, marido da Rainha Vitória, por meio de seu pai Ferdinand II de Saxe-Coburg-Gotha. Esse relacionamento permitiu ao viúvo entrar em contato com a agora internacionalmente conhecida Florence Nightingale. Ela foi convidada a acompanhar os planos de construção elaborados pelo arquiteto da corte britânica Albert Jenkins Humbert (1821-1877). Foi o primeiro hospital infantil para o qual ela aconselhou.

No início, houve um pequeno mal-entendido. O primeiro biógrafo de Florence Nightingale, Sir Edward Cook, relatou a respeito: “Este caso ocupou parte de sua atenção durante dois anos e causou-lhe uma grande impaciência. Com o Dr. com a ajuda de Sutherland, ela examinou laboriosamente os planos apresentados pelo arquiteto do rei, supondo que o hospital fosse destinado a adultos. Pareceu então que o rei queria um hospital infantil. O Príncipe Consorte, por meio do Coronel Phipps, ficou profundamente entristecido com ‘a perda de tempo da Sra. Nightingale e de sua força, tão preciosa’. Dom Pedro V., tendo uma visão mais fácil, não viu que se importava. Um hospital, construído para adultos, mas destinado a crianças, iria, - Sua Majestade agradavelmente sugeriu -, ‘apenas daria às crianças

tenzimmern untergebracht waren. Sie stiftete ihre Mitgift für die Errichtung eines separaten Kinderhospitals, um diesem Missstand abzuhelpfen. Vor allem die extrem hohe Sterblichkeit von Kindern in Allgemeinkrankenhäusern sollte so gesenkt werden. Sie betrug bis zu 80 %, weil das Personal nicht geschult war und seine Aufmerksamkeit nicht uneingeschränkt den Kindern widmen konnte. Zum anderen diente es dazu, die typischen hoch ansteckenden Kinderkrankheiten wie Mumps, Masern und Röteln nicht an die erwachsenen Patienten weiter zu geben und umgekehrt eine Infektion von Kindern durch Krankenhauskeime zu verhindern. Die Medizin wandte sich zu dieser Zeit gerade verstärkt jungen Patienten zu. Die Kindheit als eigenständiger Lebensabschnitt wurde nun ernst genommen und die Pädiatrie entstand in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts als eigene Fachdisziplin. 1802 hatte in Paris das erste Kinderkrankenhaus Europas seine Tore geöffnet, weitere folgten mit großem zeitlichem Abstand in Wien, Berlin, London und Moskau. Auch im Kaiserswerther Diakonissenkrankenhaus existierte in der Mitte des 19. Jahrhunderts bereits eine eigene Kinderabteilung.

Mit der Stiftung eines Krankenhauses bewegte sich die Königin im Rahmen der Rollenbilder, die adeligen Frauen zu dieser Zeit zugebilligt wurden. Die umfassten religiöse Betätigung und karitatives Wirken. Gleichzeitig bewies sie aber durch die Festlegung auf eine speziell für Kinder gedachte Einrichtung Sachkenntnis und Weitblick, die weit über den Rahmen adeligen wohlthätigen Engagements hinausgingen. Der eigentliche Krankenhausbau erfolgte allerdings erst nach dem frühen Tod Stephanies unter der Schirmherrschaft ihres Gatten Peters V. (1837-1861). Er war über seinen Vater Ferdinand II. von Sachsen-Coburg-Gotha entfernt mit Prinz Albert, dem Ehemann von Queen Victoria verwandt. Diese Beziehung ermöglichte dem Witwer den Kontakt zur nun schon international bekannten Florence Nightingale. Sie wurde gebeten, die vom britischen Hofarchitekt Albert Jenkins Humbert (1821-1877) erstellten Baupläne zu begleiten. Es handelte sich um das erste Kinderkrankenhaus, für das sie beratend tätig wurde.

Dabei kam es zunächst zu einem kleinen Missverständnis. Der erste Nightingale-Biograf Sir Edward Cook berichtete darüber: „This affair occupied some of



Carmeliten-Kirche", der Name stammt noch von den früher dort beheimateten Schwestern.
(Gustav Süß, aquarellierte Zeichnung aus dem Faksimile der Erinnerungen an Düsseldorf,
Verlag Carlos Quintas, Lisboa/Düsseldorf 2008, Bild 19).

"Igreja Carmelita", o nome ainda vem das irmãs que moravam ali.
(Gustav Süß, desenho em aquarela do fac-símile das memórias de Düsseldorf, Verlag
Carlos Quintas, Lisboa / Düsseldorf 2008, imagem 19).

mais espaço e mais ar'. O rei precisava ainda de receber uma lição sobre as sutilezas da construção de hospitais. O arquiteto e a Sra. Nightingale voltaram a trabalhar nos planos corrigidos. Suas sugestões foram calorosamente aprovadas, em nome do Príncipe Consorte, por Sir James Clark, e Dom Pedro enviou-lhe uma cordial carta de agradecimento. “

A casa tinha as melhores instalações possíveis na época, com água corrente quente e fria e as casas de banho com água em tamanhos adequados para crianças. A ventilação, as salas cirúrgicas e as salas comuns correspondiam ao que havia de mais moderno na época. As extensas considerações antecipadas tornaram-no uma espécie de hospital modelo internacional para crianças. Em suas “Notas sobre hospitais” em 1863, Nightingale escreveu: “Se os hospitais das crianças forem construídos, este é o tipo de plano que deve ser adaptado. Mas cada variação exigirá tanta consideração cuidadosa quanto foi concedida ao plano original.”

Graças à cooperação internacional na preparação para a sua construção, Dom Pedro V. não só montou um monumento à sua falecida mulher como deu novos caminhos ao tratamento hospitalar infantil.

her attention during two years, and caused her not a little impatience. With Dr. Sutherland's help, she went laboriously through the plans submitted by the King's architect on the assumption that the hospital was intended for adults. It then appeared that the King wanted was a Children's Hospital. The Prince Consort, through Colonel Phipps, was deeply grieved at 'the waste of Miss Nightingale's time and of her strength, so precious.' Dom Pedro V., taking an easier view, did not see that it mattered. A hospital, constructed for adults, but intended for children, would, His Majesty pleasantly suggested, 'only give the children more room and more air.' The King had to be given a lesson in the niceties of hospital construction. The architect and Miss Nightingale set to work again on amended plans. Her suggestions were warmly approved, on the Prince Consort's behalf, by Sir James Clark, and Dom Pedro sent her a cordial letter of thanks.“

Das Haus verfügte mit fließendem Warm- und Kaltwasser und Wassertoiletten in kindgerechter Größe über die beste Ausstattung, die zu dieser Zeit möglich war. Belüftung, Operations- und Aufenthaltsräume entsprachen dem neuesten Stand damaligen Wissens. Die umfangreichen Überlegungen im Vorfeld ließen es quasi zum internationalen Musterkrankenhaus für Kinder werden. In ihren „Notes on hospitals“ schrieb Nightingale 1863: „If children's hospitals are to be built at all, this is the kind of plan that should be adopted. But every variation from it will require as much careful consideration as was bestowed on the original plan.“

Durch die internationale Zusammenarbeit im Vorfeld seiner Erbauung setzte Dom Pedro damit nicht nur seiner verstorbenen Gattin ein Denkmal.

A Fundação Dom Manuel II e a Casa Real de Portugal

Die Stiftung Dom Manuel II und das Königshaus von Portugal

Vítor Escudero de Campos

Primórdios

■ Instituída por testamento da última Rainha portuguesa, Sua Majestade a Senhora Dona Augusta Victória de Hohenzollern-Sigmaringen (Potsdam, 19 de Agosto de 1890 - Sigmaringen, 30 de Agosto de 1966), viúva de Sua Majestade o Rei Dom Manuel II, a Fundação Dom Manuel II foi criada a 16 de Agosto de 1968, e obteve o reconhecimento oficial a 24 de Setembro de 1968.

Os objectivos iniciais da Fundação pautavam-se, como era tradição da Casa Real de Portugal, pelo apoio e patrocínio a obras filantrópicas e de beneficência de vários quadrantes, fazendo jus à memória de grande humanista que foi Sua Majestade o Rei Dom Manuel II.

Enquanto monarca reinante e, depois, durante os seus anos de exílio, mormente em Inglaterra, onde veio a falecer em 2 de Julho de 1932, Sua Majestade o Rei Dom Manuel II manifestou sempre um peculiar interesse pelo estudo e preservação da língua e cultura portuguesas e participou, pessoal e empenhadamente, no apoio e recuperação dos soldados portugueses feridos na I Guerra Mundial (1916-1918).

Atualmente, Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, preside à Fundação Dom Manuel II, mantendo assim os tradicionais laços e vínculos da Fundação à Família Real e à Casa de Bragança. No seu âmbito de actuação e missão, a Fundação dedica-se, sobretudo, à preservação dos laços culturais, ao fomento e apoio assistencial entre Portugal e os países lusófonos.

Missão

A Fundação Dom Manuel II é uma instituição particular, sem fins lucrativos, de assistência social, educacional, científica e cultural, com acções no território nacional, nos países lusófonos e nas comunidades da diáspora portuguesa espalhada por todo o mundo. Devido ao seu importante e significativo labor, leva-

Anfänge

■ Gegründet durch ein Testament der letzten portugiesischen Königin, Augusta Victoria de Hohenzollern-Sigmaringen (Potsdam, 19. August 1890 - Sigmaringen, 30. August 1966), Witwe von König Dom Manuel II., die Stiftung Dom Manuel II. wurde am 16. August 1968 gegründet und erhielt am 24. September 1968 die offizielle Anerkennung.

Die anfänglichen Ziele der Stiftung wurden - wie es die Tradition des Königshauses von Portugal war, durch die Unterstützung und Förderung philanthropischer und karitativer Werke aus verschiedenen Richtungen geleitet -, ein Andenken an den großen Humanisten König Dom Manuel II eingerichtet.

Während seiner regierenden Monarchie (1908-1910) sowie später während seiner Exiljahre, hauptsächlich in England, wo er am 2. Juli 1932 starb, zeigte König Dom Manuel II. immer ein besonderes Interesse am Studium sowie der Erhaltung der portugiesischen Sprache und Kultur. Er beteiligte sich persönlich und aktiv bei der Unterstützung und Bergung portugiesischer Soldaten, die im Ersten Weltkrieg (1916-1918) verwundet waren.

Derzeit präsidiert Dom Duarte, Herzog von Bragança, die Stiftung Dom Manuel II. und hält so die traditionellen Verbindungen der Stiftung zur königlichen Familie und zum Haus von Bragança aufrecht. Die Stiftung widmet sich im Rahmen ihres Wirkungs- und Auftragsbereiches vor allem der Erhaltung der kulturellen Bindungen, der Förderung und der Hilfeleistung zwischen Portugal und den portugiesisch sprachigen Ländern.

Mission

Die Stiftung Dom Manuel II. ist eine private, gemeinnützige, soziale, pädagogische, wissenschaftliche und kulturelle Institution mit Aktionen innerhalb des Staatsgebietes, in portugiesisch sprachigen Ländern und in den portugiesischen Diaspora-Gemeinschaften



Auguste Viktoria von Hohenzollern-Sigmaringen (1913–1932) und König Dom Manuel II.



Foto do casamento.



O casamento real no exílio (4. September 1913)
Die königliche Hochzeit im Exil (4 de Setembro de 1913)



Auguste Viktoria von Hohenzollern-Sigmaringen. Gemälde/quadro de von Philip Alexius de László.

auf der ganzen Welt. Aufgrund seiner wichtigen und bedeutenden Arbeit, die über mehrere Jahrzehnte hinweg geleistet wurde, wurde ihm der Status einer NGDO (Non-Governmental Development Organizations) anerkannt. Die Stiftung ist auch beratender Beobachter für die CPLP (Comunidades dos Países de Língua Oficial Portuguesa) – der Gemeinschaft portugiesisch sprachiger Länder.

Mit dem Ziel, die portugiesische Sprache und Kultur zu verteidigen, zu würdigen sowie zu verbreiten, integriert die Stiftung Dom Manuel II. den thematischen Ausschuss der CPLP-Berater für die Förderung und Verbreitung der portugiesischen Sprache.

Aufgrund der wirksamen, affektiven und historischen Beziehung zwischen der Stiftung Dom Manuel II. und dem Königshaus von Portugal - dessen Präsidenten, Direktor und Administrator, der legitime Leiter des portugiesischen Königshauses ist -, übernahm Dom Duarte, Herzog von Bragança, die Führung.

Die Direktoren und Verwalter sind Dr. Miguel Horta e Costa, Dr. Augusto Ferreira do Amaral, Dr. Dom Jaime Roque Pinho d'Almeida, Marquês de Lavradio und Dr. Adalberto Neiva de Oliveira. Die Mitglieder des Verwaltungsrats führen ihre Funktionen seit seiner Gründung der Stiftung unentgeltlich aus.

Das Sachvermögen der Stiftung umfasst das gesamte Vermögen des Erblassers mit Sitz in Portugal sowie alle bei der Banco Coutts & Co. in London und bei der Vermögensverwaltung der von König Dom Manuel II. hinterlegten Dokumente.

Die Hauptfinanzierungsquelle der Stiftung sind heute die Einnahmen aus dem von Augusta Viktoria in Chiado (Lissabon) hinterlassenen Besitz, hauptsächlich in der Rua Vítor Cordon, der Rua dos Duques de Bragança, der Rua António Maria Cardoso und in der Rua do Borja, die antike und königliche Tapada das Necessidades. Der Teil dieses letzten Landes wurde den Schwestern von der Unbefleckten Empfängnis wohlwollend für den Bau des Instituts für Gehörlose abgetreten. Zusätzlich zu diesen Einnahmen, sind Spenden von Einzelpersonen, Körperschaften und privaten Unternehmen.

Die Stiftung Dom Manuel II. verfolgt eine Politik der Selbsttragfähigkeit, indem sie Partner und Sponsoren der Zivilgesellschaft in ihre Aktivitäten einbezieht, ohne finanzielle Unterstützung vom Staat zu erhalten.

Das Kulturerbe der Stiftung Dom Manuel II. umfasst einige Kunstsammlungen - eine davon afrikanische -,

do a efeito ao longo de várias décadas, foi-lhe reconhecido o estatuto de ONGD. É ainda Observador Consultivo da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Com o propósito da defesa, dignificação e divulgação da língua e cultura portuguesa, a Fundação Dom Manuel II integra, a Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos Observadores Consultivos da CPLP.

Devido à profunda relação efectiva, afectiva e histórica mantida entre a Fundação Dom Manuel II e a Casa Real de Portugal, é seu Presidente, Director e Administrador, o legítimo Chefe da Casa Real Portuguesa, Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança. São ainda Directores e Administradores o Dr. Miguel Horta e Costa, o Dr. Augusto Ferreira do Amaral, o Dr. Dom Jaime Roque Pinho d'Almeida, Marquês de Lavradio, e o Dr. Adalberto Neiva de Oliveira. Desde o seu nascimento e ao longo de toda a sua existência os membros da Direcção exercem gratuitamente as suas funções.

Do património material da Fundação fazem parte todos os bens da testadora situados em Portugal e todos os documentos depositados no Banco Coutts & Co., de Londres, e na Administração dos Bens das Herdeiras de Sua Majestade o Rei Dom Manuel II.

Hoje, a Fundação tem como principal fonte de financiamento as receitas do património imóvel deixado por Sua Majestade a Senhora Dona Augusta Victória no Chiado (Lisboa), principalmente na Rua Vítor Cordon, na Rua dos Duques de Bragança, na Rua António Maria Cardoso e na Rua do Borja, à antiga e real Tapada das Necessidades, tendo sido parte deste último terreno cedido benemeritamente às Irmãs da Imaculada Conceição para a construção do Instituto para Surdos-Mudos. Acrescem a estas receitas os donativos de particulares, entidades e empresas privadas.

A Fundação Dom Manuel II segue uma política de auto-sustentabilidade, envolvendo nas suas actividades parceiros e patrocinadores da sociedade civil, não auferindo de apoio financeiro do Estado.

Incorporam o património cultural da Fundação Dom Manuel II algumas colecções de arte - uma delas Africana -, uma Biblioteca e um Arquivo Histórico doa-

dos por Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança que, em Dezembro deste ano da Graça do Senhor de 2022, cumpre 46 anos à frente da Casa Ducal de Bragança e da Casa Real Portuguesa.

Apenas a título exemplificativo, enumeramos algumas das instituições protegidas pela Fundação: Residência de Idosos de Campolide; Comunidades Portuguesas nos Estados Unidos da América e Canadá; Província Portuguesa da Companhia de Jesus; Obras Assistenciais da Soberana e Militar Ordem de Malta; Basílica de Nossa Senhora dos Mártires; Igreja Paroquial do Santíssimo Sacramento; Igreja Paroquial da Sagrada Família de Miratejo; Confraria do Apóstolo Santiago da Basílica dos Mártires; Missionários do Verbo Divino; Prémio Infante Dom Henrique; Vale d'Acor; Centro Juvenil Amadeo Pinto; Casa do Gaiato e centros paroquiais na ajuda ao apoio alimentar e acolhimento de refugiados.

Naturalmente, a ligação aos países lusófonos e a inúmeras comunidades portuguesas no mundo tem motivado diversas acções no campo assistencial e de fomento do sentimento de pertença e de identidade colectiva. São disso exemplo os apoios concedidos aos Missionários Passionistas em Uije, Viana e Calumbo, em Angola; à Escola das Irmãs do Espírito Santo, em Calequisse, à Escola Agrícola e a Rádio, em parceria com o Instituto Pontifício Missionário, no arquipélago de Bijagós, Guiné-Bissau; à formação superior da população feminina, em Inharrime, Namaacha e Moatize junto das Irmãs Salesianas, em Pemba, Moçambique; às Obras Diocesanas, em S. Tomé e Príncipe; à Diocese de Baucau, Timor-Leste, na formação de professores de língua portuguesa e na atribuição de várias bolsas de estudos. Ademais, é neste último território – Timor-Leste –, que, graças ao empenho e envolvimento constantes da Fundação Dom Manuel II, Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, é considerado um genuíno “embaixador” dos ancestrais valores da Pátria e do sentido de modernidade e progresso com que Portugal se afirma já em pleno século XXI.

A Fundação Dom Manuel II, acompanhando as novas tendências científicas e tecnológicas, de colaboração com a Câmara Municipal de Guimarães e a Universidade do Minho, instituiu o Prémio Príncipe da Beira

eine Bibliothek und ein historisches Archiv, gestiftet von Dom Duarte, Herzog von Bragança. Im Dezember diesen Jahres 2021 leitet er die Stiftung bereits 45 Jahre.

Als Beispiel führt die Stiftung einige geschützten Einrichtungen auf: Campolide Seniorenresidenz; Portugiesische Gemeinschaften in den Vereinigten Staaten von Amerika und Kanada; Portugiesische Provinz der Gesellschaft Jesu; Hilfswerke des Souveränen und Militärischen Malteserordens; Basilika Unserer Lieben Frau von den Märtyrern; Pfarrkirche des Allerheiligsten; Pfarrkirche der Sagrada Familia von Miratejo; Bruderschaft des Apostels Santiago von der Basilika der Märtyrer; Missionare des Göttlichen Wortes; Infante-Dom-Henrique-Preis; Vale d'Acor; Amadeo Pinto Jugendzentrum; Casa do Gaiato und Gemeindezentren bei der Unterstützung von Nahrungsmitteln und Unterkünften für Flüchtlinge.

Natürlich hat die Verbindung zu Portugiesisch sprachigen Ländern und zu unzähligen portugiesischen Gemeinschaften auf der ganzen Welt mehrere Aktionen im Bereich der Hilfe und der Förderung des Zusammengehörigkeitsgefühls und der kollektiven Identität motiviert. Ein Beispiel dafür ist die Unterstützung der Passionistischen Missionare in Uije, Viana und Calumbo in Angola; die Escola das Irmãs do Espírito Santo in Calequisse; die Landwirtschaftsschule und das Radio in Partnerschaft mit dem Päpstlichen Missionsinstitut im Archipel von Bijagós, Guinea-Bissau; die Hochschulbildung der weiblichen Bevölkerung in Inharrime, Namaacha und Moatize bei den Salesianerinnen in Pemba, Mosambik; die Diözesanwerke in S. Tomé und Príncipe; der Diözese Baucau, Osttimor, bei der Ausbildung von portugiesisch Lehrern und bei der Vergabe verschiedener Stipendien. Darüber hinaus gilt in diesem letzten Territorium – Timor-Leste – dank des ständigen Engagements der Stiftung Dom Manuel II, Herr Dom Duarte, Herzog von Bragança, als echter “Botschafter” – anerkannt von den überlieferten Werten des Vaterlandes und den Sinn für Modernität und Fortschritt, mit dem sich Portugal im 21. Jahrhundert behauptet.

Die Stiftung Dom Manuel II. folgt neuen wissenschaftlichen und technologischen Trends und hat in Zusammenarbeit mit der Gemeinde Guimarães sowie der Universität Minho den Príncipe da Beira-Preis biomedizinische Wissenschaften ins Leben gerufen und

in die Entwicklung von Studium und Forschung in dem Bereich investiert, in dem sie in der Schnittstelle zwischen Biologie und Gesundheit (Medizin) tätig ist. Sie konzentriert sich auf die Forschung und Analyse menschlicher Krankheiten mit dem Ziel, Ursachen, Auswirkungen sowie Umwelt - und epidemiologische Faktoren - zu verstehen und so Diagnosen und Behandlungen zu verbessern, was angesichts der globalen Katastrophe, die wir mit Covid 19 erleben, eine aktuellere und opportunistische Wichtigkeit darstellt.

Hohenzollern-Sigmarigen

Die Konzeption und Annahme, die die Stiftung Dom Manuel II. verkörperte, ist eng mit dem Haus der Hohenzollern-Sigmarigen verbunden, da es mit dem Königshaus von Bragança vertraut und mit zahlreichen anderen europäischen Höfen verwandt ist.

Prinz Wilhelm von Hohenzollern-Sigmarigen, Oberhaupt eines Hauses und Fürstentums, einer der reichsten und wohlhabendsten eines neuen vereinten Deutschlands, lebte am Donauufer, mitten im Schwarzwald, im prächtigen und prunkvollen Schloss von Sigmarigen, wo die Erinnerungen an Portugal und das Königshaus im Alltag des kleinen Hofes, um den er herum lebte, greifbar und erlebbar waren.

Wilhelms Mutter war die Infantin Dona Antónia de Bragança, Tochter Ihrer Majestät der Königin von Portugal Dona Maria II.. Aber auch Königin Dona Estefânia – emblematische und historische Figur der bilateralen Beziehungen zwischen Lissabon und Düsseldorf – Ehefrau von Dom Pedro V. von Portugal – war Tochter von Prinz Karl-Anton Hohenzollern-Sigmarigen.

Schloss Sigmarigen, eine kleine Hauptstadt des nicht minder kleinen Hauptstaates, war zu Beginn des 20. Jahrhunderts bekannt für die berühmten Sammlungen antiker Gemälde, Skulpturen, Edelmetall - und Glasartefakte aus dem Hause Hohenzollern-Sigmarigen. Diese wurden sorgfältig ausgewählt von Prinz Karl-Anton, Wilhelms Großvater, und sie prägten die Pracht der großen Prunkräume sowie den Stuben und privateren Räumen. Es waren jedoch die von ihrer Mutter, der Infantin von Portugal, Dona Antónia de Bragança, geerbten Stücke, die bei der Dekoration der Innenräume größere Bekanntheit erlangten, die von Prinz Wilhelm selbst, einem Kultivator des Guten und Schönen, in exquisiter Inszenierung dekoriert wurden.

Diese Stücke und Werke - Antiquitäten, Möbel, Por-

para as Ciências Biomédicas, apostando no desenvolvimento do estudo e investigação da área que actua no campo da interface entre biologia e saúde (medicina), voltada para a pesquisa e análise das doenças humanas com o objectivo de compreender as causas, efeitos e factores ambientais e epidemiológicos e, assim, aperfeiçoar diagnósticos e tratamentos... nada mais actual e oportuno, em função da calamidade mundial que estamos a viver com a Covid-19.

Hohenzollern-Sigmarigen

A concepção e o pressuposto que deram corpo à Fundação Dom Manuel II estão estreitamente ligados à Casa de Hohenzollern-Sigmarigen, tal como esta se acha familiarmente relacionada com a Casa Real de Bragança e aparentada a inúmeras outras cortes europeias.

O Príncipe Guilherme de Hohenzollern-Sigmarigen, chefe de uma Casa e Principado, dos mais ricos e prósperos de uma novel Alemanha unificada, vivia à beira do Danúbio, em plena Floresta Negra, no magnífico e opulento castelo de Sigmarigen, onde as memórias de Portugal e da Casa Real eram uma realidade palpável e vivenciada, no quotidiano da pequena corte de que vivia rodeado.

A mãe de Guilherme fora Sua Alteza a Infanta Dona Antónia de Bragança, filha de Sua Majestade a Rainha de Portugal Dona Maria II e de Dom Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, que casara em Lisboa, em 1861, com Sua Alteza o Príncipe Leopoldo Estêvão Carlos de Hohenzollern-Sigmarigen. Mas, também, Sua Majestade a Rainha Dona Estefânia – figura emblemática e histórica das relações bilaterais Lisboa-Düsseldorf –, mulher de Dom Pedro V de Portugal, era filha de Sua Alteza o Príncipe Dom Carlos António de Hohenzollern-Sigmarigen.

O Castelo de Sigmarigen, pequena cidade capital do não menos pequeno estado-principado, era, nos inícios do século XX, um extraordinário repositório do que de melhor se conhecia, à época, em obras de arte. As célebres colecções de pintura antiga, escultura, preciosos artefactos em metal e vidro da Casa de Hohenzollern-Sigmarigen, cuidadosamente seleccionadas pelo Príncipe Carlos António, avô de Guilherme,



La Marquesa de Gortica
Princesa de Asturias

zellan, Steingut, Skulpturen und Statuetten, sind ein bemerkenswerter Kern der portugiesischen und spanischen dekorativen Kunst, von denen viele von König Dom Fernando II. von Portugal ausgewählt und erworben wurden, bereicherten ein Schlossmuseum von spätmantischem Geschmack, wo der Horror-Vacui-Stil beeindruckte.

In dieser exquisiten Umgebung, die von (im-)materiellem Erbe und portugiesischen Erinnerungen geprägt ist, besuchte Dom Manuel II. seine Frau Augusta Victoria von Hohenzollern-Sigmarigen.

Aus seiner ersten Ehe mit Prinzessin Dona Maria Teresa de Borbón-Duas Sicilias hatte Prinz Wilhelm drei Kinder: ein Mädchen, Prinzessin Dona Augusta Victoria, geboren 1890, und zwei Jungen – die Zwillinge Frederico Vítor und Francisco José – geboren im Jahr 1891.

Dom Manuel schrieb im Juni 1912 an seinen lieben Freund, den Marquis de Lavradio: „Meine Cousine, schön, sehr fein, sehr elegant und angenehm“. So war die Hochzeit des letzten portugiesischen Monarchen mit der deutschen Prinzessin bestimmt, die nach ihrem Willen die Stiftung Dom Manuel II. gründete und einrichtete.

Am 4. September 1913 trug der König von Portugal, Dom Manuel II, „der Patriot“, im Schloss von Sigmarigen auf portugiesischem Land in der Kapelle die drei Orden Cristo, Santiago und Aviz sowie die Orden von „Vlies of Gold“ und „The Order of the Garter“. Neben vielen anderen Insignien der wichtigsten Verdienstorden oder dynastischen Orden des Christentums, heiratet er Prinzessin Dona Augusta Victória. Wieder einmal sind beide Häuser vereint und in einer glücklichen Beziehung, dass es bis 1932 dauert, als Dom Manuel in England seine Seele dem Schöpfer schenkt.

In dieser Ausgabe, jetzt in Ihren Händen, der Lisboa-Düsseldorf-Initiative, die sich wie immer edlen und bedeutenden Zwecken widmet, sowohl im kulturellen, wissenschaftlichen als auch im Hilfsbereich, die das Paradigma der sogenannten „Diplomatie des guten Willens“ und Entwicklung der Völker, insbesondere der deutschen Gemeinden in Lissabon und der portugiesischen Gemeinden in Düsseldorf, die alten Beziehungen zwischen dem Königshaus Portugal und dem Fürstentum Hohenzollern-Sigmarigen, bekannt zu machen, ist kein falsches Versprechen.

marcavam a sumptuosidade dos grandes salões de aparato e as salas e saletas das dependências mais privadas. Contudo, eram as peças herdadas de sua mãe, Sua Alteza a Infanta de Portugal, Dona Antónia de Bragança, que maior notoriedade ganhava na ornamentação dos interiores, sonhada e criada pelo próprio Príncipe Guilherme, um cultor do bom e do belo, em requintadas encenações decorativas.

E estas peças e obras - antiguidades, mobílias, porcelanas, faianças, esculturas e estatuetas, notável núcleo de artes decorativas portuguesa e espanhola -, muitas delas escolhidas e adquiridas por Sua Majestade o Rei Dom Fernando II, de Portugal, enriqueciam um castelo-museu de gosto tardo-romântico onde o estilo do *horror vacui* imperava e impressionava.

Foi neste requintado cenário, impregnado de património (i)material e memórias portuguesas que Sua Majestade o Senhor Dom Manuel II, Rei de Portugal, visitou, em 1912, o seu primo, o Príncipe Guilherme de Hohenzollern-Sigmarigen, e conheceu aquela que viria a ser a sua mulher, Sua Alteza a Senhora Dona Augusta Victória de Hohenzollern-Sigmarigen.

Do seu primeiro casamento com a Princesa Dona Maria Teresa de Borbón-Duas Sicilias, o Príncipe Guilherme teve três filhos: uma rapariga, Sua Alteza a Princesa Dona Augusta Victória, nascida em 1890, e os dois rapazes – os gémeos Frederico Vítor e Francisco José –, nascidos em 1891.

Dom Manuel, em Junho de 1912, escreve ao amigo dilecto, o Marquês de Lavradio “Minha prima, bonita, muito fina, muito elegante e agradável”. Estava, assim, destinado o casamento do último monarca português com a princesa alemã que, por sua decisão testamentária, cria e institui a Fundação Dom Manuel II. No dia 4 de Setembro de 1913, no Castelo de Sigmarigen, sobre terra portuguesa, o Rei de Portugal, Dom Manuel II, “o patriota”, ostentando a banda das três ordens – Cristo, Santiago e Aviz -, a Ordem do Tosão de Ouro e a Ordem da Jarreteira, entre muitas outras insígnias das mais importantes ordens de mérito ou dinásticas da Cristandade, casa-se a Princesa Dona Augusta Victória. Mais uma vez, ambas as Casas estão unidas e, numa feliz relação, vai durar até 1932 quando Dom Manuel, em Inglaterra, entrega a alma ao Criador.



Nesta edição, ora nas vossas mãos, da ‘Iniciativa Lisboa-Düsseldorf’, como sempre, dedicada a causas nobres e significantes, tanto no campo cultural, científico ou assistencial, que apoiem o paradigma da denominada “diplomacia das boas vontades” e o desenvolvimento dos povos, especialmente das comunidades alemã em Lisboa e portuguesa em Dusseldorf, dar a conhecer as antigas relações entre a Casa Real de Portugal e o Principado de Hohenzollern-Sigmaringen não é letra morta ou palavra vã.

Pela ideia conjunta do Dr. Carlos Quintas, do Professor Doutor Edmund Spohr e do Professor-Dr. Vahé Barsegian, foi vontade da ‘Iniciativa Lisboa-Dusseldorf’ convidar o Presidente da Fundação Dom Manuel II, Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, a visitar alguns dos locais emblemáticos desta história familiar em Dusseldorf e promover o mecenato, de forma a incrementar projectos assistenciais e culturais na esfera da actuação da Fundação Dom Manuel II.

Como disse Fernando Pessoa, na sua imortal ‘Mensagem’: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Mais uma vez, Princesas de Portugal e da Alemanha, a perpetuação das suas memórias, dos seus nomes, dos seus legados, das suas vidas e obras, ajudam a permanecer vivas as relações entre dois países europeus, as suas comunidades, as suas vivências e as suas trocas de experiências para um futuro com mais qualidade. Que assim seja!

Durch die gemeinsame Idee von Dr. Carlos Quintas, dem Architekt Dr. Edmund Spohr und Professor Dr. Vahé Barsegian ist es der Wille der ‘Lissabon-Düsseldorf Initiative’, den Präsidenten der Stiftung Dom Manuel II., Dom Duarte, Herzog von Bragança, besucht einige der emblematischen Orte dieser Familiengeschichte und fördert die Schirmherrschaft, um die Unterstützung und die kulturellen Projekte im Wirkungsbereich der Stiftung Dom Manuel II. zu verstärken.

Wie Fernando Pessoa in seiner unsterblichen „Botschaft“ sagte... „Gott will, der Mensch träumt, das Werk ist geboren“. Wieder einmal tragen die Prinzessinnen von Portugal und Deutschland, die Verewigung ihrer Erinnerungen, ihrer Namen, ihres Vermächtnisses, ihres Lebens und ihrer Werke dazu bei, die Beziehungen zwischen zwei europäischen Ländern, ihre Gemeinschaften, ihre Erfahrungen und ihren Erfahrungsaustausch für eine Zukunft mit mehr Qualität. So sei es!



Die Pestpandemie in Düsseldorf und die Verehrung des Pestheilers Rochus

A pandemia de peste em Düsseldorf e a veneração de São Roque

Edmund Spohr

■ In Zeiten der Corona Pandemie sollten wir uns daran erinnern, dass auch in früheren Epochen Pandemien gewütet haben, wie z. B. die Pest (*Yersinia pestis*), der ein Drittel der Menschheit zum Opfer gefallen sind.

Die Pest trat seit ca. 3.000 Jahren immer wieder epidemisch in Europa auf. Als Pestheiler im Mittelalter hatte Rochus von Montpellier, zu dessen Geburtsjahr es unterschiedliche Aussagen gibt, als Sohn des John Roches gewirkt. Einige Wissenschaftlern haben das Geburtsjahr auf 1349 festgelegt. Er ist am 16. August 1379 in Voghera in Italien gestorben.

In Montpellier sollen laut Wikipedia in kurzer Zeit bis zu 500 Menschen täglich an der Pest gestorben sein. Als Pestheiler hatte Rochus die Kraft, die Menschen vor der Seuche zu bewahren. Daher wurde Rochus von Montpellier seit seinem Tod vom Volk wie ein Heiliger, aber auch als Held, aufgrund seiner Taten und seiner Hilfsbereitschaft gegenüber Erkrankten und seiner am eigenen Leib erduldeten Krankheit, verehrt. Sein Kult verbreitete sich schnell in Frankreich, Italien, Belgien, Deutschland, Portugal und anderen europäischen Ländern. Seit dem frühen 14. Jahrhundert soll in Derendorf eine Sebastianus Bruderschaft zur Pflege der Pestkranken bestanden haben.

Die Nachforschungen von Wissenschaftlern belegen, dass durch die Pest etwa ein Drittel der Menschheit in den Pestjahren in Europa dahingerafft worden ist. Die erste Welle der Pest vollzog sich im 14. Jahrhundert. Die Pandemie von 1348 bis 1352 hinterließ unauslöschbare Spuren in der Gesellschaft. Es kam zu einschneidenden sozialen und politischen Veränderungen. Daran kann man ermessen, was durch die Corona Pandemie trotz der modernen Medizin noch auf die Menschheit möglicherweise zukommen wird.

Eine neue Welle der Pestepidemie begann im Jahre 1543, sie erstreckte sich von Äthiopien bis nach Kons-

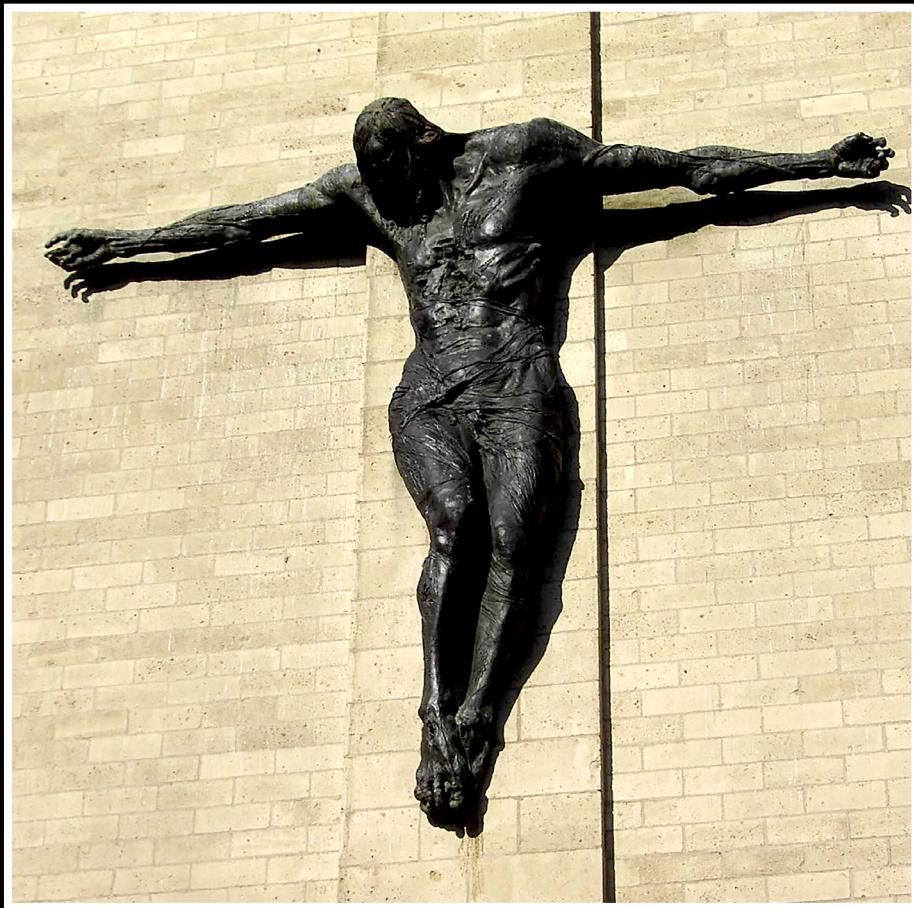
■ *Em tempos de pandemia Corona, devemos lembrar-nos que as pandemias também grassaram em épocas anteriores da nossa história, como por exemplo a peste (*Yersinia pestis*), da qual um terço da humanidade foi vítima.*

A peste é uma epidemia recorrente na Europa desde há cerca de 3.000 anos. Como curandeiro de pragas na Idade Média temos Roque (Rochus von Montpellier), sobre cujo ano de nascimento existem diferentes atestações, e que trabalhou como filho de John Roches. Alguns cientistas estabeleceram o ano de nascimento em 1349. Morreu em 16 de agosto de 1379 em Voghera, Itália.

De acordo com a Wikipedia, até 500 pessoas morriam de peste por dia em Montpellier e num curto período de tempo. Como curandeiro da praga, Roque tinha a força para proteger as pessoas da peste. Por isso, desde a sua morte, Rochus de Montpellier é venerado como S. Roque pelo povo, como um santo, mas também como um herói, pelos seus feitos e pela sua própria vontade de ajudar os enfermos e as enfermidades que também suportou no seu próprio corpo. O seu culto rapidamente espalhou-se pela França, Itália, Bélgica, Alemanha, Portugal e outros países europeus. Sabe-se que uma irmandade de Sebastianus para o cuidado de quem sofre de peste existiu em Derendorf, Düsseldorf, desde o início do século XIV.

Pesquisas feitas por cientistas mostram que a peste matou cerca de um terço da humanidade na Europa durante os piores anos. A primeira onda da peste ocorreu no século XIV. A pandemia de 1348 a 1352 deixou uma marca indelével na sociedade. Houve mudanças sociais e políticas decisivas. A partir disso, pode-se perceber o que ainda poderá acontecer à humanidade como resultado da pandemia Corona, apesar da medicina moderna.

Uma nova onda de epidemia de peste começou em 1543, estendendo-se da Etiópia a Constantinopla. A onda epidémica foi, portanto, também chamada de



Christus ("Kolbe Kreuz"). 1982. Rochus Kirche, Düsseldorf. Bert Gerresheim.



Heilige Rochus. Jacopo Tintoretto (1518 oder/ou 1519-1594)

praga “Bizantina”. A doença espalhou-se por meio do transporte marítimo para o Reno e não desapareceu na Alemanha até ao século XVI.

Na Idade Média, a salvação da praga era a religião. Rochus não está entre as fileiras de santos canonizados por um Papa. Rochus nunca foi mesmo oficialmente canonizado. Rochus só foi aprovado pela igreja como herói popular sob a influência da grande epidemia de peste do início do século XVII. A fronteira entre a religião e a superstição tem sido fluida desde a Idade Média e mesmo nos círculos da igreja as práticas mágicas nem sempre foram rejeitadas. A popular ordem franciscana tinha um culto especial pelo patrono.

Por volta do século XV, as representações de São Roque estabeleceram várias convenções iconográficas. Os reformadores nada puderam fazer contra a popularidade da veneração de Rochus ou S. Roque. São Roque pode ser visto nas pinturas míticas do pintor veneziano Tintoretto (1518 - 1594). Tintoretto decorou o edifício da Scuola de San Marco com um ciclo único de 56 pinturas nas quais trabalhou de 1564 a 1587.

Quando a praga se alastrou na capital de Jülich-Berg, Düsseldorf, o conselheiro da corte de Düsseldorf, Konrad Kerris, perto de Angermund, mandou construir a pequena capela devotada a Rochus. Em Pempelfort, há várias reformulações e expansões da Capela de Rochus, que remonta ao século XV, conhecidas apenas por fontes escritas. Quando a epidemia eclodiu em 1448, os residentes locais foram poupados da doença, o que eles atribuíram a um retrato de São Roque que estava acima de uma porta da frente de uma casa e onde era rezado na frente todas as noites. Como forma de agradecimento, foi construída uma casa de santo em tijolos, que 40 anos depois estava quase em ruínas e foi então reconstruída para colocar uma estátua do santo ali. Em 1491 diversas procissões foram mencionadas para este retrato, mas em 1510 o edifício denominado “Kapellchen” pegou fogo e foi renovado, supostamente como um edifício central de oito lados. Em 1567 esta capela também foi destruída pelos iconoclastas. Um novo edifício ampliado foi consagrado em 1584. Uma procissão do festival de granizo conduz a esta Capela de Rochus desde 6 de maio de 1584, que continuou até o final do século XVIII. Neste pequeno local de peregrinação havia uma foto do santo que protegeu da peste. Transformou-se em casa de um santo, que, como em Kevelaer, foi ampliada em capela. Em 1666 foi lançada a primeira pedra de uma nova capela, que foi consa-

tantinopel. Die Seuchenwelle wurde deshalb auch als die „byzantinische“ Pest bezeichnet. Die Krankheit breitete sich durch die Schifffahrt bis an den Rhein aus und vererbte in Deutschland erst im 16. Jahrhundert.

Im Mittelalter war die heilbringende Rettung vor der Pest die Religion. Rochus findet sich nicht in den Reihen der Heiligen, die von einem Papst kanonisiert wurden. Offiziell wurde Rochus nie heilig gesprochen. Rochus wurde als volkstümlicher Held erst unter dem Einfluss der großen Pestepidemie des frühen 17. Jahrhunderts von der Kirche approbiert. Die Grenze zwischen Religion und Aberglaube war seit dem Mittelalter eine fließende und auch in kirchlichen Kreisen wurden magische Praktiken nicht immer verworfen. Besonderer Förderer des Kultes war der volksnahe Franziskanerorden.

Bis zum 15. Jahrhundert haben sich die Darstellungen des heiligen Rochus mehrere ikonographische Konventionen durchgesetzt. Die Reformatoren konnten gegen die Popularität der Rochusverehrung nichts ausrichten. In den mythischen Gemälden des venezianischen Malers Tintoretto (1518 – 1594) ist der heilige Rochus zu sehen. Tintoretto dekorierte das Gebäude Scuola de San Marco mit einem einzigartigen Zyklus von 56 Gemälden, an denen er 1564 bis 1587 gearbeitet hat.

Als die Pest in der Jülich-bergischen Hauptstadt Düsseldorf wütete, ließ der Düsseldorfer Hofrat, Konrad Kerris bei Angermund die kleine Rochus-Kapelle erbauen. In Pempelfort kommt es zu mehreren, nur aus den schriftlichen Quellen bekannten, Umgestaltungen und Erweiterungen der in das 15. Jahrhundert zurückgehenden Rochus-Kapelle. Bei einem Ausbruch der Seuche im Jahre 1448 blieben die dortigen Anwohner von der Krankheit verschont, was sie einem Bildnis St. Rochi zuschrieben, das sich über einer Haustür befand und vor dem jeden Abend gebetet wurde. Zum Dank wurde ein Heiligenhäuschen aus Ziegeln errichtet, das 40 Jahre später fast in Trümmern lag und dann erneut größer aufgebaut wurde, um dort eine Statue des Heiligen aufzustellen. 1491 werden Prozessionen zu diesem Bildnis erwähnt, 1510 gerät das „Kapellchen“ genannte Bauwerk in Brand und wird abermals, angeblich als achteitiger Zentralbau, erneuert. 1567 wird von den Bilderstürmern auch diese Kapelle zerstört. Ein erweiterter Neubau wird 1584 geweiht. Seit dem 6. Mai 1584

führt zu dieser Rochus-Kapelle eine Hagelfeierprozession, die bis zum Ende des 18. Jahrhunderts durchgeführt wurde. In dieser kleinen Wallfahrtsstätte stand ein Bild des Heiligen, der vor der Seuche schützte. Ihm folgte ein Heiligenhäuschen, das wie auch in Kevelaer, dann zu einer Kapelle ausgebaut wurde. 1666 wird der Grundstein für eine neue Kapelle gelegt, die drei Jahre später geweiht wurde. Die mehrfachen Rekonstruktionen der dargestellten Abfolge der verschiedenen Bauten und Umbauten sind nicht gesichert.

Über die Innenausstattung der Düsseldorfer Rochus-Kapelle sind einige Ansichten überliefert. Ein älteres Foto zeigt die Innenansicht der Rochus-Kapelle in Düsseldorf-Hamm. Zur Seite des Altars stehen die Figuren des heiligen Rochus und des heiligen Sebastians. Die Akten berichten 1710 von der Hammer Kapelle, über deren Baukosten man fast nichts weiß. Berichtet wird von einer Auseinandersetzung wegen der Kapelle. Doch der Pastor beklagte sich bei dem Kurfürsten, dass der Hofrat sich unterstanden habe, ein kleines Capellgen auf den Steinen gelegen, abzubrechen und eine neue, größere aufzurichten. Der Bau müsste sofort inhibiert (verhindert) werden, denn obwohl ein Gott seliges Werk, könne doch die neue Kapelle der Pfarrkirche schaden. Daher wünscht er, dass in gedachter Kapelle keine Messe gehalten werden soll. Nun erinnert eine kleine Wetterfahne auf dem seitlichen Treppenturm an der Pfarrkirche an den Helfer der Pest und andere Krankheiten. Der Heilige erscheint als Pilger mit großem Hut und Stab. An seiner Rechten ist der Legende entsprechend der Engel mit dem Salbgefäß wiedergegeben. Links von ihm erscheint der Hund, der dem Heiligen Brot bringt.

Seit dem Jahre 1796 unternahmen die Lohausener Pfarrangehörigen im Juli eine Pfarrprozession zur Rochus-Kirche in Pempelfort, die wegen einer Viehseuche gelobt worden war. Seit dem 18. Jahrhundert gingen die Wallfahrten zurück. Nur noch die Bauern aus Lohausen kamen während des 19. Jahrhunderts nach Pempelfort. 1841 wird die Kapelle in Pempelfort restauriert und schließlich vor 1900 abgebrochen, um Platz für die geplante spätromantische Pfarrkirche zu schaffen.

In Bingen gibt es seit den Pestjahren 1666 die Rochusverehrung. Als Johann Wolfgang von Goethe 1814 mit

grada três anos depois. As múltiplas reconstruções da sequência dos vários edifícios e conversões mostradas não foram preservadas.

Algumas vistas do interior da Capela Rochus, em Düsseldorf, no entanto sobreviveram. Uma foto mais antiga mostra o interior da Capela Rochus em Düsseldorf-Hamm. Ao lado do altar estão as figuras de São Roque e São Sebastião. Os arquivos relatam em 1710 sobre a Capela do Martelo, mas quase nada se sabe sobre os custos de construção. Há um relato de uma disputa sobre a capela. Mas o pastor reclamou com o eleitor que o conselheiro se tinha comprometido a demolir uma pequena capela nas pedras e a erigir uma nova e maior. A construção deveria ser inibida (impedida) imediatamente, pois embora fosse uma obra piedosa, a nova capela da igreja paroquial poderia danificá-la. Ele, portanto, deseja que nenhuma missa seja celebrada na capela imaginária. Agora, um pequeno cata-vento na torre da escada lateral da igreja paroquial lembra os ajudantes da peste e de outras doenças. O santo aparece como um peregrino com um grande chapéu e bastão. De acordo com a lenda, o anjo com o vaso de unguento está representado em sua mão direita. À sua esquerda aparece o cachorro trazendo pão para o Santo.

Desde o ano de 1796, os paroquianos de Lohaus realizaram uma procissão paroquial para a Igreja de Rochus em Pempelfort, em julho, que havia sido elogiada por uma doença no gado. As peregrinações diminuíram desde o século 18. Somente os fazendeiros de Lohausen vieram para Pempelfort durante o século XIX. Em 1841, a capela de Pempelfort foi restaurada e finalmente demolida antes de 1900 para dar lugar à planejada igreja paroquial em estilo românico tardio.

Em Bingen, tem havido a veneração de Rochus desde os anos de peste de 1666. Quando Johann Wolfgang von Goethe fez uma excursão com amigos de Wiesbaden à Renânia em 1814, a viagem foi muito rapidamente para Bingen, onde a nova Capela de Rochus acabara de ser concluída. Escreveu o seu conhecido ensaio sobre a peregrinação a Rochusberg, considerada a mais importante da Alemanha, com o título “Festival de Rochus em Bingen”.

Em Portugal, todas as relíquias de São Roque são guardadas e veneradas na igreja dos Jesuítas, consagrada a São Roque, há mais de 200 anos.

Nos últimos anos do século 20, um aumento na inci-



Die Alte Kirche. A igreja antiga.

dência da peste pode ser verificado novamente. De acordo com as estatísticas, a maior epidemia estourou no Vietname; a guerra foi responsável por isso. As chances de vida são de 40 a 50 por cento. A peste pneumônica também pode ser transmitida diretamente de pessoa para pessoa por meio de gotículas de infecção. Embora um medicamento para a pandemia corona só tenha sido descoberto recentemente, a peste certamente foi facilmente curada com antibióticos desde a Segunda Guerra Mundial.

Freunden einen Ausflug von Wiesbaden ins Rheinland unternahm, ging die Reise auch sehr schnell nach Bingen, wo gerade die neue Rochus-Kapelle fertig gestellt war. Er hat seinen bekannten Aufsatz über die Wallfahrt auf den Rochusberg, die die bedeutendste in Deutschland gewesen sein soll, geschrieben, mit dem Titel „Das Rochusfest zu Bingen“.

In Portugal wurden alle Reliquien des heiligen Rochus in der São Roque geweihten Jesuitenkirche seit über 200 Jahren aufbewahrt und verehrt.

In den letzten Jahren des 20. Jahrhunderts ist wieder ein vermehrtes Auftreten der Pest festzustellen. Den Statistiken zu Folge war die größte Epidemie in Vietnam ausgebrochen; dafür war der Krieg verantwortlich. Die Lebenschancen werden mit 40 bis 50 Prozent angegeben. Die Lungenpest kann auch direkt von Menschen zu Menschen durch Tröpfcheninfektion übertragen werden. Während für die Coronapandemie erst kürzlich ein Medikament gefunden worden ist, kann die Pest mit Sicherheit seit dem 2. Weltkrieg durch Antibiotika unkompliziert geheilt werden.

Bibliografia

Hatto Küffner, Edmund Spohr, Düsseldorf 1985
Monumentos em Düsseldorf I, encruziilhada, capelas, casas sagradas

Literatur

Hatto Küffner, Edmund Spohr, Düsseldorf 1985
Denkmäler in Düsseldorf I, Wegekreuze, Kapellen, Heiligenhäuschen

„Zwischen Traum und Kalkül“ – ein Gespräch mit Bert Gerresheim

“Entre o sonho e a racionalidade” – uma conversa com Bert Gerresheim

Andreas Turnsek

■ Der Düsseldorfer Bildhauer und Grafiker Bert Gerresheim beschäftigte sich in seinem Werk stets mit christlichen Themen. Den tief humanistischen Künstler bewegt das Leid, das der Mensch den Menschen hinzufügt – er verarbeitete dieses Motiv auf vielfältige Weise gekoppelt mit dem Leid, das Christus auf sich nahm und den Wegen aus dem Leid.

Das Stadtmuseum Düsseldorf zeigte in einer umfassenden Ausstellung die Bandbreite des Werkes des ehemaligen Studenten der Düsseldorfer Kunstakademie und späteren Lehrer und Studiendirektor unter dem Titel „Bert Gerresheim. Geschichten“.

Im Stadtmuseum, vor einem großen apokalyptischen Bildnis aus frühen Studien-Zeiten sprach Bert Gerresheim mit Dr. Andreas Turnsek über die Wirkkraft der Bilder und die Verarbeitung dunkler Zeiten von Pest, Pandemie und Krieg.

Andreas Turnsek: Wenn man seine Gedanken vergegenständlicht, möchte man ja auch immer etwas erreichen: was ist bei Bert Gerresheim als Künstler die Intention: Inspiration, Irritation oder Assoziation?

Bert Gerresheim: Ich denke, wir Bildner tun nichts anderes als zeigen – die nicht predigen und nicht erklären. Wir sind Leute, die sehen, wenn sie Glück haben, schauen und wenn sie noch mehr Glück haben, Visionen haben. Und die werden bildnerisch festgemacht und dann gezeigt.

Die Interpretation ist eine Sache, die später kommt und mit Recht von anderen ausgeführt wird. Manchmal lerne ich von Interpretationen von anderen mehr über mich und meine Arbeit als ich selbst bewusst hineingebracht habe. Denn der bildnerische Prozess ist ja ein Prozess zwischen Traum und Kalkül. Das wache Bewusstsein ist da – und das träumende Bewusstsein.

Andreas Turnsek: Was sind die Quellen der Motive?

■ O escultor e artista gráfico de Düsseldorf, Bert Gerresheim, tratou sempre na sua obra de temas cristãos. O artista profundamente humanista é movido pelo sofrimento que as pessoas trazem às outras pessoas - ele processou esse motivo de várias maneiras, à semelhança como o sofrimento que Cristo tomou sobre si e sobre as formas de sair desse sofrimento.

O Museu da Cidade de Düsseldorf mostrou numa recente exposição abrangente a amplitude do trabalho do ex-aluno da Academia de Arte de Düsseldorf e posteriormente professor e diretor de estudos sob o título “Bert Gerresheim. Histórias”.

Bert Gerresheim falou com o Dr. Andreas Turnsek sobre o poder das imagens e o processamento de tempos sombrios da peste, da pandemia e da guerra.

Andreas Turnsek: Se objetiva os seus pensamentos, deseja sempre alcançar alguma coisa: qual é a intenção de Bert Gerresheim como artista: inspiração, irritação ou associação?

Bert Gerresheim: Acho que nós, artistas, não fazemos mais nada além de mostrar - mas não pregamos ou sequer explicamos. Somos pessoas que vêem, quando têm sorte, olham e, quando têm ainda mais sorte, têm visões. E essas ideias são anexadas figurativamente e, em seguida, mostradas ou exibidas. A interpretação é algo que sempre vem depois e é corretamente realizada por outros. Às vezes, aprendo mais sobre mim mesmo e sobre o meu trabalho com as interpretações de outras pessoas do que eu mesmo conscientemente transmiti para a obra. Porque o processo artístico é um processo entre o sonho e o cálculo. A verdadeira consciência desperta está lá - e também a consciência sonhadora.

Andreas Turnsek: Quais são as fontes dos seus motivos?

Bert Gerresheim: Acho que a própria vida é um processo que gera imagens. E a alma é um tesouro de imagens e a realidade externa é um arsenal de imagens. No trabalho visual, o trabalho visual trata de trazer à vista a realidade experimental interna e externa. Tudo com o objetivo de desvendar a vaga



presença de possíveis realidades ocultas. E isso é todo o trabalho.

Andreas Turnsek: *Você está sentado diante de um retrato exuberantemente apocalíptico - qual é a história por trás dele?*

Bert Gerresheim: *Naquela época, era eu ainda um estudante na Academia de Arte de Düsseldorf e queria absolutamente pintar um quadro grande, formalmente grande. Isso não era tão comum naquela época. Hoje todo mundo o faz - os jovens já estão começando a pintar formatos enormes, também podem consegui-lo. Um amigo meu disse: "Vou providenciar a construção deste quadro grande e você dar-me-á o desenho. E por isso este trabalho hoje não me pertence mais a mim, mas a um professor no Canadá. Até hoje tem sido tão caro conseguir levá-la até lá. Então ficou comigo, meio podre no porão, em seis partes individuais - e agora eu o vejo na exposição pela primeira vez, novamente, aqui atrás de mim.*

Andreas Turnsek: *Como um jovem estudante de arte surge com essa distopia opressiva?*

Bert Gerresheim: *Sempre fui fascinado pelo apocalipse. Isso tem a ver com as experiências básicas dos meus primeiros anos de vida. Houve apenas bombardeamentos, bunkers, casas desabando e pela manhã um mundo mudado e destruído. Noites iluminadas por bombas e depois uma vez por 32 horas sob uma casa bombardeada. Esta imagem não o abandona sem deixar vestígios. Isso é o que você diz tão levemente na velhice como: olhar para trás. Mas uma coisa é certa: as fotos sempre permanecem amontoadas com segurança e em camadas internas. É assim que as histórias pessoais são criadas posteriormente.*

Bert Gerresheim: Ich denke, das Leben an sich ist eine Bild generierender Prozess. Und die Seele ist ein Bilder-Hort und die äußere Wirklichkeit ein Bilder-Arsenal. In der bildnerischen Arbeit geht es in der bildnerischen Arbeit darum, innere und äußere Erlebnis-Wirklichkeit in ein Blickfeld zu bringen. Alles mit dem Ziel, der vage Präsenz möglicher verborgener Wirklichkeiten aufzudecken. Und das ist die ganze Arbeit.

Andreas Turnsek: Sie sitzen vor einem überbordend apokalyptischen Bildnis –

welche Geschichte verbirgt sich dahinter?

Bert Gerresheim: Ich war damals noch Student an der Düsseldorfer Kunstakademie und wollte unbedingt ein großes Bild malen, formal groß. Das war damals noch nicht so üblich. Heute tut es ja jeder – die fange ja schon mit Riesen-Formaten an die jungen Leute, sollen sie auch. Da hat ein Freund von mir gesagt: „Ich stelle Dir die Konstruktion für dieses große Bild zur Verfügung und Du schenkst mir dann die Zeichnung. Und so gehört diese Arbeit heute gar nicht mir, sondern einem heutigen Professor in Kanada. Es war bis heute nur immer so teuer, sie rüber zu schaffen. Also ist sie bei mir halb verrottet im Keller geblieben in sechs Einzelteilen – und jetzt sehe ich es in der Ausstellung das erste Mal wieder zusammenhängend hier hinter mir.

Andreas Turnsek: Wie kommt ein junger Kunst-Student zu diesem Motiv drückender Dystopie?

Bert Gerresheim: Mich hatte immer das Thema Apokalypse fasziniert. Das hängt sicher mit den Grund-Erfahrungen meiner ersten Lebensjahre zusammen. Es gab da nur Bombenkrieg, Bunker, zusammenstürzende Häuser und am Morgen eine veränderte, zerstörte Welt. Durch Bomben illuminierte Nächte und dann einmal 32 Stunden unter einem zerbombten Haus. Das geht ja nicht spurlos an einem vorbei. Das sagt man dann im Alter so leichthin: Rück-Blick. Aber es gilt sicher: Bilder bleiben immer Inneren sicher gehäuft und geschichtet. So entstehen hinterher die persönlichen Geschichten.



Die monumentale Kohlezeichnung „Der jüngste Tag“ entstand schon 1956.
O monumental desenho a carvão “O Último Dia” foi criado em 1956.



S. Roque e a sua ligação à Marinha e aos seus Carpinteiros Navais

Der Hl. Rochus und seine Beziehung zur Marine und ihren Schiffszimmerern

José Rocha e Abreu

■ Nos finais do séc. XV Portugal, tendo vencido imensos perigos e medos, tinha descoberto o caminho marítimo para a Índia.

Mesmo na viragem do século é descoberto o Brasil.

Lisboa, a capital do reino, era palco de intensa actividade comercial. Todos os anos pela Primavera saíam de Lisboa esquadras de cada vez maior dimensão. Regressavam a maior parte das vezes carregadas de especiarias, pimenta, cravo e canela.

Os estaleiros navais da Ribeira das Naus e da feitoria da Telha na Ribeira de Coima, fervilhavam de actividade. Não eram os únicos estaleiros do reino mas figuravam seguramente entre os de maior dimensão e produtividade.

Quem neles trabalhava havia adquirido, por força da especificidade do seu ofício, grande importância. A par do crescimento económico bem evidente e muito positivo para as finanças do reino, houve também que contar com aspectos menos felizes como seja o do abandono dos campos e da produção agrícola, pela corrida ao mar e aos lucros do comércio das especiarias.

A desertificação do interior do país foi muitas vezes agravada também pela enorme mortandade que as sucessivas epidemias de peste negra iam causando.

É assim que chegamos a 1506, no reinado de D. Manuel I, quando Lisboa é assolada por mais uma das epidemias de peste negra. A doença, tudo leva a crer, terá sido propagada, desta vez, por uma nau infectada proveniente de Veneza.

O Rei, conhecedor dos milagres feitos por S. Roque no combate àquela terrível doença, mandou pedir à Senhora de Veneza, onde o Santo estava e está sepultado, algumas das suas relíquias e logo que as mesmas chegaram a Lisboa foram recolhidas numa singela Ermida, construída para o efeito, fora da muralha Fernandina, no Olival onde enterravam os pestíferos e

■ Am Ende des 15. Jahrhunderts entdeckte Portugal nach großen Ängsten und Gefahren den Seeweg nach Indien.

Pünktlich zum Jahrhundertwechsel folgte die Entdeckung Brasiliens.

Lissabon, die Hauptstadt des Königreichs, war Schauplatz reger Handelsaktivitäten. Jedes Frühjahr brachen immer größere Flotten von Lissabon auf. Meist kehrten sie beladen mit Gewürzen, Pfeffer, Zimt und Nelken zurück.

In den Schiffswerften der Ribeira das Naus und in der Feitoria da Telha an der Ribeira de Coima herrschte ein reges Treiben. Sie waren nicht die einzigen Werften des Königreichs, doch sie zählten eindeutig zu den größten und produktivsten.

Wer dort arbeitete hatte aufgrund der Besonderheit seines Berufs große Bedeutung erlangt. Doch dieses offenkundige, für die Finanzen des Königreichs so positive wirtschaftliche Wachstum hatte auch seine Schattenseiten. So wurden beispielsweise die Felder und die Landwirtschaft vernachlässigt, da man nur noch aufs Meer und nach den Gewinnen aus dem Handel mit Gewürzen strebte.

Die Verödung im Inland verschlimmerte sich oftmals durch die hohe Sterblichkeit, die die verschiedenen Epidemien der Schwarzen Pest auslösten.

So kommen wir unter der Herrschaft König Manuels I. ins Jahr 1506, in dem Lissabon von einer weiteren Welle der Schwarzen Pest heimgesucht wird. Die Krankheit wurde diesmal, darauf deutet alles hin, von einem aus Venedig kommenden infizierten Schiff eingeschleppt.

Der König, der um die Wunder wusste, die der heilige Rochus im Kampf gegen diese schreckliche Krankheit vollbracht hatte, bat die Herrscher von Venedig, wo der Heilige begraben war, um einige seiner Reliquien, und als diese in Lissabon ankamen, wurden sie sofort in eine schlichte, eigens dafür erbaute Kapelle

gebracht, außerhalb der Fernandinischen Mauer im Stadtteil Olival, wo die Pestkranken bestattet wurden und wo sich heute das Bairro Alto und vor allem auch die Igreja de S. Roque, die St.-Rochus-Kirche, befindet.

In dieser kleinen, unter dem Namen "Ermida Manuelina" (Manuelinische Kapelle) bekannten Kapelle wurde das erste Gotteshaus für den Hl. Rochus, den Schutzheiligen der Pestkranken errichtet. Diese Kapelle wurde so zum ersten Gotteshaus der Iberischen Halbinsel für den Heiligen.

Laut den Zeugnissen aus dieser Zeit wurden zahlreiche Gebete, Prozessionen und liturgische Zeremonien zu Ehren des Heiligen abgehalten und die Pestepidemie besiegt.

Die Carpinteiros de Machado, die Zimmerer der Schiffswerften von der Ribeira das Naus, zählten zu den Gläubigen des Hl. Rochus, und sie trugen am meisten zum Bau dieser Kapelle bei. Diese Männer, die in Schiffen arbeiten mussten, die möglicherweise infiziert waren, sahen sich einem großen Risiko ausgesetzt, die Pest zu bekommen.

Später, im Jahr 1570, verlagerten die Carpinteiros de Machado wegen eines Zwists mit den Padres der Companhia de Jesus (Gesellschaft Jesu), denen König Johannes III. (D. João III) die Genehmigung zum Bau der St.-Rochus-Kirche erteilt hatte, das Gotteshaus für ihren Schutzheiligen in das Königliche Kloster Real Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo und gründeten dort die "Real Irmandade do Glorioso S. Roque dos Carpinteiros de Machado" (Königliche Bruderschaft des Glorreichen Hl. Rochus der Zimmerer).

Die Bruderschaft wurde am 9. Dezember 1581 vom Erzbischof von Lissabon, D. Jorge de Almeida, anerkannt.

Erwähnt werden sollte hierbei, dass die Carpinteiros de Machado (Zimmerer) im 16. Jahrhundert eine der angesehensten Berufsgruppen Portugals waren.

Sie verfügten über Privilegien, die in mancher Hinsicht mit denen der Adligen zu vergleichen waren. Da sie königlichen Schutz genossen, zahlten sie keine Steuern und unterstanden nur ihren eigenen Meistern. Ihr Beruf beinhaltete nicht nur die Reparatur, sondern auch den Bau von Schiffen, und das erklärt ihre Bedeutung für das Königreich.

Die 1570 gegründete Bruderschaft verblieb mit ihrem Gotteshaus im Convento do Carmo, bis 1755 das

onde hoje se situa o Bairro Alto e mais propriamente a Igreja de S. Roque.

Naquela pequena capela conhecida por "Ermida Manuelina" se estabeleceu o primeiro lugar de culto a S. Roque, Santo protector, dos que contraíam a peste. Esta Ermida foi assim o primeiro lugar de culto dedicado àquele Santo, na Península Ibérica.

Segundo relatos da época, fizeram-se muitas orações, procissões e demais actos litúrgicos em honra do Santo e a epidemia de peste foi debelada.

Os Carpinteiros de Machado dos estaleiros navais da Ribeira das Naus estiveram entre os devotos de S. Roque que mais contribuíram para a construção da citada Ermida. Estes homens, devido ao facto de terem de trabalhar em naus que poderiam estar infectadas, achavam-se em grande risco de contrair a peste

Mais tarde, os Carpinteiros de Machado, por desacordo com os padres da Companhia de Jesus a quem D. João III concedeu a autorização para a construção da Igreja de S. Roque, transferiram, em 1570, o local de culto ao seu Padroeiro para o Real Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo e ali fundaram a "Real Irmandade do Glorioso S. Roque dos Carpinteiros de Machado".

O compromisso desta Irmandade foi aprovado em 9 de Dezembro de 1581 pelo Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida.

Importa dizer que os Carpinteiros de Machado eram uma classe profissional das mais conceituadas no século XVI em Portugal.





Erdbeben von Lissabon große Teile der Stadt zerstörte und das Kloster ebenfalls zur Ruine machte.

Wieder einmal hatten die Carpinteiros kein Gotteshaus für ihren Schutzheiligen mehr.

Wie man weiß, ließ der Marquês de Pombal die Stadt wiederaufbauen und modernisieren, und zu den ersten neu errichteten Orten zählten auch die Schiffswerften der Ribeira das Naus.

Also baten die Carpinteiros ihren König Joseph I., man möge ihnen in der neuen Anlage einen Ort für die Errichtung einer Kapelle zur Verehrung des Hl. Rochus zugestehen.

Während der Wiederaufbauarbeiten wurde auf dem Werftengelände vorübergehend eine einfache Holzkapelle errichtet, wo zwischen 1756 und 1761 die Verehrung des Hl. Rochus stattfand.

1761 wurde die Heiligenverehrung dann in der neu gebauten Kapelle im Arsenal da Marinha (Marinearsenal) aufgenommen.

1913, bereits in der Zeit der Republik, wurde die Irmandade dos Carpinteiros de Machado (Bruderschaft der Zimmerer) umbenannt in “Irmandade dos Carpinteiros Navais” (Bruderschaft der Schiffszimmerer).

Mit der Einführung des Stahlschiffbaus wurden die Schiffszimmerer allmählich zu einer aussterbenden Zunft, wodurch die Einnahmen der Bruderschaft zurückgingen.

Die Unterstützung von Witwen, die Finanzierung von Begräbnissen, die Darlehen und Almosen für arme Brüder und ihre Familien, eines der Anliegen der Bruderschaft, verringerten sich nach und nach, bis die Bruderschaft schließlich in die Pensionskasse des Arsenal da Marinha integriert wurde.

Kurze Notiz zu Leben und Werk des Hl. Rochus

Der Hl. Rochus wurde Ende des 13. oder Anfang des 14. Jahrhunderts in Montpellier geboren. Laut der Legende trug die Brust des Kindes bei der Geburt ein Kreuzzeichen, das verdeutlichen sollte, dass ihm eine wichtige Rolle im Christentum zukommen würde.

Seine Eltern starben sehr früh, und der junge Mann erbt ein großes Vermögen. Als Rochus volljährig wurde, beschloss er, seinen Besitz den Armen sowie einem Onkel zu vermachen, und wurde selbst zum Pilger. Er ging nach Rom und erkannte auf seinen oftmals von der Pest verseuchten Wegen, dass er wun-

Goßavam de alguns privilégios, nalguns aspectos muito próximos dos da nobreza. Gozando da protecção Real, não pagavam impostos e só obedeciam aos seus respectivos Mestres. O seu ofício incluía não só a reparação, mas também a construção dos navios e daí se compreende a sua importância para a concretização dos objectivos do Reino.

A Irmandade, constituída então em 1570 com o lugar de culto situado no Convento do Carmo ali permaneceu até que o violentíssimo terramoto de 1755 destruiu uma grande parte de Lisboa e o referido Convento ficou, também ele, em ruínas.

Os Carpinteiros ficaram deste modo e mais uma vez, sem o lugar de culto ao seu Santo protector.

Como é sabido, o Marquês de Pombal, decidiu reconstruir e modernizar a cidade e um dos locais que primeiro foi edificado foi o que abrangia os estaleiros navais da Ribeira das Naus.

Os Carpinteiros solicitaram então a D. José que, no edifício em construção lhes pudesse ser destinado um espaço para a instalação de uma capela destinada ao culto de S. Roque.

Enquanto decorriam as obras de reconstrução foi erguida, com carácter temporário e no local dos estaleiros, uma singela capela de madeira onde o culto a S. Roque se realizou de 1756 a 1761.

Em 1761, concluída e integrada no edifício do Arsenal, a nova Capela abriu ao culto.

Em 1913, já em período da República, a Irmandade dos Carpinteiros de Machado passou a designar-se por “Irmandade dos Carpinteiros Navais”.

Com o advento da construção naval em ferro e aço, os Carpinteiros Navais passaram a ser uma classe em franco declínio, determinando assim uma diminuição de receitas da Irmandade.

O apoio a viúvas, o pagamento de funerais, os empréstimos e esmolas aos Irmãos pobres e suas famílias, que tinham sido uma das finalidades da Irmandade, começaram a diminuir até que a Irmandade foi integrada na Caixa de Pensões do Arsenal da Marinha.

Breve apontamento sobre a vida e obra de S. Roque

S. Roque nasceu em Montpellier, em finais do século XIII princípios do século XIV. A criança nasceu, segun-



Painel de azulejos dedicados a S. Roque. Sév XVIII.
Fliesenwand gewidmet Hl. Rochus. XVIII Jahrhundert. Lisboa.

dersamerweise Kranke heilen und viele davon vor dem Tode bewahren konnte.

Seine Heilmethoden waren vielfältig, und sie brachten ihm bei der Bevölkerung den Ruf eines Heiligen ein.

Er verweilte eine Weile in Rom, doch irgendwann beschloss er, in seine Heimat zurückzukehren.

Auf dem Rückweg erkrankt er selbst an der Pest und beschließt, sich in einen kleinen Wald zurückzuziehen, um niemanden anzustecken oder Abscheu zu erregen. An diesem Ort taucht täglich ein Hund mit einer Scheibe Brot im Maul auf, die der Ernährung des Heiligen dient. Auch ein Engel erscheint ihm, der ihn tröstet und ihm eine Quelle eröffnet, an der er sich laben kann.

Der Besitzer des Hundes wundert sich über das Verhalten des Tieres, das ihm jeden Tag eine Brotscheibe vom Tisch stiehlt, folgt dem Hund und findet den Hl. Rochus. Er hilft ihm, wieder zu Kräften zu kommen und ermöglicht ihm die Weiterreise nach Montpellier.

Als er die Grenze zwischen Italien und Gallien überquert, wird er für einen Spion gehalten und als solcher in Haft genommen. Fünf Jahre später stirbt er im Gefängnis.

Das letzte Wunder, das ihm zugeschrieben wird, verübt er an seinem Kerkermeister Justino, der, als er dem Hl. Rochus einen Fußtritt verpasst, um sich zu vergewissern, dass er wirklich tot ist, augenblicklich von einer schweren Verkrüppelung am Bein geheilt wird.

Der Hl. Rochus war ein Heiliger, der in ganz Europa und später auch in anderen Kontinenten von vielen Menschen verehrt wurde. In Portugal zeigt sich dies nicht nur vielerorts in der Toponymie (S. Roque da Lameira, S. Roque do Pico ...), vielmehr gibt es auch gut zwei Dutzend Kapellen und Kirchen, die dem Heiligen geweiht sind.

(Aus dem Portugiesischen übersetzt von Marianne Gareis, Oktober 2020)

do a lenda, com uma cruz marcada no peito o que daria a entender que lhe estava destinado algo de importante no âmbito da Cristandade.

Os seus pais morreram muito cedo e o jovem herdou grande fortuna. Na altura em que atinge a idade adulta, Roque decidiu dividir os seus bens pelos pobres e por um seu tio, antes de se tornar um peregrino. Nesta condição se dirigiu a Roma e, pelos caminhos que atravessou, muitos deles infectados pela peste, percebeu que, milagrosamente, conseguia curar os enfermos e salvar da morte, muitos deles.

Foram várias as curas que realizou e as mesmas lhe trouxeram a fama de Santo com que as populações o brindaram.

Demorou-se algum tempo por Roma mas em dada altura decidiu regressar à sua terra Natal.

No caminho de regresso ele próprio contrai a peste e toma a resolução de se refugiar numa pequena floresta para não causar contágio nem repulsa a ninguém. Nesse local aparece-lhe diariamente um cão com um pão na boca e que lho entrega para seu alimento. Um anjo também surge para o confortar, abrindo-lhe uma fonte para o dessedentar.

O dono do cão, intrigado pelo gesto do animal que diariamente lhe rouba um pão da mesa, segue-o e encontra S. Roque, a quem ajuda a restabelecer-se, permitindo-lhe continuar o caminho em direcção a Montpellier.

Quando atravessa a fronteira de Itália para a Gália é tido por espião e como tal é preso. Vem a morrer na prisão após cinco anos.

O último milagre que se lhe atribui é o que acontece na pessoa do seu carcereiro de nome Justino, que ao dar-lhe um pontapé para se assegurar que ele estaria morto, fica instantaneamente curado de um grave aleijão que tinha na perna.

Foi S. Roque um santo de grande devoção popular em toda a Europa e mais tarde também noutros continentes. Em Portugal para além da toponímia de muitas localidades fazerem alusão ao seu nome (S. Roque da Lameira, S. Roque do Pico...) também se contam por mais de duas dezenas as Capelas e Igrejas em Portugal dedicadas a este Santo.

Padre António Vieira: die Predigt von Hl. Rochus

Padre António Vieira: Sermão de S. Roque

Rolf Nagel

■ Wenn in Düsseldorf eine Rochus Kirche auf die Pest im 17. Jahrhundert zurückgeht, so bewundern wir in der portugiesischen Hauptstadt eine herrliche dem hl. Rochus geweihte Frühbarockkirche hoch oben am Beginn der Rua da Misericórdia mit großer Geschichte. Hier hielt der Jesuitenpater António Vieira 1642 mit 34 Jahren eine donnernde Predigt am Festtag des hl. Rochus. Anlass war der Geburtstag des Thronfolgers – glücklicherweise keine Epidemie. Der junge Pater war gerade aus Brasilien zurückgekehrt und brachte König Johann IV. und dem Reich den Treueeid der Kolonie. Dort hatte er in Bahia seinen glühenden Patriotismus mit einer Predigt, ja einem Aufruf „gegen die Waffen Hollands“, dass die Kolonie bedrohte, gehalten. Dass die Holländer, Ketzer für den Jesuiten, das von den Portugiesen entdeckte brasilianische Land zu erobern trachteten, mag Vieira als eine Pestepidemie gesehen haben, die geballte Gegenwehr erforderte. Als Rechtgläubiger erflachte man den Beistand des Himmels. Als Vieira seine Rochus predigt in der Königkapelle am Lissaboner Hof hielt, hatte man erst kurz zuvor die nationale Unabhängigkeit zurückgewonnen (1640). Die Lobrede auf den Thronfolger war auch eine Verteidigungsrede auf den Hoffnungsträger und die Zukunft des Landes. In der prekären Lage des Landes mag der Prediger den spanischen Usurpator als Pest empfunden haben, sagen konnte er es mitnichten. Die Gesellschaft Jesu, kurz Jesuiten war eine mächtige katholische Priesterkommunität, nicht kontemplativ wie Mönche, sondern äußerst aktiv auf den Feldern der Politik und Erziehung. In dem so entscheidenden Jahr 1640 - los Lösung Portugals von Spanien - kämpfte Vieira wortgewaltig für König und Land. In der Heimat trat er für die Juden ein, im kolonialen Brasilien für Indios und Neger. Ein großer Dichter des 20. Jahrhunderts nannte ihn den „Kaiser der portugiesischen Sprache“. Rolf Nagel

■ *Se uma igreja em Düsseldorf devotada a S. Roque remonta à peste no século XVII, podemos também admirar uma esplêndida igreja barroca consagrada a S. Roque no alto da Rua da Misericórdia, em Lisboa, com uma grande história. Aqui o Padre jesuíta António Vieira proferiu um sermão estrondoso no dia da festa de S. Roque. A ocasião era o aniversário do herdeiro do trono - felizmente não foi uma epidemia. O jovem padre acabava de voltar do Brasil e fez o juramento de lealdade da colônia ao rei D. João IV e ao império. No Brasil apresentou o seu ardente patriotismo na Bahia com um sermão, até um apelo, “contra as armas da Holanda” que ameaçavam a colônia. Vieira deve ter percebido que os holandeses, hereges para os jesuítas, buscavam conquistar as terras brasileiras descobertas pelos portugueses como uma epidemia de peste exigia uma resistência concertada. Como um verdadeiro crente, implorou a ajuda do céu. Quando Vieira pregou o sermão de S. Roque na Capela Real da corte de Lisboa, a independência nacional só tinha sido reconquistada recentemente (1640). O elogio ao herdeiro do trono foi também um discurso em defesa do portador da esperança e do futuro do país. Na situação precária do país, o pregador pode ter percebido o usurpador espanhol como uma praga, mas não conseguia dizer. A Companhia de Jesus, ou jesuítas para abreviar, era uma poderosa comunidade sacerdotal católica, não contemplativa como os monges, mas extremamente ativa nos campos da política e da educação. No tão decisivo ano de 1640 - a dissolução de Portugal da Espanha - Vieira lutou com eloquência pelo rei e pela pátria. Em Portugal, ele defendeu os judeus, no Brasil colonial, lutou pelos índios e negros. Um grande poeta do século XX chamou-o de “Imperador da Língua Portuguesa”. Rolf Nagel*



Stuhl, der Pater António Vieira gehörte.
Cadeira de Padre António Vieira.

Goethe informiert sich über Portugal

Goethe informa-se sobre Portugal

Volkmar Hansen

■ Hat Goethe, dessen relativ breites Interesse an Portugal, und später an Brasilien, durch das Erdbeben von Lissabon 1755 fundiert ist, schon mit einem Portugal-Buch begonnen, nämlich den Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal, 1797-1801, Kiel 1801 des Botanikers Heinrich Friedrich Link (Hrsg. von Dirk Friedrich, 2. Aufl. 2016), sich systematisch-länderkundlich mit dem Europa unter der Dominanz Napoleons zu beschäftigen, so ergänzte er damit den persönlich gewinnenden Eindruck, den am 30. September 1799 der gebildete, 1754 geborene Gelehrte und Diplomat Antonio de Araujo de Azevedo in Jena auf ihn gemacht hatte, der sich auch mit naturwissenschaftlichen Fragen beschäftigte (Albin Eduard Beau, Goethe im portugiesischen Geistesleben, in: Goethe-Jahrbuch 1951, S. 126-141). Andere Reiseberichte treten hinzu, um das Land, das, wie Spanien, auf der Liste der Eroberungswünsche Napoleon Bonapartes steht. Ausgelöst durch eine direkte Weimarer Beziehung, wird aber eine andere Perspektive in Goethes Interesse deutlich, sein Verfolgen politischer Ereignisse. Kennt man seine generelle Phobie gegenüber der Überschätzung tagespolitischer, sich in Zeitungen abbildenden Aufregungen, so ist zugleich bei ihm ein substanzielleres Eingehen auf das Geschehen nicht zu übersehen, wird in den Revolutionszeiten auch gestalterisch manifest. Zunächst in Anti-Revolutionsstücken, dann in dem Erzählzyklus Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten, schließlich mit einem defensiv-nationalen Akzent in dem populären Hexameter-Epos Hermann und Dorothea. Weil er früh die Unzulänglichkeiten auf deutscher Seite sieht, schweigt er zunächst und meldet sich erst nach der ersten Einnahme von Paris 1814 auf der politischen Bühne zurück. Eine dauerhafte Beschäftigung gilt aber auch den eignen Erlebnissen, zu denen zählt, daß er in der Campagne in Frankreich und der Belagerung von Mainz 1821/22 konkret beteiligt war.

■ Goethe, cujo interesse relativamente amplo por Portugal, mais tarde pelo Brasil, se deve ao terremoto de 1755, começa com um livro sobre Portugal, nomeadamente *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal, 1797-1801* [*Impressões de uma viagem pela França, Espanha e especialmente Portugal*], publicado em Kiel, em 1801, da autoria do botânico Heinrich Friedrich Link (Ed. por Dirk Friedrich, 2ª ed., 2016), alargando depois, sistematicamente, o seu conhecimento acerca do país no contexto da Europa dominada por Napoleão. Acrescenta as suas impressões através do erudito e diplomata António de Araújo de Azevedo, que conheceu em Jena, e que também se ocupava de questões científicas e estudos da natureza (Albin Eduard Beau, *Goethe im portugiesischen Geistesleben* [*Goethe no universo intelectual português*] in: *Goethe-Jahrbuch* 1951, pp. 126-141). Outros relatos de viagem virão acrescentar-se acerca deste país que, tal como a Espanha, se encontra na lista de países que Napoleão Bonaparte pretende conquistar. Mas há outra perspetiva que se torna visível no interesse de Goethe por Portugal, através de um contacto estabelecido em Weimar, nomeadamente o acompanhamento dos acontecimentos políticos. Sendo conhecida a sua fobia em relação às convulsões políticas quotidianas que os jornais noticiam, não podemos esquecer, ao mesmo tempo, a análise mais substancial que Goethe dedica ao decurso dos acontecimentos, algo que se torna manifesto, do ponto de vista criativo também, nos tempos da Revolução Francesa. Primeiro em peças antirrevolucionárias, depois no ciclo de contos *Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten* [*Conversas de refugiados alemães*], finalmente, com um acento defensivo e nacionalista, na popular epopeia em hexâmetros *Hermann und Dorothea*. Cedo se apercebe das insuficiências do lado alemão; por essa razão, Goethe mantém-se inicialmente em silêncio, voltando a pronunciar-se sobre a cena política só depois da primeira tomada de Paris, em 1814. As vivências concretas de Goethe deram igualmente azo a uma ocupação prolongada com matérias políticas, nomeadamente em

Campagne in Frankreich [Campanha em França] e Belagerung von Maynz [Cerco de Mainz], de 1821/22. Assim, o cidadão de Weimar Johann Christian Mämpel podia acalentar esperanças, em 1823, de que Goethe viesse a ler o seu manuscrito passado a limpo «Tagebuch eines jungen Soldaten» [Diário de um jovem soldado], tal como, aconteceu de facto, segundo o diário de Goethe, entre 14 a 16 de novembro desse ano. Goethe fica de tal maneira impressionado que aconselha a publicação do manuscrito, que será dado à estampa, em 1826, pelo editor de Leipzig Friedrich Fleischer, em dois volumes: Der junge Feldjäger in französischen und englischen Diensten während des Spanisch-Portugiesischen Kriegs von 1806-1816. Eingeführt von J. W. von Goethe [O jovem soldado ao serviço de França e Inglaterra durante a guerra em Espanha e em Portugal de 1806 a 1816. Com uma introdução de J. W. von Goethe], de acordo com o título do segundo volume. Goethe não escreve propriamente uma introdução; acompanha o seu texto introdutório com o anúncio «Tentame de um jovem soldado numa campanha de dez anos», em abril de 1824, pensada para a sua revista de arte (no Vol. V, Caderno I, pp. 161-169), Über Kunst und Altertum. Uma vez que na mais recente edição do Goethe-Wörterbuch [Dicionário Goethe] falta a entrada «Portugal», é necessário contextualizar em detalhe este período.

Napoleão, ainda enquanto Primeiro Cônsul, obrigou a Espanha, pelo Tratado de Santo Ildefonso, em 1800, a uma aliança. A batalha naval de Trafalgar, a 21 de outubro de 1805, em que o almirante inglês Horatio Nelson levou de vencida a frota da aliança franco-espanhola com a tática nova e ousada da quebra das linhas inimigas, que implicava riscos e sacrifícios, constitui o ponto de viragem nas condições de cooperação. O favorito do rei espanhol, também conhecido de Goethe, distinguido após o acordo de paz de Basileia, em 1795, com o título de «Príncipe de la Paz», Manuel Godoy Alvarez de Forza, duque de Alcudia (1767-1852), vê-se obrigado a seguir um curso contra a França. O soldado Mämpel descreve as consequências na «Introdução» ao seu livro, na perspetiva em que a situação geral lhe diz respeito e na medida do que era do conhecimento público à época: «O imperador Napoleão, com o fito de excluir os ingleses do comércio com o continente, reconheceu a necessidade de ocupar Portugal, que, por via da sua situação geográfica e outras condições, mantinha uma aliança com a Inglaterra. Declarou o príncipe regente

So konnte sich der Weimarer Bürger Johann Christian Mämpel sich 1823 Hoffnungen machen, daß Goethe im sauber geschriebenen Manuskript sein „Tagebuch eines jungen Soldaten“ lesen werde, wie dies, nach Goethes Tagebuch, in der Zeit vom 14.-16. November geschehen ist. Goethe ist so beeindruckt, daß er den Druck empfiehlt, der 1826 in zwei Bänden bei dem Leipziger Verleger Friedrich Fleischer erscheint: Der Junge Feldjäger in französischen und englischen Diensten während des Spanisch-Portugiesischen Kriegs von 1806-1816. Eingeführt von J. W. von Göthe <so die Titelei des zweiten Bändchen>. Goethe schreibt nicht nur ein Vorwort, sondern er begleitet es zugleich mit einer Vorankündigung „Aufsatz über des jungen Feldjägers zehnjährige Campagne“ im April 1824, bestimmt für seine Kunstzeitschrift (Bd. V, H.1, S. 161-169). Weil auch in der jüngsten Lieferung des Goethe-Wörterbuch das Stichwort Portugal fehlt, ist es nötig, stelle ich ausführlich den Zusammenhang dar.

Napoleon hat, noch als Erster Konsul, im Vertrag von San Ildefonso 1800 ein Zusammengehen mit Spanien erzwungen. Die Seeschlacht von Trafalgar am 21. Oktober 1805, in der der englische Admiral Horatio Nelson die vereinigte französische-spanische Flotte mit der opferbereiten neuen Taktik des Durchbruchs durch eine feindliche Linie vernichtend schlägt, ist der Wendepunkt in der Kooperationsbedingungen. Der auch Goethe persönlich bekannte Günstling des spanischen Königs, der nach dem Abschluß des Basler Friedens 1795 mit dem Titel „Príncipe de la Paz“ ausgezeichnet worden ist, Manuel de Godoy Alvarez de Forza, Herzog von Alcudia (1767-1852), sieht sich gezwungen, einen antifranzösischen Kurs einzuschlagen. Die Folgen schildert der Soldat Mämpel in der „Einleitung“ zu seinem Buch im Hinblick auf die ihn betreffende, die damaligen öffentlichen Kenntnisse zusammenfassende Gesamtlage: „Der Kaiser Napoleon, auf Ausschließung der Engländer vom Handel des festen Landes bedacht, erkannte für notwendig, Portugal, das seiner Lage und anderer Verhältnisse wegen mit England in Verbindung geblieben war, zu besetzen. Er erklärte den Prinz Regent des Reichs verlustig, weil er die englischen Waaren nicht in Beschlag hatte nehmen lassen. Um Spanien wegen der Besetzung seines Nachbarlandes zu beruhigen, schloß er



Napoleon I.

inapto por não ter mandado confiscar as mercadorias inglesas. Para tranquilizar a Espanha por causa da ocupação do país vizinho, assinou um tratado com o rei; mas já na altura parece estar a preparar, por intrigas, a queda da casa real espanhola. – Subitamente, o rei Carlos IV manda prender o filho, o príncipe herdeiro, castigando-o assim por conspirar contra ele, pai e rei. O povo espanhol não se tinha ainda recomposto da consternação que esta notícia fizera alastrar, quando chegou um novo anúncio real de que o príncipe herdeiro havia confessado o arrependimento pelo seu ato e que o rei lhe havia concedido o seu perdão. Napoleão era, provavelmente, a causa destas desavenças entre pai e filho, enganando ambos com promessas do seu apoio. – O príncipe de Portugal deixou a pátria, que não pôde defender contra o poderio superior do ocupante, e rumou ao Brasil. Os franceses ocupavam agora o país, mas não se lembravam das antigas promessas vertidas no tratado com Espanha; constava até que Napoleão iria incorporar Espanha até ao Ebro no seu grande corpo territorial, o que seria fácil naquele momento, pois dispunha de muitas tropas em Espanha, destinadas a Portugal. Só agora o povo espanhol reconhecia o perigo que representava o país vizinho; feroz, foi em tumulto até Aranjuez, onde destruiu o palácio do Príncipe da Paz, e do ministro todo-poderoso, declarando-o inimigo e traidor à pátria. No dia seguinte, o rei Carlos IV declarou que, devido ao seu estado de saúde, tinha de renunciar à coroa em favor do filho, Fernando VII. O povo acreditava poder alegrar-se e estar seguro contra as pretensões francesas com a queda do ministro e a subida ao trono do príncipe herdeiro. Contudo, ponderando importância desta mudança de governo, Murat avançou para Madrid com o exército destinado a Portugal, mandou um negociador estabelecer alianças com o rei cessante e com o novo rei, e em breve o primeiro declarou o seu protesto contra a renúncia forçada; a instâncias de Murat, o novo rei apressou-se a ir ao encontro do imperador, que já teria passado a fronteira, para lhe pedir o reconhecimento da sua ascensão ao trono. O novo rei deu este passo contra a vontade dos seus conselheiros e do povo, que rodeava a sua comitiva em todas as cidades, pedindo-lhe que ficasse. Chegou até Bayonne e, poucos dias depois, chegou o pai, a rainha, os príncipes e o Príncipe da Paz. Aqui, Fernando foi obrigado a renunciar ao trono, porque o seu pai lhe explicou que fora obrigado a renunciar à coroa e que o imperador lhe dera a escolher entre a renúncia e a morte. Carlos renunciou também, a favor

mit dem König einen Traktat; aber schon damals scheint er durch geheime Intrigen den Sturz des spanischen Regentenhauses vorbereitet zu haben. – Plötzlich ließ der König Carl IV. seinen Sohn, den Kronprinzen, verhaften, und bezüchtigte denselben einer Verschwörung gegen ihn, den Vater und König. Noch hatte sich das spanische Volk von der Bestürzung, die diese Nachricht verbreitete, nicht erholt, als eine zweite königliche Bekanntmachung erklärte, der Kronprinz habe sein Vergehen reuig eingestanden und der König ihm verziehen. Wahrscheinlich war auch hier Napoleon die Triebfeder dieser Uneinigkeiten zwischen Vater und Sohn, indem er beide durch Vorspiegelung seiner Hülfe täuschte. – Der Prinz von Portugal verließ sein Vaterland, das er gegen die Uebermacht nicht vertheidigen konnte, und ging nach Brasilien. Jetzt besetzten die Franzosen das Land, gedachten aber der frühern Verheißungen im Traktat mit Spanien nicht mehr; ja, es verlautete das Gerücht, Napoleon werde Spanien bis an den Ebro seinem großen Leibe einverleiben, was ihm jetzt, wo er viele Truppen schon in Spanien stehen hatte, die nach Portugal bestimmt waren, leicht gewesen wäre. Nun erst erkannte Spaniens Volk den gefährlichen Nachbar, erbittert zog es im Aufruhr nach Aranjuez, wo es den Pallast des Friedensfürsten, des allvermögenden Ministers, zerstörte und ihn einen Feind und Verräther des Vaterlands nannte. Tags darauf erklärte Carl IV., daß er seiner Gesundheitsumstände halber der Krone entsage und sie seinem Sohn Ferdinand VII. abtrete. Das Volk glaubte sich durch den Sturz des Ministers und die Thronbesteigung des Kronprinzen zur Freude berechtigt und gegen Frankreichs Anmaßungen gesichert. Aber die Wichtigkeit dieser Regierungsveränderung erwägend, rückte Murat mit einer Armee, die scheinbar nach Portugal bestimmt war, rasch nach Madrid zu, ließ durch gewandte Unterhändler Verbindungen mit dem abgetretenen und dem neuen König anknüpfen und bald erklärte jener, daß er gegen seine erzwungene Entsagung protestire; diesen bewog Murat, dem Kaiser, der schon die Grenze Spanien überschritten haben sollte, entgegen zu eilen und um Anerkennung seines Thronbesitzes zu bitten. Diesen unüberlegten Schritt that der neue König gegen den Willen seiner Räthe und des Volks, das in allen Städten seinen Wagen umringte und ihn zu bleiben bat. Er ging bis Bayonne und wenig Tage nach ihm langte

sein Vater, die Königin, die Prinzen und der Friedensfürst an. Hier mußte Ferdinand dem Thron entsagen, weil sein Vater erklärte, er habe nur erzwungen die Krone abgetreten und der Kaiser ließ ihm die Wahl zwischen Tod und Entsagung. Carl entsagte ebenfalls, zu Gunsten Napoleons, der seinen Bruder Joseph zum König ernannte. – Das spanische Volk, beleidigt durch die Anmaßung des fremden Monarchen ihm einen König aufdringen zu wollen, empörte sich und entwickelte eine Kraft, die der Kaiser ihm nie zugetraut hatte, weil er ein solches Feuer für die Religion, das Vaterland und den angestammten Herrscher nicht möglich glaubte in einer Nation, die an geistiger Ausbildung und Industrie hinter dem übrigen Europa zurückgeblieben war. Die Geistlichkeit, deren Macht bei diesem Volke noch ungekränkt dastand, fürchtete das Schicksal der französischen und erhitze die racheglühende Nation noch mehr; das herrische, anmaßende Betragen der französischen Armee und die Unterstützung der Engländer waren ebenfalls mächtige Triebfedern zu einer Volksbewaffnung, durch welche es möglich wurde, daß die spanische Armee den General Dupont mit seinem Corps in der Sierra Morena gefangen machte und die Engländer den Marschall Junot in Portugal, worauf sich das französische Heer hinter den Ebro zurückzog. – Jetzt wähnte der Kaiser, durch seine Erscheinung werde er schnell die Flammen des Aufruhrs dämpfen, er rückte mit der großen Armee, die aus Deutschland kam, schlug die ihm entgegentretenden Truppen, ohne jedoch den Aufruhr zu stillen und ging nach Madrid. Hier vernichtete er eine Menge Institutionen, die ohne Zweifel nicht mehr zeitgemäß waren und nur dazu gedient hatten, die Kultur Spaniens zu hemmen; aber durch die schonungslose Aufhebung vieler Klöster und der Inquisition, so wie der Vorrechte des Adels, erbitterte er die Großen und die Geistlichkeit noch mehr gegen sich, ohne das Volk dadurch zu gewinnen. Bald sah er die beinahe unüberwindlichen Schwierigkeiten dieses wahrhaften Volkskriegs ein, er reiste ab, um sein Leben und seinen persönlichen Kriegsruhm zu retten und kehrte nie wieder nach Spanien zurück. – Die Generale führten mit wechselndem Erfolg fort; der König Joseph konnte sich nur da Herr des Landes nennen, wo französische Truppen standen; der Kampf ward immer blutiger und erneuerte sich in allen Provinzen.

de Napoleão, que nomeou o seu irmão Joseph rei. – O povo espanhol, ofendido pela prepotência do monarca estrangeiro ao querer impor-lhe um soberano, revoltou-se e desenvolveu uma força que o imperador nunca lhe teria reconhecido, pois não acreditava ser possível um fervor religioso, patriótico, e uma crença no rei do seu país, tais numa nação que ficara para trás, em educação e indústria, no meio da restante Europa. A força espiritual, cujo poder permanecia intacto neste povo, temia o destino do poderio francês e acirrava ainda mais os ânimos da nação onde germinava o ódio; o comportamento dominante e prepotente do exército francês, e o apoio dos ingleses por outro lado, foram um impulso poderoso para que o povo se tomasse de armas e tornasse possível que o exército espanhol prendesse o general Dupont com as suas tropas na Sierra Morena e os ingleses prendessem o marechal Junot em Portugal, na sequência do que o exército francês retirou para lá do Ebro. – O imperador julgava agora que a sua presença iria apagar rapidamente as chamas da revolta; avançou com o grande exército que vinha da Alemanha, derrotou as tropas que lhe fizeram frente, sem, todavia, neutralizar os revoltosos, e dirigiu-se para Madrid. Ali, liquidou uma série de instituições que eram, sem dúvida, anacrônicas e que só tinham servido para retardar a cultura espanhola; porém, o encerramento de muitos mosteiros e a abolição da Inquisição, tal como dos privilégios da nobreza, acicatou ainda mais o ódio dos poderosos e do clero contra ele, sem que o povo ficasse, por isso, do seu lado. Em breve deparou com as dificuldades inultrapassáveis colocadas por este povo verdadeiramente guerreiro e deixou o país, tratando de salvar a sua fama guerreira pessoal, e nunca mais regressou a Espanha. – Os generais continuaram, com sucesso variável; o rei Joseph só aqui e acolá, onde houvesse tropas francesas, podia dizer-se senhor do país; os combates tornavam-se cada vez mais sangrentos e renovavam-se em todas as províncias. Só com grandes contingentes era possível atravessar o país e era muito a custo que se mantinha aberta a ligação com a França e as diferentes guarnições. Muitos homens foram mortos, não tanto no combate em campo aberto, mas por assassinato, doenças e à fome, até por fim a campanha triunfal do exército francês fracassar diante da pertinácia do povo espanhol e a valentia do exército inglês, comandado por Wellington» (pp. XI-XVIII).

Este panorama dos acontecimentos na Península Ibérica deixa entrever o interesse particular que Goethe

terá tido por esta descrição de cariz autobiográfico. A ambivalência das guerras napoleónicas torna-se explícita: por um lado, a política francesa, de expansão e conquista; por outro, o ímpeto revolucionário progressista que se associa à figura do imperador. Na sua «Introdução», Goethe sublinha, sintomaticamente: «Também o nosso compatriota, durante a revista às tropas, às portas de Valladolid, foi interpelado por Napoleão <p. 171 ss.>, também ele matou e destruiu, no dia 2 de maio de 1808, na capital revoltada <p. 112 ss.>, aquartelou-se no palácio do Príncipe da Paz, em Aranjuez, sofreu às mãos das ágeis guerrilhas, sofreu sob o egoísmo dos enfermeiros e quase morreu na prisão inerecida e cruel. Mas um desejado consolo foi-lhe concedido: o de ajudar a destruir as entranhas do edifício da Inquisição e o de ver aquele palácio da morte em chamas, não sem a suspeita de ter, ele e os companheiros, atirado o archote lá para dentro <p. 219ss., quando escreve sobre o «Ninho do pecado»>».

Goethe acompanha a publicação do livro, para a qual queria tentar entusiasmar Cotta em primeiro lugar, mediante a apresentação do conteúdo, publicitando o volume dado à estampa anonimamente, na sua revista *Über Kunst und Altertum*, e faz uma relação, na revista e só nela obviamente, de tópicos relacionados com a



Nur große Haufen konnten das Land durchziehen und mit Mühe erhielt man die Verbindung mit Frankreich und den einzelnen Armeecorps offen. Zahllose Menschen fanden ihren Tod weniger im offenen Kampfe, als durch Meuchelmord, Krankheiten und Hunger, bis endlich der noch unbefleckte Siegesruhm der französischen Heere an der Beharrlichkeit des spanischen Volks und der Tapferkeit der englischen Armee unter Wellington scheiterte“ (S. XI-XVIII).

Dieser Überblick über die Vorgänge auf der iberischen Halbinsel läßt erkennen, welches besondere Interesse Goethe an dieser autobiographischen Schilderung haben mußte. Die Ambivalenz der napoleonischen Kriege wird deutlich: einerseits die expansive französische Eroberungspolitik, andererseits der revolutionäre Fortschrittsimpetus, der sich mit der Gestalt des Kaisers verbindet. In seinem „Vorwort“ hebt Goethe charakteristischerweise hervor: „Auch unseren Gesellen ergreift Napoleon, als er die Truppen vor Valladolid mustert, bei'm Knopf und fragt ihn aus <S.171f.>; auch dieser Landsmann zog in Madrid ein, angeführt von Prinz Murat, auch er tödtete und wüstete den 2. Mai 1808 in der empörten Hauptstadt <S. 112ff.>, nahm in Aranjuez in dem zerstörten Palast des Friedensfürsten Quartier, litt von behenden Guerillas, schmachtete unter eigennützigen Krankenwärtern und verkam beinahe im grausamen unverdienten Gefängniß. Dafür wird ihm aber eine erwünschte Genugthuung: ihm ist vergönnt, die Eingeweide des Inquisitionsgebäudes zu Valladolid zerstören zu helfen und den Mordpalast brennen zu sehen, nicht ohne Verdacht, mit seinen Gesellen die Fackel hineingeworfen zu haben <S.219ff. zum alten „Sündennest“>“.

Goethe begleitet die Buchpublikation, für die er zunächst Cotta erwärmen wollte, durch eine Vorstellung des Inhalts in einer Werbung für den anonym erscheinenden Band in seiner Zeitschrift *Ueber Kunst und Alterthum* und listet dort, nur dort selbstverständlich, in Stichworten den Lebenslauf auf, während ansonsten Buch- und Zeitschriftenfassung nur geringfügig umarrangierte Variation sind, um ein lebendiges Zeitbild entstehen zu lassen. Es heißt dort: „J. C. M., Sohn eines würdigen Pfarrers im Weimarischen, ein gutmüthiger, aber unruhiger, ja wilder Knabe von lebhaften Geistesfähigkeiten, wird von seiner Mutter (den Vater hat er in früher Jugend



Joachim Murat (25. März 1767 - 1815)

vida de Mämpel, sendo que as versões do livro e da revista são variações com poucas diferenças, apresentando um retrato vivo da pessoa. Lê-se na revista: «J. C. M., filho de um pastor de Weimar, é um rapaz de boa índole, ainda que irrequieto, buliçoso mesmo, de espírito muito vivo. A mãe destina-o a uma vida de pai de família (perdeu o pai era ainda muito jovem). À morte da mãe, propõe-se como objetivo preparar-se para os estudos liceais em Weimar. Aprende o ofício de barbeiro. Os planos de aprender cirurgia são postos de lado ao assistir a uma autópsia. Foge de casa do seu mestre e destaca-se, no ano de 1806, em Erfurt, sob a bandeira do exército francês. Marcha através dos Países Baixos até Boulogne, regressando a Mechelen. Permanência em França. Estada agradável junto a uma dama da nobreza, em St. Miar. Juramento de bandeira em Villefranche. Gascogne. Bayonne. – Invasão de Espanha (1808). Não consegue acompanhar o exército por falta de forças, fica para trás. Perde-se e por isso vê-se obrigado a superar aventuras que o põem em perigo de vida, na companhia de dois camaradas. As varinhas dos alcaides e os seus poderes mágicos. Chegada a Madrid. Encontro em casa de Moya. Retirada, passando por Madrid, para Miranda. Chegada do grande exército. Avança com ele. Encontro em Burgos. Valladolid. Revisão das tropas. Encontro em Benavente. Perseguição dos inimigos até Corunna (1809). Os espanhóis assaltam o hospital. A crueldade destes. – Leon. Retirada até Medina del Rio Secco. Valderos. Investidas contra as guerrilhas. Aventuras. Marcha até Sahagunt. Batalha em Alba de Tormes. Destruição do edifício da Inquisição em Valladolid. Acontecimentos durante o cerco de Rodrigo. Permanência no hospital de Salamanca. Crueldade dos enfermeiros. – Conquista de Almeida (1810). Encontro no Buçaco. Longa permanência junto ao Tejo, não muito longe de Lisboa. Retirada para Espanha (1811). Almeida é ocupada pelos ingleses. Retirada secreta dos ocupantes franceses ali presentes e derrube dos baluartes. É feito prisioneiro. Tratamento e aventuras enquanto detido. Passa a estar ao serviço dos ingleses. – Embarque e viagem até Inglaterra. Permanência naquele país. Saída. Tempestade. Gibraltar. Malta. Permanência lá. Transferência para a Sicília (1812). Messina. Características dos sicilianos. Palermo. Saída com destino a Espanha. – Alicante. Invasão dos franceses. Tibi. Os calabreses. Ataque dos franceses é rechaçado. Avanços até Valência. Invasão de Tarragona. Retirada. Embarque num navio de cavalaria. Embarque

verloren) für die väterliche Laufbahn bestimmt. Der Tod derselben setzt seinen wissenschaftlichen Vorbereitungen auf dem Gymnasium zu Weimar ein Ziel, Er erlernt die Barbierkunst, eine gerichtliche Section verleidet ihm alle Chirurgie. Er entweicht aus dem Hause seines Lehrherrn und läßt sich im Jahr 1806 in Erfurt unter das französische Militär ausnehmen. Marschirt durch die Niederlande nach Boulogne, zurück nach Mecheln. Aufenthalt in Frankreich. Angenehmer Aufenthalt bei einer Edeldame zu St. Miar. Fahnenweihe in Villefranche. Gascogne. Bayonne. – Einmarsch in Spanien (1808). Kann wegen Kraftlosigkeit der Armee nicht folgen, bleibt zurück. Verirrt sich und hat deßhalb, in Gesellschaft zweier Cameraden, lebensgefährliche Abenteuer zu bestehen. Stäbchen der Alcalden und deren Wunderkraft. Ankunft in Madrid. Treffen bei Moya. Rückzug über Madrid bis Miranda. Ankunft der großen Armee. Geht mit derselben vorwärts. Treffen bei Burgos. Valladolid. Musterung. Treffen bei Benavente. Verfolgung der Feinde bis Corunna (1809). Die Spanier überfallen das Hospital. Grausamkeit derselben. – Leon. Rückmarsch bis Medina del Rio secco. Valderos. Streifzüge gegen die Guerillas. Abenteuer. Marsch nach Sahagunt. Schlacht bei Alba de Tormes. Zerstörung des Inquisitionsgebäudes zu Valladolid. Vorfälle während der Belagerung von Rodrigo. Aufenthalt im Hostital zu Salamanca. Grausamkeit der Krankenwärter. – Eroberung von Almeida (1810). Treffen bei Bussaco. Langes Verweilen am Tajo unfern Lissabon. Rückzug nach Spanien (1811). Almeida von den Engländern belagert. Heimlicher Abzug der darin liegenden französischen Besatzung und sprengen der Wälle. Er wird gefangengenommen. Behandlung und Abenteuer während seiner Gefangenschaft. Er nimmt englische Kriegsdienste. – Einschiffung und Fahrt nach England. Aufenthalt daselbst. Abfahrt. Sturm. Gibraltar. Malta. Aufenthalt daselbst. Versetzung nach Sicilien (1812). Messina. Charakterzüge von Sicilianern. Palermo. Abfahrt nach Spanien. – Alicante. Französischer Überfall. Tibi. Die Calabresen. Zurückgeschlagener Überfall der Franzosen. Vorrücken nach Valencia. Überfall von Targona. Rückzug. Einschiffung auf einem Cavallerieschiff. Einschiffung der Pferde. Gefahr auf dem Meere. Port Mahon. Sicilien. Englische Kriegszucht. Lebensgefahr

bei'm Baden. – Matrosenstrafen. Palermo. Einbruch in das Geldmagazin. Das Campo santo. Diebstähle. Brand einer Fregatte. Rachsucht der Sicilianer. Man spielt Liebhaberkomödien. Geisterbeschwörung. Weiberverkauf. Fest der heiligen Rosalie. Fahrt nach Milazzo. Stromboli. Landung in Neapel. – Einzug des Königs in Neapel (1815). Vesuv und andere Sehenswürdigkeiten bei Neapel. Fahrt nach Genua. Gaeta. Galeerensklaven. Unglück eines englischen Kochs. Hochzeit. Der Pfaff' auf dem Fasse. Einschiffung (1816) und Sturm. Gibraltar. Portsmouth. Quarantäne. Matrosenstreit. Abfahrt nach Deutschland. Landung in Emden. Reise nach der Heimath. Ankunft in Weimar“.

Der Schlußteil dieser Biographie mußte Goethe wieder aus eigenen Interesse beschäftigen, denn er hat im zweiten Band seiner Italienischen Reise, im Rückblick auf das Jahr 1787, schon Selbsterlebtes in Süditalien verarbeitet. Man kann erkennen, wie ihn Künstlerisches besonders beschäftigt, doch unterdrückt er Farbigkeiten im bloßen Stichwort. Hinter dem Hinweis auf die Alcalden <S. 85f.> etwa verbirgt sich die Rettung vor einer Lynchjustiz der Bewohner, einer Dauerbedrohung auf dem Weg nach Lissabon. Mit Bestürzung nimmt er wahr, daß „auch die Jünotsche Armee hatte in Lissabon capituliren müssen und war auf englischen Transportschiffen nach Frankreich gebracht und unter dem Versprechen, nicht wieder in diesem Krieg gegen England zu fechten, entlassen worden“. Nüchtern hält Mämpel in einer Fußnote fest: „Doch kaum sechs oder acht Monate darauf standen sie bei Oporto den Engländern wieder gegenüber“ (S. 148f.).

Was hat Goethe an diesem Bericht, der eine Zeit und eine Weltregion erschließt, gereizt? Er grenzt seine entschiedene Förderung von der belehrenden Bildung suchende Reise ab, weil „ein solcher Gang, der nicht vom Wanderer abhängt, wo weder Zweck noch Willkür stattfindet, wo nur ein höherer Befehl oder die äußerte Nothwendigkeit gebietet“ von eigener Qualität sei und dem Augenblicksgewinn den Augenblicksverlust vor dem Hintergrund von „Mühsalen, Wunden, Krankheiten, Kerker und Tod“ gegenüberstelle: „Dadurch hat aber eben das Ganze in jedem seiner Theile ein frisches, unbedingtes Leben, welches den Unbewußten einnimmt und den Bewußten zufrieden stellt“. Er betont die hohe

dos cavalos. Perigos no mar. Port Mahon. Sicília. Disciplina guerreira dos ingleses. Perigo de vida ao nadar. – Castigos dos marinheiros. Palermo. Assalto à instituição bancária. O Campo Santo. Furtos. Incêndio de uma fragata. Sede de vingança dos sicilianos. Representações de comédias de amantes. Exorcismo. Venda de mulheres. Festa da Santa Rosalia. Viagem para Milazzo. Stromboli. Chegada a Nápoles. Viagem para Génova. Gaeta. Escravos das galeras. Infortúnio de um cozinheiro inglês. Casamento. O frade em cima da pipa. Embarque (1816) e tempestade. Gibraltar. Portsmouth. Quarentena. Rixa entre marinheiros. Partida para a Alemanha. Chegada a Emden. Viagem para a pátria. Chegada a Weimar.»

A parte final desta biografia deve ter sido de especial interesse para Goethe, pois, no segundo volume da sua Viagem a Itália, olhando o ano de 1787 em retrospectiva, já tinha trabalhado experiências próprias vividas no Sul de Itália. É perceptível o quanto lhe interessam sobretudo os temas ligados à arte; no entanto, coíbe-se de um colorido excessivo, limitando à escrita de simples tópicos. Por detrás da referência ao alcaide <p. 85s.>, por exemplo, esconde-se a salvação de uma justiça de linchamento da população, ameaça constante a caminho de Lisboa. Constata com perplexidade que «também o exército de Junot deveria ter capitulado em Lisboa e que se encontrava em navios de transporte ingleses, a caminho da França, tendo sido libertado com a promessa de nunca mais levantar armas contra a Inglaterra nesta guerra». Mämpel constata ainda numa nota de rodapé: «Todavia, mal passaram seis ou oito meses e já estavam de novo a enfrentar os ingleses no Porto» (p. 148s.).

O que terá interessado tanto Goethe neste relato que abarca um período e uma certa região do mundo? O apoio decidido que dá à publicação do mesmo não tem a ver, claramente, com a ideia da viagem como busca de conhecimento, porque «tais andanças, que não dependem do viajante, em que não há lugar nem a um objetivo determinado nem tão-pouco à arbitrariedade, que dependem apenas de um comando superior ou da necessidade exterior» são de uma qualidade própria, e os ganhos momentâneos e as perdas momentâneas surgem perante um pano de fundo de «esforços, ferimentos, doenças, prisão e morte»: «Dessa forma, o relato reveste-se, no seu todo e em cada uma das suas partes, de uma frescura da vida, de uma vida incondicional, que se aloja no nosso pensamento inconsciente e satisfaz o pensamento consciente». Goethe sublinha a auten-

ticidade de um relato como este, pois mesmo «o mais humilde soldado, percorrendo de um lado para o outro regiões inteiras como estrangeiro, com a nota do aquartelamento, penetra, como pela mão do diabo coxo», a personagem do romance de Lesage, «no mais íntimo das casas, nas esferas mais privadas da vida oculta das famílias». Esta transparência forçada é valiosa, através do reflexo no indivíduo, enquanto fonte, permite um acesso privilegiado do ponto de vista da história sua contemporânea.

Esta perspectiva não é nova para Goethe, uma vez que já a tinha utilizado como chave para o seu entendimento da Renascença, quando estudou e traduziu a autobiografia de Cellini. Por outro lado, para o poeta que atravessara em tempos o período do «Sturm und Drang» [Tempestade e Ímpeto], este acesso não se limita às classes superiores; pelo contrário, alarga-se a existências como a do carvoeiro Heinrich Stilling, fazendo sobressair o âmbito restrito de decisão como conditio humana. Goethe formula, assim, como máxima subjetiva, que pressupõe uma exigência heurística contemporânea, com base nas memórias de Mämpel: «Gosto de invocar as coisas passadas e as coisas longínquas de preferência através da observação precisa de diferentes realidades. O acontecimento momentâneo, de que tomamos conhecimento, no que diz respeito às coisas públicas, pelos jornais e muitas vezes da forma mais incerta, só ganha verdadeiramente dimensão histórica e ao mesmo tempo ilustrativa quando o ser humano individual, insignificante, imparcial dá testemunho de acontecimentos importantes, que viveu não por curiosidade ou com intenção, mas a que assistiu obrigado por uma necessidade irresistível».

Deixem-me acrescentar, para finalizar, que os dois volumes devem ter sido um sucesso editorial, pois o editor Fleischer deu à estampa igualmente, com apresentação semelhante, um outro volume de relatos, o terceiro, de outro soldado que testemunhou a guerra, em que Portugal, todavia, não era referido.

Authentizität eines solchen Berichts, weil selbst der „geringste Soldat, weite Landstriche als Fremdester kreuz und quer heimsuchend, durch sein Quartierbillet wie an der Hand des hinkenden Teufels“, der Romanfigur des Lesage, „in das Innerste der Wohnungen, in die tiefsten Verhältnisse verschlossener Häuslichkeit“ schaut. Diese erzwungene Transparenz ist durch die Spiegelung im Individuum wertvoll als Quelle, leistet zeithistorisch einen überlegenen Zugang.

Diese Ansicht ist für Goethe nichts Neues, denn er hat sie schon als Schlüssel für sein Renaissance-Verständnis benutzt, indem er Cellinis Autobiographie studiert und übersetzt hat. Zudem beschränkt sich für den ehemaligen Stürmer-und-Dränger dieser Zugang nicht auf die höheren Stände, sondern gräbt auch Köhlerexistenzen wie Heinrich Stilling aus, läßt den eingeschränkten Entscheidungsspielraum als *conditio humana* erkennen. So formuliert Goethe als subjektive Maxime, was zugleich heuristischen zeitgeschichtlichen Anspruch stellen kann, anhand Mämpels Erinnerungen: „Das Vergangene wie das Entfernte mag ich mir nicht lieber heraufrufen als durch genaue Betrachtung einzelner Wirklichkeiten. Das Augenblickliche, was wir von öffentlichen Dingen doch nur im Allgemeinen und oft auf's unsicherste durch die Zeitungen vernehmen, wird nun erst wahrhaft historisch und anschaulich zugleich, wenn der einzelne, unbefangene, unbedeutende Mensch von wichtigen Vorfällen Zeugniß gibt, denen er nicht etwa aus Neugier oder Absicht, sondern gedrungen durch unwiderstehliche Nothwendigkeit beiwohnte“.

Lassen Sie mich zum Schluß noch hinzufügen, daß die beiden Bände buchhändlerisch einigen Erfolg gehabt haben müssen, denn in gleicher Aufmachung hat der Verleger Fleischer noch von einem weiteren Kriegsteilnehmer eine dritten Band, in dem Portugal keine Rolle spielt, nachgeschoben.

Über Stigma, Pragmatismus und Prinzip und einen besseren Weg im Umgang mit Drogen

Sobre estigma, pragmatismo e princípios e uma melhor maneira de lidar com as drogas

René Lindner

■ Die portugiesische Drogenpolitik ist zweifellos der humanste und pragmatischste Ansatz in Europa. Die Resultate der Reform sprechen für sich: Ein 95-prozentiger Rückgang der HIV-Neuinfektionen, 85 Prozent weniger Tote durch Überdosen und 75 Prozent weniger registrierte Drogenfälle insgesamt seit Einführung bezeugen ihren Erfolg. Portugal, das kleine Land an Europas Peripherie hat allen Grund stolz darauf zu sein, den Mut gehabt zu haben, einen eigenen Weg in der Drogenpolitik zu gehen.

Aus pragmatischer Sicht kann man nur hoffen, dass er weltweit Schule macht. „Verletze keinen, hilf vielmehr allen, soweit du kannst“. Es scheint, als sei der zentrale Satz der Mitleidethik Schopenhauers, frei von jedem Fanatismus, die treibende Idee des portugiesischen Modells.

Es ist schwer, sich einen besseren Botschafter für das portugiesische Modell vorzustellen als Dr. João Goulão. Er hat federführend an der Reform mitgewirkt und ist seit 1997 Leiter des nationalen Anti-Drogen-Programms (Sicad) in der Hauptstadt Lissabon. Als bekennender Raucher und Liebhaber portugiesischen Weins ist Dr. Goulão alles andere als ein fanatischer Kreuzritter für die totale Gesundheit.

Nur wer sich seiner persönlichen Schwächen und Laster bewusst ist, kann ein glaubwürdiger Botschafter für eine humane, auf Mitgefühl basierende Politik sein, das genaue Gegenteil des grausamen heiligen Krieges der Prohibition. Aber in diesem Essay wird es nicht um Dr. Goulão, Portugals Drogenpolitik oder die offensichtliche Notwendigkeit einer Humanisierung der Drogengesetzgebung gehen. Dass diese Reformen überfällig sind steht außer Frage; die Frage ist empirisch lange entschie-

■ *A política de drogas portuguesa é sem dúvida a abordagem mais humana e pragmática na Europa neste momento. Os resultados da reforma falam por si: uma redução de 95 por cento nas novas infecções por HIV, 85 por cento menos mortes por overdoses e 75 por cento menos casos registrados de drogas em geral desde sua introdução atestam o seu sucesso. Os sucessos são tão impressionantes que são notados até mesmo nos EUA, a pátria da “Guerra às Drogas”.*

O empresário Andrew Yang, o “outsider” surpreendentemente popular entre os candidatos democratas à presidência, fez referência explícita ao modelo português durante uma entrevista ao noticiário americano “Rising” e defendeu a descriminalização de todas as drogas nos moldes de Portugal.

Portugal, o pequeno país da periferia da Europa, tem todos os motivos para se orgulhar de ter tido a coragem de seguir o seu próprio caminho na política de drogas. De um ponto de vista pragmático, só podemos esperar que ele se espalhe em todo o mundo. “Não machuca ninguém, mas ajuda a todos na medida do possível”. Parece que a frase central da ética da compaixão de Schopenhauer, livre de qualquer fanatismo, é a ideia motriz do modelo português.

É difícil imaginar um embaixador melhor para o modelo português do que o Dr. João Goulão. Ele desempenhou um papel de liderança na reforma e dirige o programa nacional antidrogas (Sicad) na capital Lisboa desde 1997. Fumador confesso e amante do vinho português, o Dr. Goulão é tudo menos um cruzado fanático pela saúde total.

Sómente aqueles que estão cientes de suas fraquezas e vícios pessoais podem ser um embaiador confiável para uma política humana e compassiva, o exato oposto da cruel guerra santa da Lei Seca. Mas este ensaio não é sobre o Dr. Golão, a política de drogas de Portugal ou a necessidade óbvia de humanizar a legislação sobre drogas. Não há dúvida de que essas reformas estão atrasadas; a questão foi há muito resolvida empiricamente; há artigos, relatórios e estudos suficientes para preencher bibliotecas inteiras.

Aqui está apenas uma pequena amostra: “Os vícios tomam posse de pessoas que foram desenraizadas e que não têm laços humanos estáveis. Muitos foram abusados ??ou negligenciados emocionalmente. Frequentemente, são as pessoas que tiveram relacionamentos distantes e disfuncionais com seus pais desde a infância ou adolescentes que perderam o contato com seus pais e são muito orientadas para o grupo de seus pares. Frequentemente, eles também pertencem a subculturas de minorias desfavorecidas”, escreve o renomado médico e especialista em dependências canadense Gabor Maté.

A criminalização de viciados crônicos e o tratamento cruel que muitas vezes resulta disso é um testemunho ético da pobreza, uma forma particularmente pífida de culpar a vítima. Por razões éticas, só posso esperar que o modelo português de descriminalização continue a encontrar imitadores e desejo boa sorte ao Dr. Goulão em suas discussões com tomadores de decisão ao redor do mundo.

Mas este ensaio não será sobre a minoria de usuários dependentes de drogas ilegais, mas sobre a maioria dos que não o são. Não concordo com a premissa do modelo português, que segue o zeitgeist intelectualmente insincero e socialmente prejudicial, que define o consumo de drogas unilateralmente como uma questão médica e patologiza o utilizador desde o início. Também em Portugal, os peritos autorizados pelo Estado estão a restringir o direito básico

den, es gibt genug Artikel, Berichte und Studien, um ganze Bibliotheken zu füllen.

Hier nur eine kleine Kostprobe: „„Suchterkrankungen nehmen von Menschen Besitz, die entwurzelt worden sind und die keine stabilen menschlichen Bindungen haben. Viele sind entweder missbraucht oder emotional vernachlässigt worden. Häufig sind es Menschen, die von Kindheit an distante, dysfunktionale Beziehungen zu ihren Eltern hatten oder Jugendliche, die den Kontakt zu ihren Eltern verloren haben und sich zu sehr an der Gruppe der Gleichaltrigen orientieren. Häufig gehören sie auch Subkulturen benachteiligter Minderheiten an,““ schreibt der renommierte kanadische Arzt und Suchtexperte Gabor Maté.

Die Kriminalisierung von chronisch Suchtkranken und die oft daraus resultierende grausame Behandlung ist ein ethisches Armutszeugnis, eine besonders perfide Form der Schuldzuweisung an das Opfer. Aus ethischen Gründen kann ich also nur hoffen, dass das portugiesische Modell der Entkriminalisierung weiter Nachahmer findet und wünsche Dr. Golão viel Erfolg bei seinen Gesprächen mit Entscheidungsträgern in aller Welt.

Aber in diesem Essay wird es nicht um die Minderheit der süchtigen Nutzer illegaler Drogen gehen, sondern um die Mehrheit derjenigen, die es nicht sind. Ich stimme mit der Prämisse des portugiesischen Modells nicht überein, da sie dem intellektuell unaufrichtigen und gesellschaftlich schädlichen Zeitgeist folgt, das Thema Drogenkonsum einseitig als medizinischen Sachverhalt definiert und die Nutzer von vornherein pathologisiert. Auch in Portugal beschneiden staatlich ermächtigte Experten mündigen Bürgern das Grundrecht auf freie Verfügung über den eigenen Körper.

Menschen wie Du und Ich

In diesem Essay wird es um Menschen wie Thomas aus Berlin, Christian aus Köln, Wolfgang aus Siegburg, Frederico aus Madrid, John aus Zürich gehen. Ich werde auch offen über meinen Drogenkonsum sprechen und kann nur hoffen, dass das Beispiel Schule macht. Es wird darum gehen, was diese anekdotischen Beispiele repräsentieren und auf welche Zusammenhänge sie verweisen.



João Augusto Castel-Branco Goulão ist ein portugiesischer Arzt und derzeitiger nationaler Drogenkoordinator für Portugal. Er gilt als Architekt der im Jahr 2000 eingeführten Drogenpolitik Portugals.

João Augusto Castel-Branco Goulão é um médico português e atual Coordenador Nacional da Droga em Portugal. Ele é considerado o arquiteto da política de drogas de Portugal, introduzida em 2000.

dos cidadãos maduros à livre disposição dos seus próprios corpos.

Pessoas como você e eu

Este ensaio será sobre pessoas como Thomas de Berlim, Christian de Colônia, Wolfgang de Siegburg, Frederico de Madrid, John de Zurique. Também falarei abertamente sobre o meu uso de drogas e só posso esperar que o exemplo pegue. Será sobre o que esses exemplos anedóticos representam e a que contextos eles se referem.

Será sobre a cegueira ideológica das sociedades que se consideram civilizadas e iluminadas enquanto travam uma guerra neo-puritana contra o vício e a profunda necessidade humana de autodestruição e êxtase. Uma guerra cujas vítimas podem ser encontradas predominantemente no sul global e nas classes sociais mais baixas. E a questão será como as sociedades seculares liberais justificam negar a seus cidadãos o acesso a substâncias que lhes permitiriam acabar com suas vidas livremente.

O rótulo do vício é menos enganoso do que a patologização dos usuários de drogas ilegais, mas a questão precisa ser ampliada: a ideologia neopuritânica da proibição e a estigmatização que dela decorrem tornam-nos cegos para o nosso manejo incivilizado do humano necessidade de intoxicação, perda de si mesmo e êxtase?

Aldous Huxley, mais conhecido por muitos como o autor da sátira “Admirável Mundo Novo”, que foi congelada para leitura escolar, resume: “Sempre e em toda parte as pessoas sentiram a inadequação radical de sua existência pessoal, a miséria de apenas ser seus eus isolados não devem ser parte de outra coisa, algo mais, algo nas palavras de Wordsworth, “muito mais profundamente penetrado”. “

A necessidade de superar essa inadequação radical pode ser satisfeita, entre outras coisas, por meio de experiências extáticas sob a influência de substâncias que agora são amplamente ilegais. Essas experiências normalmente não o tornam dependente, pelo contrário, elas o liberam da sensação de aperto compulsivo e isolamento entrelaçado com a experiência coti-

Es wird um die ideologische Blindheit von Gesellschaften gehen, die sich für zivilisiert und aufgeklärt halten während sie einen neo-puritanischen Krieg gegen das Laster und das tiefe menschliche Bedürfnis nach Selbstverlust und Ekstase führen. Ein Krieg, dessen Opfer überwiegend im globalen Süden und den unteren Gesellschaftsschichten zu finden sind. Und es wird um die Frage gehen, wie freiheitliche säkulare Gesellschaften es rechtfertigen, ihren Bürgern Zugang zu Substanzen zu verwehren, die es ihnen ermöglichen würden, ihrem Leben in freier Entscheidung ein Ende zu setzen.

Das Etikett des Lasters ist weniger irreführend als die Pathologisierung der Nutzer illegaler Drogen, aber die Frage muss weiter gefasst werden: Macht die neo-puritanische Ideologie der Prohibition und die aus ihr folgende Stigmatisierung uns blind für unseren unzivilisierten Umgang mit dem menschlichen Bedürfnis nach Rausch, Selbstverlust und Ekstase?

Aldous Huxley, den meisten wohl bekannt als Verfasser der zur Schullektüre erstarrten Satire „Brave New World“ bringt es auf den Punkt: „Immer und überall haben die Menschen die radikale Unzulänglichkeit ihrer persönlichen Existenz gespürt, das Elend, nur ihr isoliertes Selbst zu sein und nicht Teil von etwas Anderen, etwas Weiterem, etwas in Wordsworths Worten, “viel tiefer durchdrungenem” zu sein.“

Das Bedürfnis, diese radikale Unzulänglichkeit zu überwinden lässt sich unter anderen durch ekstatische Erfahrungen unter dem Einfluss von Substanzen erfüllen, die heute zum großen Teil illegal sind. Diese Erfahrungen machen normalerweise nicht abhängig. Im Gegenteil, sie befreien von dem Gefühl zwanghafter Enge und Isolation verwoben mit der Alltagserfahrung vieler normaler, im konventionellen Sinne gesunder Menschen.

Der britische Philosoph Jules Evans schreibt: „Ekstase ist die Erfahrung, die Wand des Egos zu durchbrechen und eine tiefe Liebe für andere Lebewesen zu spüren. Ekstatische Rituale schaffen ein Gefühl von „communitas“, Agape, Wohlwollen, ein Gefühl der Stammeszugehörigkeit. Die säkulare Moderne hat uns zu voneinander durch unsichtbare Wände getrennten Monaden geformt, ohne Verbindung zueinander, unseren Körpern, der

Weisheit unseres Unterbewussten, der Natur und dem Göttlichen.“

Der Rationalist Aristoteles stimmt ihm zu und attestiert der Ekstase eine „orgiastische Auswirkung auf die Seele“ durch die Menschen „wiederhergestellt werden, als ob sie sich einer heilenden und reinigenden Behandlung unterzogen hätten.“ Wir haben uns einen Abklatsch derartiger Rituale erhalten: Rockkonzerte, Karneval, Fußballspiele und natürlich das Oktoberfest.

Der Alkoholrausch, von ZEIT-Autor Jens Balzer treffend als „der dumpfste Rausch von allen“ beschrieben, ist gesellschaftlich akzeptiert, auch wenn er während des Oktoberfests zu Szenen wie dieser führt: „Überall brüllende Besoffene, eine junge Frau kackt mitten zwischen den Fußgängern an die Laterne, alle taumeln hin und her wie bei einer Zombie-Invasion, Sicherheitsleute passen auf, dass die Zombies niemanden versehentlich auf die Gleise stoßen, überall schlafende Bierleichen, teilweise Kotze als Kissen.“ Unter dem Hashtag „leitkultur“ beschrieb so ein Facebook-Nutzer seine Erlebnisse am nächtlichen Münchener Hauptbahnhof während der Wiesn.

Heimatminister Horst Seehofer lobt das Oktoberfest als leuchtendes Symbol der deutschen Mehrheitskultur und fordert, den Begriff „Wiesn“ in den Duden auf zu nehmen. Im Bürohumor kursiert das Akronym „VV“, „Veranstaltungsvollster“, als Auszeichnung für den maßlosesten Säufer der Betriebsfeier. Szenen wie die am Münchener Hauptbahnhof lassen sich jedes Jahr zur Altwieberfastnacht in der Düsseldorfer Altstadt beobachten.

Im Sinne einer liberalen Gesellschaft ist es richtig, diese unappetitlichen Auswüchse auszuhalten und nicht mit Verboten zu hantieren. Psychologisch fällt diese Art von Verhalten wohl in die von Huxley vorgeschlagene Kategorie der „downward transcendence“, dem Selbstverlust nicht als Weg hinauf zum Göttlichen, sondern als zumindest anfänglich lustvollem Abstieg in das animalisch-irrationale.

Es steht zu hoffen, dass zumindest der ein oder andere Trinker am nächsten Morgen neben einem schmerzhaften Kater den von Peter Sloterdijk so beschriebenen positiven Effekt verspürt: „Authentische Philosophie ist die dionysische Stille nach dem Sturm. Es ist die Feier des Gewöhnlichen im Licht des Exzesses. Der Rausch ver-

diana de muitas pessoas normais, no sentido convencional, saudáveis.

O filósofo britânico Jules Evans escreve: “Ecstasy é a experiência de romper a parede do ego e sentir um amor profundo por outros seres vivos. Os rituais extáticos criam um sentimento de “communitas”, agape, benevolência, um sentimento de pertença tribal. A modernidade secular transformou-nos em mônadas separadas umas das outras por paredes invisíveis, sem conexão uns com os outros, nossos corpos, a sabedoria de nosso subconsciente, a natureza e o divino. “

O racionalista Aristóteles concorda e atesta que o êxtase tem um “efeito orgiástico na alma” por meio do qual as pessoas “são restauradas como se tivessem passado por um tratamento de cura e purificação”. Recebemos uma cópia desses rituais: concertos de rock, carnaval, Jogos de futebol e, claro, a Oktoberfest.

A intoxicação por álcool, apropriadamente descrita pelo autor de ZEIT Jens Balzer como “a intoxicação mais maçante de todas”, é socialmente aceite, mesmo que leve a cenas como esta durante a Oktoberfest: “Por toda parte, bêbados ruidosos, uma jovem faz cocô no meio do pedestres a lanterna, todos cambaleando para frente e para trás como em uma invasão de zumbis, guardas de segurança garantem que os zumbis não atinjam ninguém acidentalmente nos trilhos, cadáveres de cerveja dormindo por toda parte, alguns vomitam como travesseiros. “ Sob a hashtag “Leitkultur”, um usuário do Facebook descreveu suas experiências na Estação Central de Munique à noite durante a Oktoberfest.

O ministro do Interior, Horst Seehofer, elogia a Oktoberfest como um símbolo brilhante da cultura majoritária alemã e pede que o termo “Wiesn” seja incluído no Duden. No humor de escritório, a sigla “VV”, “Mais agitada”, é usada como prêmio para o bêbado mais desmedido da festa da empresa. Cenas como a da Estação Central de Munique podem ser observadas todos os anos durante o Carnaval das Mulheres no centro histórico de Düsseldorf.

No sentido de uma sociedade liberal, é certo suportar esses excessos desagradáveis e não lidar com proibições. Psicologicamente, esse tipo de comportamento enquadra-se na categoria de “transcendência descendente” proposta por Huxley, a perda do eu não como um caminho para o divino, mas como uma descida, pelo menos inicialmente prazerosa, ao irracional animal.

É de se esperar que pelo menos um ou outro bebedor experimente o efeito positivo descrito por Peter Sloterdijk na manhã seguinte, além de uma ressaca dolorosa: “Filosofia autêntica é o silêncio dionísio após a tempestade. É a celebração do comum à luz do excesso A intoxicação desaparece, a ordem retorna, a vida cotidiana continua. Mas um sentimento de espanto permanece. O aumento da experiência, a fusão com o mundo na intoxicação tem efeitos colaterais misteriosos.

“Portanto, por mais certo que seja tolerar a necessidade de se livrar do espartilho apertado da vida cotidiana com a ajuda do álcool e de criar uma estrutura na qual ele possa ser vivido com segurança, é um absurdo tolerar o uso do álcool. É obviamente absurdo e injusto punir e estigmatizar os usuários de todas as outras drogas. O fato de não ser constantemente abordado, mas aceito de forma mais ou menos apática pela maioria dos usuários de outras drogas, indica o poder do estigma aí.

Quando o debate público é sobre usuários de drogas ilegais, é quase exclusivamente sobre viciados, e por décadas o debate limitou-se à questão de se eles deveriam ser tratados como doentes ou criminosos. Parece que só somos capazes de lidar humanamente com nossos semelhantes se patologizarmos as pessoas afetadas. Este é um fenômeno interessante, mas obscurece o fato de que a maioria dos usuários de drogas ilegais não são viciados, mas pessoas como Thomas, Christian, Frederico e John. Eles são pessoas como você e eu.

Prestadores de serviços e pilares da sociedade - Thomas

Thomas é advogado e meu melhor amigo. Ele mora em uma cobertura espaçosa em Berlim

fliegt, die Ordnung kehrt zurück, der Alltag geht weiter. Aber ein Gefühl des Staunens bleibt. Das gesteigerte Erleben, das Verschmelzen mit der Welt im Rausch hat mysteriöse Nebenwirkungen.“

So richtig es also ist, das Bedürfnis danach zu tolerieren, das enge Korsett des Alltags mit Hilfe von Alkohol abzuliegen und einen Rahmen zu schaffen, in dem es möglich gefahrlos ausgelebt werden kann, so absurd ist es, diese Toleranz auf den Umgang mit Alkohol zu beschränken. Es ist offensichtlich widersinnig und ungerecht, die Nutzer aller anderen Drogen zu bestrafen und zu stigmatisieren. Die Tatsache, dass dies nicht ständig thematisiert, sondern von den meisten Konsumenten anderer Drogen mehr oder minder apathisch hingenommen wird, deutet auf die Macht des Stigmas hin.

Wenn es in der öffentlichen Debatte um die Nutzer illegaler Drogen geht, geht es fast ausschließlich um Abhängige und die Debatte beschränkt sich seit Jahrzehnten auf die Frage, ob diese als Kranke oder Kriminelle zu behandeln sind. Es scheint, als wären wir nur zu einem humanen Umgang mit unseren Mitmenschen, in der Lage, wenn wir die Betroffenen pathologisieren. Das ist ein interessantes Phänomen, aber es verdeckt die Tatsache, dass die meisten Nutzer illegaler Drogen keine Abhängigen sind, sondern Menschen wie Thomas, Christian, Frederico und John. Es sind Menschen wie Du und Ich.

Leistungsträger und Stützen der Gesellschaft – Thomas

Thomas ist Jurist und lebt in einem großzügigen Penthouse in Berlin Mitte, ist verheiratet und hat eine Tochter, die die internationale Schule besucht. Seine Frau ist Mitgründerin eines erfolgreichen Beratungsunternehmens. Thomas ist selbstständig und hat durch geschickte Investments genug Vermögen angesammelt, um mit Mitte 40 schon die Möglichkeit zu haben, auf bescheidenem Niveau als Privatier zu leben. Das möchte er allerdings nicht, er möchte weiterhin produktives Mitglied der Gesellschaft bleiben. Er befindet sich in einer beruflichen Phase der Neuorientierung und begleitet als Freiwilliger Menschen im Hospiz auf ihrem letzten Weg. Thomas ist regelmäßiger Konsument illegaler Drogen. Seine Vorliebe sind Psychedelika, er nimmt regelmäßig

Psilocibin und MDMA und hat vor nicht allzu langer die Gelegenheit gehabt, LSD auszuprobieren. Der Trip war ein Geschenk eines Bekannten, eines erfolgreichen Unternehmers. Seine Frau weiß von seinem Konsum und sie haben MDMA auch schon gemeinsam genommen.

Thomas beschreibt seine Erfahrungen mit Psilocibin und MDMA als im positiven Sinne lebensverändernd. Sein Umgang mit den Substanzen ist rational und vorsichtig, geprägt von der Vorsicht, Intelligenz und Gründlichkeit, die es ihm ermöglicht haben, ein juristisches Prädikatsexamen abzulegen. Er beschreibt die Erfahrung mit Psilocibin und MDMA als den Beginn eines Weges aus einer chronischen Depression, die ihn schon seit der Kindheit begleitet. Seine Depression war offensichtlich nicht intensiv genug, um ihn an einem erfolgreichen und produktiven Leben zu hindern, insofern fällt sie nicht in das Raster dessen, was klassisch als behandlungsbedürftig einzustufen wäre.

Besonders eindrucksvoll ist seine Beschreibung der Wirkung von MDMA, das es ihm erlaubt hat, eine tiefe Erfahrung von Liebe für die Menschen um ihn herum zu spüren, eine Überwindung der alltäglichen neurotischen Barrieren, die zwischen uns und unseren Nächsten stehen. Er beschreibt es als eine befreiende Nacktheit der Seele, als ein „Ablegen der Rüstung“. Thomas ist weit davon entfernt, diese Substanzen als Allheilmittel zu verstehen. „Die Psychedelika können einem den Weg weisen, aber gehen muss man ihn nüchtern. Was aber nicht heißen soll, dass es ohne die Substanzen besser wäre. Ohne die Erfahrung der Psychedelika hätte ich den Weg wahrscheinlich gar nicht gesehen.“

Er differenziert genau zwischen dem konventionellen Irrtum, dass beispielsweise die MDMA Erfahrung nicht „echt“ sei und der Tatsache, dass es schwierig ist, diese Erfahrung in den Alltag zu integrieren und liebevoller mit den Menschen um ihn herum umzugehen: „Ich würde sagen, es ist umgekehrt: Es geht nicht darum, dass die MDMA Erfahrung nicht echt ist, sondern im Gegenteil, dass sie auf eine tiefere Ebene der Realität verweist, viel realer als der lieblose, oberflächliche Alltag einer Gesellschaft, in der wir andere Menschen und uns selbst viel zu häufig als Mittel zum Zweck sehen. Was könnte realer und echter sein als die tiefe Liebe für

Mitte, é casado e tem uma filha que vai para uma escola internacional. Sua esposa é cofundadora de uma empresa de consultoria de sucesso. Thomas é autônomo e acumulou ativos suficientes por meio de investimentos inteligentes para ter a oportunidade de viver em um nível modesto como um indivíduo privado na casa dos 40 anos. Mas ele não quer isso, ele quer permanecer um membro produtivo da sociedade. Ele está em uma fase de reorientação profissional e, como voluntário, acompanha as pessoas do hospício em sua última jornada.

Thomas é um usuário regular de drogas ilegais. Ele prefere psicodélicos, toma psilocibina e MDMA regularmente e não faz muito tempo teve a oportunidade de experimentar LSD. A viagem foi um presente de um amigo, empresário de sucesso. Sua esposa sabe de seu uso e eles já tomaram MDMA juntos.

Thomas descreve as suas experiências com psilocibina e MDMA como uma mudança de vida em um sentido positivo. Seu manuseio das substâncias é racional e cauteloso, moldado pela cautela, inteligência e meticulosidade que o habilitaram a passar por uma distinção legal. Ele descreve a experiência com psilocibina e MDMA como o início de um caminho para sair de uma depressão crônica que o acompanha desde a infância. Sua depressão obviamente não foi intensa o suficiente para impedi-lo de uma vida bem-sucedida e produtiva, portanto, não se enquadra no que seria classicamente classificado como necessitando de tratamento.

Particularmente impressionante é sua descrição dos efeitos do MDMA, que lhe permitiu sentir uma profunda experiência de amor pelas pessoas ao seu redor, superando as barreiras neuróticas cotidianas que se colocam entre nós e nossos vizinhos. Ele o descreve como uma nudez libertadora da alma, como “tirar a armadura”. Thomas está longe de entender essas substâncias como uma panacéia. “Os psicodélicos podem mostrar o caminho, mas você tem que percorrê-lo com sobriedade. Mas isso não significa que seria melhor sem as substâncias. Sem a experiência de psicodélicos, provavelmente não teria visto o caminho. “

Ele diferencia exatamente entre o erro convencional de que, por exemplo, a experiência do MDMA não é “real” e o fato de ser difícil integrar essa experiência na vida cotidiana e ser mais amoroso com as pessoas ao seu redor: “Eu diria, é o contrário: não se trata do fato de que a experiência do MDMA não seja real, mas, pelo contrário, que se refere a um nível mais profundo da realidade, muito mais real do que a vida cotidiana superficial e sem amor de uma sociedade em que outras pessoas e nós mesmos, muitas vezes vistos como um meio para um fim. O que poderia ser mais real e genuíno do que o amor profundo pelas pessoas em minha vida? Infelizmente, não é fácil compartilhar essas experiências com outras pessoas, porque apenas falar sobre elas rapidamente o torna um estranho. “

John

John é americano e mora em Zurique. Nos conhecemos há 15 anos em Praga e somos amigos desde então. John vem de uma origem humilde e trabalhou em sua carreira com determinação e disciplina impressionantes. Ele fundou uma empresa que apoia instituições financeiras no investimento de dinheiro de uma forma amigável ao clima. Há alguns meses, John e seus co-fundadores venderam a empresa para um grande banco de investimento americano por US \$ 14 milhões.

John é casado e tem um filho com quem fala todos os dias, embora passe grande parte do tempo em aviões e hotéis. John gosta de usar cocaína. Ele não faz isso com tanta frequência como fazia quando era um jovem banqueiro em Nova York, mas é a droga de que ele mais gosta. Mais introvertido e reservado, quando não é profissional, é a droga que lhe permite sair da casca.

Ele fala muito quando pega, às vezes até demais para o meu gosto. Pouco depois de sua empresa ser oficialmente vendida, ele me visitou em Düsseldorf e ficou desapontado quando eu lhe disse que não sabia como conseguir cocaína neste fim de semana. Não gosto de cocaína, embora tenha tentado várias vezes. Normalmente tomamos MDMA quando nos encontramos.

die Menschen in meinem Leben? Leider ist es nicht leicht, diese Erfahrungen mit anderen zu teilen, weil schon darüber zu sprechen einen schnell zum Außenseiter abstempelt.“

John

John ist Amerikaner und lebt in Zürich. John stammt aus bescheidenen Verhältnissen und hat mit beeindruckender Zielstrebigkeit und Disziplin an seiner Karriere gearbeitet. Er hat ein Unternehmen gegründet, das Finanzinstitutionen dabei unterstützt Gelder klimafreundlich zu investieren. John und seine Mitgründer haben das Unternehmen vor einigen Monaten für 14 Millionen Dollar an eine große amerikanische Investmentbank verkauft.

John ist verheiratet und hat einen Sohn, mit dem er täglich spricht, auch wenn er einen großen Teil seiner Zeit in Flugzeugen und Hotels verbringt. John nimmt gerne Kokain. Er tut es nicht mehr so häufig wie zu seiner Zeit als junger Banker in New York, aber es ist die Droge, die ihm am besten gefällt. Eher introvertiert und zurückhaltend, wenn es nicht um berufliches geht, ist es Droge, die es ihm ermöglicht aus seiner Schale herauszukommen.

Er redet viel, wenn er es nimmt, manchmal zu viel für meinen Geschmack. Kurz nach dem Verkauf seiner Firma offiziell war, hat er mich in Düsseldorf besucht und war enttäuscht, als ich ihm sagte, ich wisse nicht, wie ich an diesem Wochenende an Kokain kommen sollte. Ich mag Kokain nicht, auch wenn ich es schon häufig probiert habe. Normalerweise nehmen wir MDMA, wenn wir uns treffen.

Frederico

Frederico stammt aus Madrid und war Teil einer Gruppe, mit der ich 2017 das „Burning Man“ Festival in den USA besucht habe. Frederico lebt in Mexico City und ist Geschäftsführer eines Start Ups. Er war lange CEO eines konventionellen Lehrbuchverlags, ist verheiratet, hat zwei Kinder. Ganz Karrierist mit feinem Gespür für das nächste große Ding hat er sich entschieden, seine konventionelle Karriere hinter sich zu lassen und als Miteigentümer und CEO bei einem vielversprechenden Start Up einzusteigen. Frederico



Romy Schneider.



René Lindner (Fotocollage). 2022.

Frederico

Frederico é madrilenho. Ele não é um amigo meu, mais um conhecido distante, faz parte de um grupo com o qual visitei o Burning Man Festival nos EUA em 2017. Frederico mora na Cidade do México e é diretor administrativo de uma start-up. Ele foi CEO de uma editora de livros convencionais por muito tempo, é casado e tem dois filhos. Carreirista com grande senso para o próximo grande acontecimento, ele decidiu deixar sua carreira convencional para trás e ingressar em uma start-up promissora como coproprietário e CEO. Frederico é um madrugador bem treinado, um workaholic clássico.

A visita de Frederico a “Burning Man” obedeceu explicitamente ao lema de uma série de experiências com todas as drogas ilegais que conseguiu adquirir em sua viagem ao deserto de Nevada. Obviamente, ele não queria ser inferior aos coproprietários de sua empresa, que têm ampla experiência com substâncias proibidas. Ele nunca havia usado outras drogas ilegais além da maconha quando era estudante. Durante o festival ele tomou cetamina, MDMA e cocaína e fez seus companheiros celebrarem por eles. Ele foi iniciado, finalmente.

O nimbo de frieza, a distinção entre os iniciados, que não são detidos pela proibição e propaganda, e o bom descanso, que temem se tornar dependentes em um piscar de olhos, é um efeito colateral desagradável da proibição. Isso garante que carreiristas suaves como Frederico estejam agora adaptando-se a uma nova convenção: a aura de frieza que as experiências com drogas proporcionam, especialmente no meio de start-ups californianos, que tem suas raízes na contracultura e no capitalismo hippie dos anos 1970.

Não que alguém se distinguisse particularmente pelas experiências com drogas neste meio. É mais um pré-requisito para pertencer totalmente, semelhante ao lançamento de uma conexão marcante. Aqueles que não conseguem apresentar seu próprio relato de experiência durante a inevitável tagarelice sobre drogas e, assim, pro-

ist ein durchtrainierter Frühaufsteher, ein klassischer Workaholic.

Fredericos Besuch bei „Burning Man“ stand ganz explizit unter dem Motto einer Versuchsreihe mit allen illegalen Drogen, denen er bei seinem Trip in die Wüste von Nevada habhaft werden konnte. Er wollte offensichtlich den Mitinhabern seiner Firma nicht nachstehen, die alle extensive Erfahrung mit verbotenen Substanzen haben. Er hatte noch nie illegale Drogen genommen, abgesehen von Marihuana in seiner Studienzeit. Während des Festivals hat er Ketamin, MDMA und Kokain genommen und sich dafür von seinen Kompagnons feiern lassen. Er war initiiert, endlich.

Der Nimbus der Coolness, die Unterscheidung zwischen den Eingeweihten, die sich nicht von Verbot und Propaganda abschrecken lassen und dem braven Rest, der fürchtet, im Handumdrehen abhängig zu werden, ist eine unangenehme Nebenwirkung der Prohibition. Sie sorgt dafür, dass geschmeidige Karrieristen wie Frederico sich mittlerweile an eine neue Konvention anpassen: Die Aura der Coolness, die Drogenerfahrungen verleihen, besonders im kalifornischen Start-Up-Milieu, das seine Wurzeln in der Gegenkultur und dem Hippie-Kapitalismus der 70er Jahre hat.

Nicht, dass man sich durch Drogenerfahrungen in diesem Milieu besonders auszeichnete. Es ist eher eine Voraussetzung, um voll dazu zu gehören, ähnlich dem Schmiss einer schlagenden Verbindung. Wer beim unvermeidlichen Drogengequatsche nicht mit einem eigenen Erfahrungsbericht aufwarten kann und damit seine kreative, rebellische Ader unter Beweis stellt, der bleibt der spießige Außenseiter. Diese jämmerliche Scharade passt bestens zu einem Milieu, in dem die Idealisten rar geworden sind, während die Geschäftemacher und die Scharlatane immer zahlreicher werden.

Wolfgang

Wolfgang ist Jurist, lebt in Mumbai und ist „Head of Compliance“ für einen deutschen Konzern. Wolfgang, ein ruhiger, introvertierter Typ, raucht seit seiner Schulzeit mit großer Regelmäßigkeit Marihuana und ist ein Fan von Kokain für die besonderen Anlässe.

Normalerweise der Typ, der am Rand der Tanzfläche

steht und besonnen sein Bier nippt, hat er mir bei einem unserer Treffen in Mumbai begeistert von einer Partynacht in Bangkok erzählt, während derer er voll auf Koks, wie wahnsinnig schwitzend die Tanzfläche dominierte und eine fantastische Frau kennengelernt hat. Es klang nach einem schönen Abend.

Ich beende die Aufzählung hier, bevor sie ermüdend wird, nicht weil ich kein Material mehr hätte, im Gegenteil. Ich könnte noch seitenweise von den vielen angepassten, produktiven Mitgliedern der Gesellschaft aus meinem direkten Bekanntenkreis berichten, die regelmäßig illegale Drogen nehmen.

Ich selber nehme gelegentlich Kokain, MDMA und Psilocibin und rauche regelmäßig Marihuana.

Ich habe alle Namen und Details der Biographie meiner Freunde und Bekannten geändert, ich will vermeiden, dass sie zu Schaden kommen. Aber damit gelangen wir auch schon näher zum Kern des Problems: Dem „Krieg gegen die Drogen“, diesem ignoranten, inhumanen, dabei aber moralisch gebärenden Feldzug, der dafür verantwortlich ist, dass sich erwachsene Bürger angeblich freiheitlicher Gesellschaften, zu einer unmoralischen Heuchelei gezwungen sehen.

Den anekdotischen Teil abschließend sei noch mal in aller Deutlichkeit gesagt: Keine der von mir beschriebenen Personen ist „abhängig“ oder gar ein „Drogenkranker“. Die Leben, die sie führen, sind viel zu reich an positiv verstärkenden Erfahrungen im Alltag und getragen von stabilen emotionalen Bindungen. Natürlich kann sich das ändern und natürlich ist damit das Phänomen der Drogenabhängigkeit nicht als solches negiert.

Aber das Problem liegt wie in den meisten Fällen, nicht allein bei den verteuflten Drogen, sondern in der Biographie und den Lebenschancen der Individuen.

Ratten auf Droge

Was der Verteufelung einiger Substanzen in der aktuellen Erscheinungsform des Krieges gegen die Drogen zu Grunde liegt, ist eine Variante des Krankheitsmodells der Drogensucht, die in der Drogenwirkung allein die Ursache für eine Suchterkrankung sieht. Wissenschaftler, die dem Krankheitsmodell anhängen, wie z.B. A. Golds-

var sua veia criativa e rebelde, permanecem o forasteiro enfadonho. Essa charada patética se encaixa perfeitamente em um meio em que os idealistas se tornaram escassos, enquanto os empresários e charlatões se tornam mais numerosos.

Wolfgang

Wolfgang é um amigo meu de escola, ambos estudamos no Aloisius College, um internato jesuíta em Bonn Bad-Godesberg. Wolfgang é advogado, agora mora em Mumbai e é chefe de conformidade de uma montadora alemã. Wolfgang, um cara quieto e introvertido, fuma maconha com muita regularidade desde que estava na escola e é fã de cocaína em ocasiões especiais.

Normalmente o indivíduo que fica na beira da pista de dança e bebe a sua cerveja com calma, ele me contou com entusiasmo em uma de nossas reuniões em Mumbai sobre uma noite de festa em Bangkok, durante a qual ele estava cheio de coca, como suava insanamente a pista de dança e conheceu uma mulher fantástica. Parecia uma noite agradável.

Vou terminar a lista aqui antes que fique cansativa, não porque estou sem material, pelo contrário. Eu poderia falar sobre os muitos membros conformistas e produtivos da sociedade do meu círculo direto de amigos que usam drogas ilegais regularmente.

Eu mesmo ocasionalmente tomo MDMA e psilocibine e fumo regularmente maconha em idade avançada, mas em pequenas doses, com um vaporizador.

Mudei todos os nomes e detalhes da biografia de meus amigos e conhecidos, quero evitar prejudicá-los. Mas isso nos aproxima do cerne do problema: a “guerra às drogas”, essa campanha ignorante, desumana, mas moralmente fértil, que é responsável pelo fato de cidadãos adultos de sociedades supostamente livres serem forçados à hipocrisia imoral.

Para concluir a parte anedótica, deixe-me dizer novamente com muita clareza: nenhuma das pessoas que descrevi é nem remotamente “de-

pendente” ou mesmo “viciado em drogas”. A vida que levam é rica demais em experiências positivas e reforçadoras da vida quotidiana e carregadas por laços emocionais profundos. Claro que isso pode mudar e, claro, o fenômeno da dependência de drogas não é negado como tal. Mas o problema está, como na maioria dos casos, não nas drogas demonizadas, mas na biografia, nas chances de vida e no estilo de vida dos indivíduos.

Ratos em drogas

O que está por trás da demonização de algumas substâncias na atual manifestação da guerra às drogas é uma variante do modelo de doença da dependência de drogas, que vê apenas o efeito da droga como a causa de uma doença relacionada à dependência. Cientistas que seguem o modelo da doença, como A. Goldstein, professor aposentado de farmacologia na Universidade de Stanford e influente pesquisador de vícios, presumem que o comportamento é “o negócio do cérebro”.

Essa suposição não é de forma alguma “comprovada cientificamente”, mas se baseia, como já pode ser visto na formulação de Goldstein, em um modelo simples e comportamental do comportamento humano, uma escola psicológica cujas limitações epistemológicas Noam Chomsky mostrou em um ensaio que se tornou um clássico em 1967.

De acordo com o modelo, que se baseia principalmente na transferência de resultados de experimentos com macacos e ratos para humanos, o mamífero viciado deixa de ter controle de seu comportamento assim que uma droga como a heroína passa a equilibrar o que ainda não é compreendido em detalhes afeta o sistema de neurotransmissores no cérebro.

Goldstein resume de forma sucinta: “Um rato viciado em heroína não se rebela contra a sociedade, não é vítima de circunstâncias socioeconômicas e não é criminoso. O comportamento do rato é simplesmente controlado pelos efeitos da heroína em seu cérebro.”

Então, o mero uso de substâncias como heroína ou cocaína cria dependência? Para esclarecer

tein, emeritierte Professor für Pharmakologie an der Stanford University und ein einflussreicher Abhängigkeitsforscher, gehen von der Annahme aus, dass Verhalten „das Geschäft des Gehirns“ ist.

Diese Annahme ist keineswegs „wissenschaftlich belegt“, sondern stützt sich, wie schon aus Goldsteins Formulierung ersichtlich, auf ein simples, behavioristisches Modell menschlichen Verhaltens, einer psychologischen Schule, deren epistemologische Limitationen Noam Chomsky schon 1967 in einem zum Klassiker gereiften Aufsatz aufgezeigt hat.

Laut des Modells, das sich vor allem auf die Übertragung von Resultaten von Experimenten mit Affen und Ratten auf Menschen stützt, hat das süchtige Säugetier keinerlei Kontrolle mehr über sein Verhalten, sobald eine Droge wie Heroin beginnt auf die Balance des nach wie vor im Detail unverstandenen Neurotransmittersystems im Gehirn einzuwirken.

Goldstein fasst das bündig zusammen: „Eine heroinsüchtige Ratte rebelliert nicht gegen die Gesellschaft, ist kein Opfer sozioökonomischer Umstände und ist nicht kriminell. Das Verhalten der Ratte wird einfach durch die Wirkung von Heroin auf ihr Gehirn gesteuert.“

Erzeugt also bloße Einnahme von Substanzen wie Heroin oder Kokain Abhängigkeit? Um dies zu klären, begann der kanadische Psychologe Bruce Alexander Anfang der achtziger Jahre eine Versuchsreihe, in der er Ratten zum Stillen ihres Dursts vor die Wahl zwischen Leitungswasser und einer Opiatlösung stellte. Das Ergebnis schien vorhersehbar: Zahlreiche Experimente hatten gezeigt, dass Ratten oder Affen, die sich selbst Opiatlösung verabreichen konnten, dies bis zum Exzess taten und darüber selbst das Fressen vergaßen.

Alexanders Hypothese war, dass das häufig beobachtbare Suchtverhalten bei Laborratten mit Zugang zu Opiaten, nicht nur den suchterzeugenden Eigenschaften der Drogen selbst, sondern auch den Haltungsbedingungen zuzuschreiben war. Er teilte dem kanadischen Senat mit, dass vorangegangene Experimente, bei denen Laborratten in Einzelkäfigen gehalten wurden, festgeschlüsselt in einer Apparatur, die sie daran hinderte, sich die Injektionsnadeln herauszureißen, nur zeigen, dass „ernsthaft verzweifelte Tiere, wie ernsthaft verzweifelte

Menschen, ihre Verzweiflung pharmakologisch beheben werden, wenn sie können.“

Um diese Hypothese zu überprüfen, baute Alexander Rat Park, eine 8,8 m² große Kolonie mit der 200-fachen Grundfläche eines Standard-Laborkäfigs. 16 bis 20 Ratten beiderlei Geschlechts bewohnten diese Kolonie, und es gab einen Überfluss an Nahrung, Bällen und Rädern zum Spielen, genug Platz zur Paarung und um die Brut aufzuziehen. Anschließend verglich er das Verhalten der Ratten aus der Rat Park Kolonie mit denen, die in einer sogenannten Skinner-Box lebten.

Tatsächlich zeigten die Ratten in dieser Umgebung kaum Interesse am Rausch. Sie nippten nur gelegentlich an den Morphin-Trinkflaschen, selbst wenn Alexander den bitteren Geschmack der Droge mit Zucker übertünchte. Erst als er eine Substanz beimischte, welche die Opiatwirkung aufhebt, tranken die Ratten den süßen Cocktail - anscheinend scheuten die Tiere also den Rausch selbst. Sogar Tiere, die 57 Tage lang nur morphinversetztes Wasser bekommen hatten, wechselten wieder zum reinen Wasser. Anders erging es einer Kontrollgruppe in Einzelkäfigen: Sie konsumierten bis zu zwanzigmal mehr Morphin und zeigten alle Anzeichen einer Abhängigkeit.

“Wir werden Sucht nie verstehen, wenn wir nach den Ursachen ausschließlich in der Wirkung von Chemikalien suchen, egal wie stark sie wirken. Sucht ist ein menschliches Problem, dessen Ursache im Einzelnen liegt, nicht bei der Droge oder in der Fähigkeit der Droge, körperliche Wirkungen zu erzeugen“, schreibt Lance Dodes, Psychiater an der „Harvard Medical School Division on Addictions“.

Das Problem liegt nicht allein bei den verteuflten Drogen, sondern in der Biographie und den Lebenschancen der Individuen.

Die schweigende Mehrheit

Trotz der ans pornographische grenzenden medialen Besessenheit mit den Problemen Suchtkranker ist maßvoller Umgang mit illegalen Drogen die Norm, nicht die Ausnahme. Nach Angaben der jüngsten National Survey on Drug Use and Health (2016) berichten 48,5 Millionen

isso, o psicólogo canadense Bruce Alexander iniciou uma série de experimentos no início dos anos 1980, nos quais deu aos ratos a escolha entre água da torneira e uma solução de opiáceos para matar a sede. O resultado parecia previsível: numerosos experimentos mostraram que ratos ou macacos que eram capazes de administrar solução de opiáceos eles mesmos o faziam a ponto de se esquecerem de comer.

A hipótese de Alexander era que o comportamento viciante frequentemente observável em ratos de laboratório com acesso a opiáceos não se devia apenas às propriedades aditivas das próprias drogas, mas também às condições em que eram mantidas. Ele disse ao Senado canadense que experimentos anteriores nos quais ratos de laboratório foram mantidos em gaiolas individuais, amarrados a um dispositivo que os impedia de arrancar suas agulhas hipodérmicas, apenas mostraram que “animais seriamente desesperados, como humanos seriamente desesperados, mostram seu desespero correto farmacologicamente se eles podem.”

Para testar essa hipótese, Alexander Rat Park construiu uma colônia de 8,8 m² com 200 vezes a pegada de uma gaiola de laboratório padrão. Dezesseis a vinte ratos de ambos os sexos habitavam esta colônia, e havia abundância de comida, bolas e rodas para brincar, espaço suficiente para acasalar e criar a ninhada. Ele então comparou o comportamento dos ratos da colônia de Rat Park com aqueles que viviam em uma chamada caixa de Skinner.

Na verdade, os ratos desse ambiente mostraram pouco interesse na intoxicação. Eles bebiam os frascos de morfina apenas ocasionalmente, mesmo quando Alexander cobria o gosto amargo da droga com açúcar. Os ratos só beberam o coquetel doce quando ele acrescentou uma substância que neutralizava o efeito opiáceo - aparentemente os animais se esquivaram da intoxicação em si. Mesmo os animais que receberam apenas água misturada com morfina por 57 dias voltaram para a água pura. Um grupo de controle em gaiolas individuais teve um

desempenho diferente: eles consumiram até vinte vezes mais morfina e todos mostraram sinais de dependência.

“Jamais entenderemos o vício se buscarmos a causa apenas nos efeitos dos produtos químicos, por mais fortes que sejam. O vício é um problema humano, cuja causa está no indivíduo, não na droga ou na capacidade da droga ser físico cria efeitos”, escreve Lance Dodes, psiquiatra da Divisão de Vícios da Escola de Medicina de Harvard.

O problema não está nas drogas demonizadas, mas na biografia, nas chances de vida e no estilo de vida dos indivíduos.

A maioria silenciosa

Apesar da obsessão da mídia com os problemas dos dependentes, beirando a pornografia, o uso moderado de drogas ilegais é a norma, não a exceção. De acordo com a última Pesquisa Nacional sobre Uso de Drogas e Saúde (2016), 48,5 milhões de cidadãos norte-americanos com 12 anos ou mais relataram uso de drogas ilícitas no ano passado (cerca de 15% da população).

Destes, 7,4 milhões (15% dos usuários de drogas ilícitas) têm possíveis sinais de dependência (mais da metade deles - 4 milhões - com a maconha). E destes, 2,1 milhões (4 por cento do total) atendem aos critérios de “abuso”.

Em outras palavras, 85-96% das pessoas que usam substâncias ilegais não desenvolvem um comportamento problemático. Este valor corresponde aproximadamente ao valor relatado internacionalmente. De acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, pouco mais de 10% dos usuários globais de drogas são usuários de drogas “problemáticos” - restando quase 90% dos que não são.

Essa é a realidade, apesar da enxurrada de propaganda e caricatura midiática de que somos bombardeados todos os dias. O fato de satélites do império americano como a Alemanha estarem vergonhosamente varrendo sua tradição iluminista para baixo do tapete e apoiando a Lei Seca não é surpreendente, afinal, viver na longa

US-Bürger ab 12 Jahren über den Konsum illegaler Drogen im vergangenen Jahr (etwa 15 Prozent der Bevölkerung).

Von diesen weisen 7,4 Millionen (15 Prozent der illegalen Drogenkonsumenten) mögliche Anzeichen einer Abhängigkeit auf (mehr als die Hälfte davon - 4 Millionen - auf Marihuana). Und von diesen erfüllen 2,1 Millionen (4 Prozent der Gesamtzahl) Kriterien für “Missbrauch”.

Anders ausgedrückt: 85-96 Prozent der Menschen, die illegale Substanzen verwenden, entwickeln kein problematisches Verhalten. Dieser Wert entspricht in etwa dem international ausgewiesenen Wert. Laut dem Büro der Vereinten Nationen für Drogen- und Verbrechensbekämpfung sind etwas mehr als 10 Prozent der weltweiten Drogenkonsumenten “problematische” Drogenkonsumenten - was fast 90 Prozent übriglässt, bei denen dies nicht der Fall ist.

Das ist die Realität, trotz der Flut von Propaganda und medialen Zerrbildern, mit denen wir tagtäglich überschüttet werden. Dass Deutschland als treuer Vasall des amerikanischen Hegemons seine aufklärerische Tradition beschämt unter den Teppich kehrt und die Prohibition unterstützt, ist nicht weiter verwunderlich, schließlich lebt es sich im langen Schatten des Imperiums sehr einträglich und gemütlich.

Die Einseitigkeit des öffentlichen Diskurses im Vaterland die eine, die Intensität der Stigmatisierung die andere Seite. Ironischerweise ist die Stigmatisierung der Nutzung illegaler Drogen in Deutschland brutaler als in der englischsprachigen Welt, während die Gesetzgebung und Strafverfolgung in Deutschland wesentlich humaner und verhältnismäßiger ist. Ein deutscher Kanzler, der wie Barack Obama zugibt, wiederholt Kokain konsumiert zu haben, ist nur schwer vorstellbar.

Drogen nehmen nur die Anderen

Interessanter als die offizielle Propaganda ist die künstlerische Aufbereitung des Themas, besonders in Deutschland: Getrunken wird im sogenannten anspruchsvollen Filmen und Serien in rauen Mengen, kaum eine Darstellung der oberen Mittelklasse kommt ohne das obligatorische Abendessen mit Weinbegleitung aus.

Wenn es allerdings um den Konsum anderer Drogen geht, ist der Fokus fast immer auf tragischen Fällen von Abhängigkeit und Selbstzerstörung. Es ist gelinde gesagt verwunderlich, dass die überwiegende Mehrheit, die unproblematischen Nutzer illegaler Drogen keine nennenswerte mediale Repräsentation erfährt.

Wir sehen uns hier mit einem Phänomen konfrontiert, dass sich am besten unter dem Gesichtspunkt sozialer Klassen verstehen lässt. Auch wenn die Mehrheit der Nutzer illegaler Drogen offensichtlich nie in die Verlegenheit kommt, ihre Körper für kleines Geld am Bahnhof zu verkaufen, fehlen der Mut und die Aufrichtigkeit sich dem eigenen Verhalten zu stellen.

Nutzer illegaler Drogen sind immer die Anderen, die Unterschicht, in Deutschland die Junkies, in den USA vor allem schwarze Männer, die langjährige Gefängnisstrafen für den Besitz kleinerer Mengen illegaler Substanzen wie Kokain erhalten. Die Mengen sind so gering, dass eine Runde respektabler Börsenhändler damit nicht mal ein Wochenende auskommen würde.

Nach wie vor sieht die Gesetzgebung in den USA beispielsweise verpflichtend eine Gefängnisstrafe von mindestens fünf Jahren ohne Bewährung für den Besitz von 28 Gramm von „Crack“ Kokain vor. Nur, um dem Einwand vor zu beugen, dass „Crack“ besonders gefährlich und qualitativ verschieden von Kokain in Pulverform sei: Das ist ein Mythos, der jeder pharmakologischen Grundlage entbehrt. Aus chemischer Sicht sind die Substanzen identisch, der einzige Unterschied besteht darin, dass Kokain als „Crack“ geraucht noch etwas schneller wirkt als das ohnehin schon sehr schnell wirkende Kokainpulver.

Die Unaufrichtigkeit der großen Mehrheit, der respektablen, gut situierten Drogenkonsumenten, hat Konsequenzen, die gravierender kaum sein könnten. Der renommierte amerikanische Historiker Alfred McCoy fasst sie in seinem 2017 erschienen Buch „In the Shadow of the American Century“ nüchtern zusammen: „Seit dem Ende des Kalten Krieges hat der expandierende Drogenhandel kriminelle Syndikate, Rebellenarmeen und verdeckte Operationen auf fünf Kontinenten finanziert. Nachdem der Fall des Eisernen Vorhangs eine kontinentweite Barriere gegen den Drogenhandel beseitigt hatte, war die

sombra do império foi muito lucrativo e confortável por décadas.

A unilateralidade do discurso público na pátria é um lado, a intensidade da estigmatização é o outro. Ironicamente, a estigmatização do uso de drogas ilegais na Alemanha é mais brutal do que no mundo de língua inglesa, enquanto a legislação e a aplicação da lei na Alemanha são muito mais humanas e proporcionais. É difícil imaginar um chanceler alemão que, como Barack Obama, admita ter usado cocaína repetidamente.

Apenas outros usam drogas

Mais interessante do que a propaganda oficial é a preparação artística do tema, principalmente na Alemanha: as pessoas bebem em grandes quantidades nos chamados filmes e séries sofisticadas, e dificilmente qualquer representação da classe média alta pode prescindir do jantar obrigatório com vinho. Porém, quando se trata do uso de outras drogas, o foco quase sempre recai sobre os casos trágicos de dependência e autodestruição. Para dizer o mínimo, é surpreendente que a grande maioria dos usuários não problemáticos de drogas ilegais não tenha nenhuma representação digna de nota na mídia.

Estamos aqui confrontados com um fenômeno que pode ser mais bem compreendido do ponto de vista das classes sociais. Mesmo que a maioria dos usuários de drogas ilícitas nunca pareça ter vergonha de vender seus corpos por pouco dinheiro na estação de combóio, eles não têm coragem e sinceridade para enfrentar o seu próprio comportamento.

Os usuários de drogas ilegais são sempre os outros, a classe baixa, na Alemanha os drogados, nos Estados Unidos em sua maioria homens negros que recebem longas penas de prisão por posse de pequenas quantidades de substâncias ilegais como a cocaína. As quantidades são tão pequenas que uma rodada de corretores respeitáveis ??do mercado de ações nem passaria um fim de semana.

Nos Estados Unidos, por exemplo, ainda exis-

te uma pena de prisão obrigatória de pelo menos cinco anos sem liberdade condicional por porte de 28 gramas de cocaína “crack”. Apenas para evitar a objeção de que o “crack” é particularmente perigoso e qualitativamente diferente da cocaína em pó: este é um mito que carece de qualquer base farmacológica. Do ponto de vista químico, as substâncias são idênticas, a única diferença é que, quando fumada como “crack”, a cocaína funciona um pouco mais rápido do que a cocaína em pó, que já tem ação muito rápida.

A falta de sinceridade da grande maioria, dos usuários de drogas respeitáveis e abastados, tem consequências que dificilmente poderiam ser mais graves. O renomado historiador americano Alfred McCoy resume isso sobriamente em seu livro de 2017 “In the Shadow of the American Century”: “Desde o fim da Guerra Fria, o comércio de drogas em expansão tem financiado sindicatos criminosos, exércitos rebeldes e operações secretas em cinco continentes. Depois que a queda da Cortina de Ferro removeu uma barreira continental ao tráfico de drogas, a comunidade internacional foi repentinamente forçada a lidar com uma multidão de atores criminosos que ameaçavam a estabilidade global.

Na Sessão Especial da Assembleia Geral em junho de 1998, as Nações Unidas aprovaram a Convenção contra o Crime Organizado Transnacional e criou o Bureau sobre Drogas e Crime para lidar com um comércio global de drogas de 180 milhões de usuários (4,2% dos adultos no mundo) e US \$ 400 bilhões restringem a receita ilegal - o que corresponde a 8% do comércio mundial ou aproximadamente ao do comércio têxtil global.

Uma década depois, as Nações Unidas relataram que as drogas eram “de longe o setor mais lucrativo do crime transnacional”, avaliado em US \$ 322 bilhões, dez vezes a segunda maior atividade, o tráfico de pessoas. Quando as atividades do submundo atingem uma escala econômica suficiente para alimentar grandes conflitos, como aconteceu no Afeganistão e na Colômbia, o

internationale Gemeinschaft plötzlich gezwungen, sich mit einer Vielzahl von kriminellen Akteuren auseinanderzusetzen, die die globale Stabilität bedrohten.

Auf der Sondersitzung der Generalversammlung im Juni 1998 verabschiedeten die Vereinten Nationen das Übereinkommen gegen die grenzüberschreitende organisierte Kriminalität und gründeten das Büro für Drogen und Kriminalität, um einen weltweiten Drogenhandel mit 180 Millionen Konsumenten (4,2 Prozent der Erwachsenen der Welt) und 400 Milliarden Dollar an illegalen Einkommen einzudämmen - das entspricht 8 Prozent des Welthandels oder in etwa dem des globalen Textilhandels.

Ein Jahrzehnt später berichteten die Vereinten Nationen, dass Drogen “der bei weitem profitabelste Sektor der transnationalen Kriminalität” seien, mit einem Volumen von 322 Milliarden Dollar, das Zehnfache der nächsten größten Aktivität, dem Menschenhandel. Wenn die Aktivitäten der Unterwelt eine wirtschaftliche Größenordnung erreichen, die ausreicht, um größere Konflikte zu befeuern, wie in Afghanistan und Kolumbien geschehen, hat die Unterwelt die Autonomie und die Macht erlangt, den Lauf des Weltgeschehens zu beeinflussen.“

Auch wenn die verhältnismäßig kleine Gruppe der Intensivnutzer einen disproportional großen Teil der Gesamtmenge konsumiert, ist offensichtlich, dass die wesentlich größeren Gruppe der unauffälligen Nutzer in absoluten Zahlen mehr konsumiert und mehr Geld für illegale Drogen ausgibt. Diese Mehrheit muss endlich ihr Schweigen brechen, denn sie trägt Verantwortung für die schockierende Zahl der Opfer des Drogenkrieges.

Ein weiteres Beispiel, um die Dimensionen zu verdeutlichen: Laut einem Bericht des „Congressional Research Service“ aus dem Jahr 2018 deuten viele Quellen darauf hin, dass etwa 150.000 Morde seit 2006 durch das organisierte Verbrechen verübt wurden. Mexikanische Drogenkartelle nehmen jährlich zwischen 19 und 29 Milliarden Dollar aus dem Drogenverkauf in den USA ein.

Ich habe Drogen genommen und fordere das Recht für jeden Erwachsenen dazu!

Ohne die große Zahl der schweigenden, angepassten Nutzer wäre all dies nicht denkbar. Um eine wirkliche

Veränderung zu erzielen, muss sich die Konversation über Drogen von Grund auf verändern. Sie muss vor allem von denen aufrichtig geführt werden, die bisher die schweigende Mehrheit der Konsumenten gestellt haben. Natürlich ist es nicht angenehm, sich mit dem Stigma des „Junkies“ konfrontiert zu sehen, aber ohne den Mut, das Tabu zu brechen und das Stigma aufzuweichen, wird sich nie etwas ändern.

Mein Vorschlag ist einfach: Was wir brauchen ist eine Intervention ähnlich der in Deutschland von Alice Schwarzer initiierten „Ich habe abgetrieben und fordere das Recht für jede Frau dazu!“ Kampagne aus den frühen siebziger Jahren. Ich fordere alle Drogenkonsumenten unter der deutschen Prominenz auf Zivilcourage zu zeigen wie es damals Romy Schneider, Senta Berger, Sabine Sinjen, Gisela Elsner und Veruschka von Lehnendorff taten.

Es ist Zeit dem Klischee des einsamen Prominenten im goldenen Käfig, der den Drogen verfällt und danach in den Chor der Verteufelung einstimmt, die Realität von erfolgreich gelebtem Leben mit gelegentlichem Drogenkonsum entgegenzusetzen. Besonders erfreulich wäre, wenn Giganten des Schlagers und der Volksmusik wie Helene Fischer, Stefan Mroß oder Andreas Gabalier hier den Anfang machen würden.

Ähnlich wie damals beim Thema Abtreibung ist das Risiko einer solchen Intervention geringer als es auf den ersten Blick scheinen mag. Aus juristischer Sicht ist das Risiko gering; der Konsum illegaler Substanzen ist in Deutschland straffrei, nur der Besitz ist strafbar. Es ist ratsam sich beim öffentlichen Bekenntnis zum Drogenkonsum auf die reine Tatsache des Konsums zu beschränken und keine Angaben über Mengen zu machen, die sich im eigenen Besitz befanden.

Wer diese einfache Maßregel befolgt, braucht kaum strafrechtliche Konsequenzen zu befürchten. Und auch wenn nur diejenigen den Mund aufmachen, die es sich leisten können, das heißt, nicht befürchten müssen auf Grund ihrer Zivilcourage ihren Job zu verlieren, der Anfang wäre gemacht.

Aus psychologischer Sicht ist derart couragiertes Verhalten ratsam und gesund, im Einklang mit der modernen Forderung nach Aufrichtigkeit und Authentizität. Ohne

submundo adquiriu autonomia e poder para influenciar o curso dos assuntos mundiais.”

Mesmo que o grupo relativamente pequeno de usuários intensivos consuma uma parte desproporcionalmente grande do valor total, é óbvio que o grupo muito maior de usuários discretos consome mais em termos absolutos e gasta mais dinheiro com drogas ilegais. Essa maioria deve finalmente quebrar o silêncio porque são responsáveis ??pelo número chocante de vítimas da guerra às drogas.

Outro exemplo para esclarecer as dimensões: de acordo com um relatório de 2018 do Congressional Research Service, “muitas fontes sugerem” que cerca de 150.000 assassinatos foram cometidos pelo crime organizado desde 2006. Os cartéis mexicanos de drogas ganham entre US \$ 19 bilhões e US \$ 29 bilhões anualmente com as vendas de drogas nos Estados Unidos.

Eu usei drogas e reivindico o direito de todo adulto fazer isso!

Nada disso seria concebível sem o grande número de usuários ajustados e silenciosos. Para fazer qualquer mudança real, a conversa sobre drogas deve mudar do zero. Acima de tudo, deve ser liderado honestamente por aqueles que até agora constituíram a maioria silenciosa dos consumidores. Claro, o estigma de ser “viciado” não é agradável, mas sem a coragem de quebrar o tabu e amenizar o estigma, nada vai mudar.

Minha sugestão é simples: o que precisamos é de uma intervenção semelhante à campanha “Fiz um aborto e exijo o direito de toda mulher a fazer um aborto!” Do início dos anos 1970 iniciada por Alice Schwarzer na Alemanha. Exorto todos os usuários de drogas entre as celebridades alemãs a mostrarem coragem moral, assim como Romy Schneider, Senta Berger, Sabine Sinjen, Gisela Elsner e Veruschka von Lehnendorff na época.

É hora de contrariar o clichê da celebridade solitária na gaiola de ouro, que é viciada em drogas e depois se junta ao coro da demoniza-

ção, com a realidade de viver uma vida com sucesso com o uso ocasional de drogas. Seria particularmente gratificante se gigantes do hit e da música folk como Helene Fischer, Stefan Mroß ou Andreas Gabalier comessem aqui.

Semelhante à questão do aborto naquela época, o risco de tal intervenção é menor do que pode parecer à primeira vista. Do ponto de vista jurídico, o risco é baixo; o consumo de substâncias ilegais não é punível na Alemanha, apenas a posse é punível. É aconselhável limitar-se ao mero fato do consumo ao assumir compromissos públicos sobre o uso de drogas e não dar qualquer informação sobre as quantidades que estavam em seu poder.

Aqueles que seguem esta regra simples dificilmente precisam temer consequências criminais. E mesmo que apenas quem tem condições de abrir a boca, ou seja, não tenha medo de perder o emprego por conta de sua coragem moral, já seria um começo.

Do ponto de vista psicológico, esse comportamento corajoso é aconselhável e saudável, compatível com as exigências modernas de sinceridade e autenticidade. A ética pessoal é inconcebível sem sinceridade. Sinceridade é a condição para a possibilidade de uma ética congruente em uma sociedade de indivíduos livre.

De um ponto de vista intelectual, a proibição está em pé de barro de qualquer maneira, carece de base científica, sua premissa é mais provável de ser atribuída à área da teologia vulgar.

A premissa da guerra santa contra as drogas é que uma cultura humana sem drogas não é apenas possível, mas desejável. A visão puritana de um mundo livre do vício está, portanto, totalmente na tradição do tipo de desumano, no sentido negativo, o pensamento ilusório utópico que está profundamente enraizado nos Estados Unidos da América. Essa variedade perigosamente primitiva do pensamento cristão já alimentou as guerras sagradas contra a “sujeira”, ou seja, o erotismo e a pornografia, bem como a proibição do álcool.

Aufrichtigkeit ist persönliche Ethik nicht denkbar. Aufrichtigkeit ist die Bedingung der Möglichkeit einer kongruenten Ethik in einer freiheitlichen Gesellschaft der Individuen.

Aus intellektueller Sicht steht die Prohibition ohnehin auf tönernen Füßen, sie entbehrt einer wissenschaftlichen Grundlage, ihre Prämisse ist eher dem Bereich der Vulgärtheologie zuzuordnen.

Die Prämisse des heiligen Krieges gegen die Drogen ist, dass eine menschliche Kultur ohne Drogen nicht nur möglich, sondern wünschenswert sei. Die puritanische Vision einer vom Laster befreiten Welt steht damit voll in der Tradition der Art eines inhumanen, im negativen Sinne utopischen Wunschdenkens, die in den Vereinigten Staaten von Amerika tief verwurzelt ist. Diese gefährlich primitive Spielart christlichen Gedankenguts hat schon die heiligen Kriege gegen „Schmutz“, d.h. Erotik und Pornographie, sowie die Prohibition von Alkohol befeuert.

Diese in den USA besonders ausgeprägte Unfähigkeit, das eigene Spiegelbild zu ertragen ist nach wie vor prävalent und der Hegemon zwingt sie, vor allem wenn es um Drogenpolitik geht, auch seinen Alliierten wie Deutschland auf. Welches Adjektiv eignet sich für die Kultur eines Landes, das sich wochenlang um das Aufblitzen einer weiblichen Brustwarze im Rahmenprogramm eines Sportspektakels echauffiert, während es der weltgrößte Pornoproduzent ist? Absurd? Grotesk? Schizophren?

Die dunkelste Seite dieser puritanischen Verzerrung von Gut und Böse ist die allgemein goutierte Glorifizierung von Gewalt einer sich ständig im Kriegszustand befindlichen Nation, die keine Brustwarze im Abendprogramm ertragen kann, aber lässig mit der Verantwortung für Tod und Vertreibung Millionen Unschuldiger im Nahen Osten umgeht.

Kriege, versteht sich, die laut der offiziellen Propaganda für die freiheitlichen Werte der Aufklärung gegen „muslimische Barbaren“ geführt werden und deren Akteure sich häufig mit dem Erlös aus dem Drogenhandel finanzieren. Ein gutes Beispiel hierfür ist Afghanistan: Im Jahr 2013 wurden dort 3 Milliarden Dollar mit dem Heroinhandel erwirtschaftet, etwa 320 Millionen davon

gingen als Schutzgeld an die Taliban, die so über genug Liquidität verfügten, um Waffen zu kaufen und arbeitslosen Bauernsöhnen Sold für den Einsatz im Guerillakrieg zu zahlen.

Kleine Geschichte puritanischer Kreuzzüge

Der ungarisch-amerikanische Psychiater und Psychoanalytiker Thomas Szas, dessen brillante und hellsichtige Kritik am heiligen Krieg gegen die Drogen heute leider weitgehend in Vergessenheit geraten ist, zitiert in seinem nach wie vor aktuellen und lesenswerten Buch „Unser Recht auf Drogen“ eine Reihe im Rückblick amüsanten Beispiele für die gefährlich naiven amerikanischen Feldzüge gegen das Laster. Amüsant sind die Geschichten allerdings nur im Rückblick, für die damals Betroffenen hatte der puritanische Wahn wenig amüsante, häufig lebenszerstörende Konsequenzen.

So wie die Seele der amerikanischen Nation heute angeblich vom wehrlosen Sündenbock „Drogen“ bedroht ist, so war sie es in den 1880er Jahren von „smut“, vom Schmutz der Bilder und Literatur, die in Zeiten von ständig kostenlos verfügbarer Hardcore Pornographie kaum noch als solche erkennbar wäre. Wie Szasz in „Unser Recht auf Drogen“ schreibt: „Die biblische Schlange tauchte wieder auf, setzte die Maske namens „Obszönität und Pornografie“ auf und plötzlich wurden Bücher wie Fanny Hill und Bilder von halbnackten Frauen zu einer schrecklichen Bedrohung für das Wohlergehen der Nation. Das Land erklärte der Obszönität den Krieg und fügte bald einen Zensurzaren hinzu, der sich verpflichtete, den Schmutz auszurotten.“

Dieser Zar nannte sich Anthony Comstock und seine Heldentaten amüsierten George Bernard Shaw so sehr, dass er „comstock“ zum Vokabular des amerikanischen Englisch hinzufügte. Laut dem „Webster’s Dictionary“ ist ein „comstock“ ein „lächerlich Prüder, insbesondere in Bezug auf Fragen der Moral in der Kunst. „Comstockery“ ist zu verstehen als „Prüderie, insbesondere prüde Besessenheit in der Jagd auf Unmoral in Büchern, Zeitungen und Bildern“.

Die folgende in „Unser Recht auf Drogen“ zitierte Episode sollte ausreichen, um die Macht, die Comstock ausübte, und die Parallelen zwischen dem Krieg gegen

Essa incapacidade patológica de suportar a própria reflexão, que é particularmente pronunciada nos Estados Unidos, ainda goza de excelente saúde e a hegemonia o impõe a aliados como a Alemanha, principalmente no que diz respeito à política de drogas. Qual adjetivo é adequado para a cultura de um país que há semanas delira sobre o piscar de um mamilo feminino no quadro de um espetáculo esportivo, enquanto é o maior produtor de pornografia do mundo? Absurdo? Grotesco? Esquizofrênico?

O lado mais sombrio desta distorção puritana do bem e do mal é a glorificação geralmente apreciada da violência de uma nação que está constantemente em guerra e não pode suportar um mamilo no programa noturno, mas casualmente lida com a responsabilidade pela morte e deslocamento de milhões de pessoas inocentes no Oriente Médio.

Guerras, é claro, que, de acordo com a propaganda oficial dos valores liberais do Iluminismo, são travadas contra os “bárbaros muçulmanos” e cujos atores muitas vezes são financiados com os rendimentos do tráfico de drogas. Um bom exemplo disso é o Afeganistão: em 2013, o comércio de heroína gerou US \$ 3 bilhões lá, cerca de 320 milhões foram para o Talibã como dinheiro de proteção, que, portanto, tinha liquidez suficiente para comprar armas e filhos de camponeses desempregados pagam pelo uso no Pague a guerra de guerrilha.

Kleine Geschichte puritanischer Kreuzzüge

O psiquiatra e psicanalista húngaro-americano Thomas Szasz, cuja crítica brilhante e clarividente da guerra santa contra as drogas infelizmente foi amplamente esquecida hoje, cita uma série de retrospectivas divertidas em seu livro “Our Right to Drugs”, que ainda está em andamento - data e vale a pena ler Exemplos das perigosamente ingênuas campanhas americanas contra o vício. No entanto, as histórias são divertidas apenas em retrospecto: para os afetados na época, a loucura puritana teve consequências pouco divertidas e muitas vezes destruidoras de vidas.

Assim como a alma da nação americana é supostamente ameaçada pelo bode expiatório indefeso “drogas” hoje, assim foi na década de 1880 pela “obscuridade”, a sujeira das imagens e da literatura que, em tempos de pornografia pesada que está constantemente disponível gratuitamente, tais seria reconhecível. Como Szasz escreve em Our Right to Drugs, “A serpente bíblica reapareceu, vestiu a máscara chamada Obscenity and Pornography e, de repente, livros como Fanny Hill e fotos de mulheres seminuas tornaram-se uma terrível ameaça ao bem-estar da nação. O país declarou guerra aos palavrões e logo acrescentou censores que se comprometeram a erradicar a sujeira. “

Este czar chamou a si mesmo de Anthony Comstock e suas façanhas divertiram George Bernard Shaw tanto que ele acrescentou “comstock” ao vocabulário do inglês americano. De acordo com o Dicionário Webster, um “comstock” é um “pudico ridículo, especialmente em relação às questões de moralidade nas artes.” Comstockery “deve ser entendido como” pudico, obsessão especialmente pudica com a caça à imoralidade em livros, jornais e Imagens “.

O episódio a seguir, citado em “Our Right to Drugs”, deve bastar para ilustrar o poder que Comstock exerceu e os paralelos entre a guerra contra a “profanação” no início deste século e a atual guerra santa contra as drogas. Uma oponente particularmente odiada por Comstock foi Margaret Sanger, uma pioneira feminista e defensora do direito ao controle da natalidade. Obviamente, a cruzada anti-profandade de Comstock e a luta de Sanger pelo direito à informação sexual estavam em rota de colisão.

Para fornecer às mulheres o que hoje chamamos de educação sexual, Sanger escreveu uma série de artigos para a revista socialista Call. No entanto, a publicação foi interrompida quando Comstock anunciou que um artigo sobre gonorréia ia contra os limites do gosto público. Isso irritou Margaret Sanger ainda mais, e ela decidiu confrontar Comstock, colocando todas as infor-

„Obszönitäten“ zu Beginn dieses Jahrhunderts und dem heutigen heiligen Krieg gegen die Drogen zu verdeutlichen. Eine Comstock besonders verhasste Kontrahentin war Margaret Sanger, feministische Pionierin und Kämpferin für das Recht auf Geburtenkontrolle. Offensichtlich waren Comstocks Anti-Obszönitätskreuzzug und Sangers Kampf um das Recht auf Sexualinformation auf Kollisionskurs.

Um Frauen mit dem zu versorgen, was wir heute Sexualkunde nennen, schrieb Sanger eine Reihe von Artikeln für die sozialistische Zeitschrift „Call“. Die Veröffentlichung wurde jedoch gestoppt, als Comstock verkündigte, dass ein Artikel über Gonorrhö gegen die Grenzen des öffentlichen Geschmacks verstieße. Das erzürnte Margaret Sanger nur noch mehr und sie entschied sich, Comstock zu konfrontieren, indem sie alle damals verfügbaren Informationen über Verhütungsmittel in einer Zeitschrift mit dem passenden Titel “The Woman Rebel” veröffentlichte.

Comstock war bereit. Die Zeitschrift wurde von der Post verboten, und am 25. August 1914 wurde Sanger in 9 Punkten angeklagt, die im Falle einer Verurteilung in einer Gefängnisstrafe von 45 Jahren resultiert hätten. Sangers wollten Anwälte die Anklage auf Grund einer Formsache kippen, aber Sanger weigerte sich und zog es vor, die Flucht nach England zu anzutreten. 1915 starb Comstock, im folgenden Jahr stellte die Regierung ihre Anklage gegen Frau Sanger ein.

Margaret Sanger verfügte über Geld, Ruhm und Macht und überlebte den Krieg gegen Obszönitäten im Wesentlichen unbeschadet. Andere hatten weniger Glück. 1913, vor seinem Tod, brüstete sich Comstock mit dieser Veranschaulichung seiner Erfolge: “In den 41 Jahren, die ich hier war, habe ich genug Personen verurteilt, um einen Personenzug mit 61 Waggons zu füllen, 60 Waggons bis auf den letzten Platz und den 61 bis zur Hälfte. Ich habe 160 Tonnen obszöne Literatur zerstört.”

Diese Geschichte setzt sich nahtlos fort zur Prohibition, deren Geist sich in Äußerungen wie dieser des Predigers A.C. Bane zeigt: „Erlöst von der Prohibition, wird Amerika den endgültigen Sieg im der größten Schlacht der Menschheit erringen. Im Ringen mit dem alten Feind werden wir wie Missionare und Kreuzritter fortschreiten

und der gesamten Zivilisation den Dämon der Trunkenheit austreiben.“ Die Neuauflage dieses puritanischen Wahnsinns im zwanzigsten Jahrhundert war der von Richard Nixon ausgerufenen Krieg gegen die Drogen.

Es ist leicht, sich als Europäer herablassend von dieser einfältigen, manichäischen Weltanschauung zu distanzieren und sich in Klischees, wie dem „die USA sind eben eine junge, eine naive Nation“ zu ergeben. Damit ist allerdings niemanden geholfen. Im Gegenteil, das Schweigen der deutschen Intelligenz zum Thema, mit vereinzelt, lobenswerten Ausnahmen, ist beschämend.

Während in den USA, trotz ihrer gefährlichen puritanischen Tradition, eine Offenheit für Wandel und Veränderung besteht und die Debatte abseits des Mainstreams, zumindest wenn es um Marihuana und Psychedelika geht, zunehmend rationaler wird, ist das konservative Deutschland noch immer fest im Griff der Triade von Scham, Stigma und Verleugnung.

Veteranen auf Drogen

Ich habe 2017 gemeinsam mit etwa 40 anderen halbnackten, verschwitzten Besuchern des Burning Man Festivals in Nevada in einem Iglu Zelt gesessen, um Rick Doblin sprechen zu hören. Wir saßen schweigend und schwitzend auf dem Boden, zu dicht beieinander, um der Wunderwelt der Gerüche zu entgehen, die entstehen, wenn tägliches Duschen ein Privileg der Wenigen ist, die das einwöchige Festival mit dem Privatflugzeug ansteuern. Dankenswerterweise erschien Doblin einigermaßen pünktlich. Auch er trug nur eine kurze Hose und auch sein stämmiger Körper war bedeckt von der unvermeidbaren Schicht salzigen, rötlichen Wüstenstaubes.

Dr. Rick Doblin ist Gründer und Geschäftsführer der „Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies“ (MAPS). Er hat an der Harvard Kennedy School of Government promoviert, wo er seine Dissertation über die Regulierung medizinischer Anwendungen von Psychedelika und Marihuana verfasste. Doblin hat es fertiggebracht, die Armee der Vereinigten Staaten für eine Studie zu gewinnen in der Veteranen der US Streitkräfte, die unter bis zum Zeitpunkt der Studie behandlungsresistenten posttraumatischen Belastungsstörungen litten, MDMA mit begleitender Psychotherapie erhielten.

mações anticoncepcionais disponíveis na época em uma revista apropriadamente intitulada “The Woman Rebel”.

Comstock estava pronto. A revista foi banida do Post e em 25 de agosto de 1914, Sanger foi acusado de 9 acusações que, se condenado, teriam resultado em uma pena de prisão de 45 anos. Os advogados de Sanger tentaram reverter as acusações por formalidade, mas Sanger se recusou e preferiu fugir para a Inglaterra. Comstock morreu em 1915 e no ano seguinte o governo retirou as acusações contra Sanger.

Margaret Sanger tinha dinheiro, fama e poder, e sobreviveu à guerra contra os palavrões essencialmente ileso. Outros tiveram menos sorte. Em 1913, antes de sua morte, Comstock vangloriou-se desta ilustração de seus sucessos: “Nos 41 anos que estou aqui, condenei pessoas suficientes para encher um trem de passageiros com 61 vagões, 60 para o último assento e 61 para cima até a metade. Destruí 160 toneladas de literatura obscena.”

Esta história continua perfeitamente na Lei Seca, cujo espírito é expresso em declarações como a do Pregador A.C. Bane revela: “Livre da Lei Seca, a América alcançará a vitória final na maior batalha da humanidade. Na luta contra o velho inimigo, avançaremos como missionários e cruzados e expulsaremos o demônio da embriaguez de toda a civilização.” A reinterpretação dessa loucura puritana no século XX foi a guerra às drogas proclamada por Richard Nixon.

Como europeu, é fácil distanciar-se condescendentemente dessa visão de mundo simplória e maniqueísta e se entregar a clichês como “os EUA são uma nação jovem e ingênua”. Mas isso não ajuda ninguém. Ao contrário, o silêncio da intelectualidade alemã sobre o assunto, com algumas exceções louváveis, é vergonhoso.

Enquanto nos EUA, apesar de sua perigosa tradição puritana, há uma grande abertura para mudanças e mudanças e o debate fora da corrente dominante, pelo menos quando se trata de maconha e psicodélicos, está se tornando cada

vez, mais racional, a Alemanha conservadora ainda está firmemente sob controle da tríade de vergonha, estigma e negação.

Veteranos drogados

Em 2017, sentei-me em uma tenda de iglu com cerca de 40 outros visitantes seminus e suados do Burning Man Festival em Nevada para ouvir Rick Doblin falar. Ficamos sentados em silêncio e suando no chão, muito próximos um do outro para evitar o maravilhoso mundo de cheiros que surge quando o banho diário é um privilégio dos poucos que voam para o festival de uma semana de avião particular. Felizmente, Doblin apareceu com uma pontualidade razoável. Ele também estava vestindo apenas shorts e seu corpo atarracado estava coberto pela inevitável camada de poeira salgada e avermelhada do deserto.

Dr. Rick Doblin é o fundador e diretor administrativo da “Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies” (MAPS). Ele recebeu seu PhD pela Harvard Kennedy School of Government, onde escreveu a sua dissertação sobre a regulamentação do uso medicinal de psicodélicos e maconha. Doblin conseguiu vencer o Exército dos Estados Unidos em um estudo no qual veteranos das forças armadas dos EUA que tinham transtorno de estresse pós-traumático resistente ao tratamento até o momento do estudo receberam MDMA com psicoterapia.

Comecemos pelo princípio: o estudo foi um sucesso, os resultados podem ser lidos no artigo científico original publicado pelo renomado “Journal of Pharmacology”:

(<https://maps.org/research-archive/mdma/ptsdpaper.pdf>)

Em neste ponto, apenas as frases-chave do resumo: “A taxa de resposta clínica foi de 10/12 (83%) no grupo de tratamento ativo versus 2/8 (25%) no grupo de placebo. Não houve efeitos colaterais graves relacionados ao medicamento, efeitos neurocognitivos indesejados ou outros efeitos colaterais clinicamente relacionados, como aumentos significativos na pressão arterial. A psicoterapia assistida por MDMA

Das entscheidende vorweg: Die Studie war ein Erfolg, die Resultate lassen sich in dem vom renommierten „Journal of Pharmacology“ veröffentlichten wissenschaftliche Originalartikel nachlesen:

(<https://maps.org/research-archive/mdma/ptsdpaper.pdf>)

An dieser Stelle nur die entscheidenden Sätze der Zusammenfassung: „Die Rate des klinischen Ansprechens war 10/12 (83%) in der aktiven Behandlungsgruppe gegenüber 2/8 (25%) in der Placebogruppe. Es gab keine drogenbedingten schwerwiegenden Nebenwirkungen, unerwünschte neurokognitive Effekte oder andere klinisch bedingte Nebenwirkungen wie z.B. signifikante Blutdrucksteigerungen. MDMA-unterstützte Psychotherapie kann bei Patienten mit posttraumatischen Belastungsstörungen ohne Nachweis von Schaden eingesetzt werden, und kann bei Patienten nützlich sein, die auf andere Behandlungen verzichten.“

MDMA (Methylendioxyamphetamin) wurde 1912 von Merck synthetisiert. Die Substanz wurde aber nie für sich genommen erforscht. Der Gottvater der Psychedelika, Alexander Shulgin entwickelte eine neue Synthesemethode und führte 1976 die Chemikalie bei Leo Zeff, einem Psychologen aus Oakland, Kalifornien, ein. Zeff verwendete die Substanz in seiner Praxis in kleinen Dosen als Hilfsmittel für die Gesprächstherapie. und stellte die Substanz Hunderten von Psychologen und Laien-therapeuten im ganzen Land vor.

In Deutschland wird MDMA den meisten wohl eher als die verteilte „Ecstasy“ Pille bekannt sein, populär in der Rave und Techno Szene der 90er Jahre. Die als „Ecstasy“ gehandelt Substanz enthält häufig nur einen geringen Anteil von MDMA und ist stattdessen mit dem billigeren und aggressiveren „Speed“ (Methamphetamin) versetzt. Set und Setting, d.h. Vorbereitung, Ort, Umstände, sowie die individuelle Einstellung und die Personen, mit denen man eine Substanz nimmt, spielen eine entscheidende Rolle für die Erfahrung mit jeder Droge.

Heiße, schlecht belüftete, dröhnend laute und unpersönliche Clubs sind das denkbar schlechteste Setting für die Einnahme einer subtilen, Empathie steigernden Substanz wie MDMA. In Anbetracht dessen ist die Tatsache, dass es nur zu wenigen, natürlich hysterisch übertriebenen

Fällen, „Deutschland im Rausch“ „Todesdroge Ecstasy“ etc. von bleibendem Schaden gekommen ist, ist ein Indikator für das vergleichsweise geringe Risiko der Einnahme.

Doblins MDMA Initiative ist für mich von besonderem Interesse, da es neben Psilocibin die Substanz ist, von der ich am meisten profitiert habe. Chronisch depressiv, in einem jahrelang andauernden Zustand der Anhedonie, der quälenden Unfähigkeit Freude und Lust zu empfinden, war ich nach jahrelangen Misserfolgen mit Verhaltenstherapie und Antidepressiva kurz davor aufzugeben. Mein erster Kontakt mit MDMA war die Erlösung, nach der ich so lange gesucht hatte. Ich war noch in der Lage Freude zu empfinden und mich wohl in meiner Haut zu fühlen.

Die Ich Illusion

Im Gegensatz zu all den Klischees und der Propaganda ist die MDMA Erfahrung weder eine Illusion noch ein künstliches Paradies. Es ist eine im positiven Sinne ekstatische Erfahrung, die es erlaubt Mauer des Egos zu durchbrechen. Sie aktiviert verloren geglaubte Potentiale und beeinflusst nachhaltig positiv, lange nach dem die Wirkung abgeklungen ist.

Eine gemeinsame MDMA Erfahrung in einem angemessenen Setting schafft eine Nähe, ein Gefühl von grenzenloser Akzeptanz und Vertrauen, die in einem gesellschaftlichen Umfeld geprägt von Konkurrenz und Abstiegsangst kaum heilsamer sein könnte. Es ist kein Zufall, dass MDMA jahrelang sehr erfolgreich in der Paartherapie eingesetzt wurde, unter anderem in der konservativen Schweiz.

Die MDMA Erfahrung deutet auf eine Wahrheit hin, die das exakte Gegenteil zu all dem Unsinn ist, der die Selbsthilfeabteilungen der Buchläden füllt. Es geht nicht darum, „positiv“ zu denken, sein Denken „unter Kontrolle“ zu bekommen oder „negative“ Gedanken auszumerzen. Die Wahrheit, die der echte Buddhismus, nicht seine vulgäre, kommerzialisierte Kalenderspruchversion vor langer Zeit erkannt hat, ist dass das bewusste, verbalisierte Selbst nicht die Exekutivkontrolle hat, sondern Passagier, Reporter und Geschichtenerzähler ist.

pode ser usada em pacientes com transtorno de estresse pós-traumático sem evidências de danos e pode ser útil em pacientes que renunciam a outros tratamentos.

“O MDMA (metilenodioximetanfetamina) foi sintetizado pela Merck em 1912. A substância nunca foi pesquisada por conta própria. O padrinho dos psicodélicos, Alexander Shulgin desenvolveu um novo método de síntese e em 1976 apresentou a substância química a Leo Zeff, psicólogo de Oakland, Califórnia. Zeff usou a substância em pequenas doses em sua prática como um auxiliar de psicoterapia e apresentou a substância a centenas de psicólogos e terapeutas leigos em todo o país.

Na Alemanha, é mais provável que o MDMA seja conhecido como a demonizada pílula “ecstasy”, popular na cena rave e techno dos anos 90. A substância comercializada como “ecstasy” geralmente contém apenas uma pequena quantidade de MDMA e, em vez disso, é misturada com a “velocidade” mais barata e mais agressiva (metanfetamina). O cenário, ou seja, a preparação, o lugar, as circunstâncias, bem como a atitude individual e as pessoas com quem se toma uma substância, desempenham um papel decisivo na experiência com qualquer droga.

Clubes quentes, mal ventilados, barulhentos e impessoais são o pior cenário possível para tomar uma substância sutil e que aumenta a empatia como o MDMA. Em vista disso, o fato de haver apenas alguns casos, é claro, histericamente exagerados, “Alemanha em estado de intoxicação”, “droga mortal Ecstasy” etc. de dano duradouro é um indicador do risco comparativamente baixo de tomar.

A iniciativa de MDMA de Doblin é de particular interesse para mim porque, junto com a psilocibina, é a substância da qual mais me beneficiei. Cronicamente deprimido, em um estado duradouro de anedonia, com a agonizante incapacidade de sentir alegria e luxúria, estava prestes a desistir após anos de fracassos com terapia comportamental e antidepressivos. Meu primeiro contato com o MDMA foi o

lançamento que eu tanto procurava. Eu ainda conseguia sentir alegria e me sentir bem na minha pele.

A ilusão eu

Ao contrário de todos os clichês e propaganda, a experiência do MDMA não é uma ilusão nem um paraíso artificial. É uma experiência de êxtase em um sentido positivo que permite que você possa romper a barreira do ego. Ativa potenciais que se acredita estarem perdidos e tem um efeito positivo duradouro muito depois de o efeito ter passado.

Uma experiência compartilhada de MDMA em um ambiente apropriado cria uma proximidade, um sentimento de aceitação e confiança ilimitadas, o que dificilmente poderia ser mais benéfico em um ambiente social caracterizado pela competição e medo do declínio. Não é por acaso que o MDMA tem sido usado com muito sucesso na terapia de casais há anos, inclusive na conservadora Suíça.

A experiência do MDMA sugere uma verdade que é exatamente o oposto de todos os disparates que ocupam as seções de autoajuda das livrarias. Não se trata de pensar “positivamente”, colocar o seu pensamento “sob controle” ou erradicar pensamentos “negativos”. A verdade que o budismo real, não sua versão vulgar e comercializada em versos do calendário, reconheceu há muito tempo é que o eu consciente e verbalizado não está no controle executivo, mas é passageiro, repórter e contador de histórias.

Reduzido drasticamente, obtemos o conhecimento budista central, verificado pela ciência moderna: o ego é uma ilusão. A superestimação atualmente tão popular do pensamento verbalizado, do eu consciente, dessa caricatura da razão, acorrenta indivíduos especialmente vulneráveis ??ainda mais firmemente à roda do hamster de sua ilusão solitária de controle.

Enquanto as ondas quentes da alegria extática experimentada perfeitamente nítidas no MDMA podem inundar as estepes murchas da psique e despertá-los para uma nova vida, nós persisten-

Drastisch reduziert erhalten wir die zentrale buddhistische Erkenntnis, von der modernen Wissenschaft verifiziert: Das Ich ist eine Illusion. Die momentan so populäre Überbewertung des verbalisierten Denkens, des bewussten Selbst, diese Karikatur von Vernunft, kettet gerade die besonders verletzlichen Einzelnen nur noch fester an das Hamsterrad ihrer einsamen Kontrollillusion.

Während die warmen Wellen des vollkommen klar erlebten ekstatischen Hochgefühls auf MDMA die verdorrten Steppen der Psyche fluten und zu neuem Leben erwecken kann, halten wir grausam beharrlich an der Verteufelung der Ekstase und am Neo-Puritanismus fest. „Die nie endende Arbeit an der Selbstoptimierung ähnelt der Selbstprüfung und Selbstbeobachtung des Protestantismus, die eine Technologie der Subjektivierung und Herrschaft darstellt. Anstatt Sünden aufzuspüren, machen wir nun Jagd auf negative Gedanken, “ schreibt der Philosoph Byung-Chul Han.

MDMA setzt dort an, wo das Problem liegt, auf der Ebene des Gefühls, jenseits der Worte. MDMA, ähnlich wie Psylocibin und LSD, ist in der Lage, die verhärtete Kruste von Schmerz und Selbsthass aufzusprengen, die der an sich leidende Mensch mit seiner Persönlichkeit verwechselt, und einen Heilungsprozess anzustoßen, der tiefer geht als das Symptomanagement durch Verhaltenstherapie und Psychopharmaka.

Fatales Erbe

Damit ist nicht gesagt, dass das bewusste „Ich“ keine nützliche Funktion habe, im Gegenteil. Nur wer in der Lage, sein „Ich“ ganz zu entwickeln, hat überhaupt die Gelegenheit, seine Validität zu hinterfragen. Womit wir wieder beim Thema wären: Mit welcher Legitimation untersagt der Staat der erwachsenen Einzelnen das Recht, ihr Bewusstsein so zu beeinflussen und zu erforschen, wie sie es für richtig hält? Mit der scheinheiligen Begründung, er müsse das Individuum vor sich selber schützen.

Diese Argumentation ist lachhaft und fadenscheinig, nicht zuletzt vor dem Hintergrund staatlicher Milliardensubventionen für die Auto-Erdöl- und Lebensmittelindustrien, die dabei sind, die Lebensgrundlagen der menschlichen Spezies zu zerstören. Wenn der Staat



Psilocybinhaltige Pilze sind eine Gruppe psychoaktiver Pilze, die auch als Zauberpilze, magic mushrooms oder halluzinogene Pilze bezeichnet wird. Weitere von Kultur zu Kultur unterschiedliche Bezeichnungen sind z. B. Fleisch der Götter in Teilen Amerikas, oder Narrische Schwammerl in Österreich. Westliche Konsumenten verwenden auch Begriffe wie, Psilos, Shrooms, Paddo etc. Zu dieser Gruppe gehörende Pilze enthalten die psychedelisch wirkenden Substanzen Psilocybin und Psilocin.

Os cogumelos com psilocibina são um grupo de cogumelos psicoativos também conhecidos como cogumelos mágicos ou cogumelos alucinógenos. Outras designações que diferem de cultura para cultura, são, por exemplo, "carne dos deuses", em partes da América, ou "cogumelos tolos" na Áustria. Os consumidores ocidentais também usam termos como psilos, cogumelos, paddo etc. Os cogumelos pertencentes a este grupo contêm as substâncias psicodélicas psilocibina e psilocina.

temente apegamo-nos à demonização do êxtase e do neopuritanismo. “O trabalho interminável de auto-otimização é semelhante ao autoexame e introspecção do protestantismo, que é uma tecnologia de subjetivação e dominação. Em vez de rastrear pecados, agora estamos caçando pensamentos negativos”, escreve o filósofo Byung-Chul Han.

O MDMA começa onde o problema está, no nível do sentimento, muito além das palavras. O MDMA, semelhante à psilocibina e ao LSD, é capaz de quebrar a crosta endurecida de dor e ódio de si mesma que a pessoa que sofre confunde com sua personalidade e iniciar um processo de cura que vai muito mais fundo do que o controle dos sintomas por meio de terapia comportamental e drogas psicotrópicas .

Legado fatal

Isso não significa que o “eu” consciente não tenha função útil, pelo contrário. Somente aqueles que são capazes de desenvolver plenamente seu “eu” têm a oportunidade de questionar sua validade. O que nos traz de volta ao tópico: com que legitimação o estado proíbe os indivíduos adultos de ter o direito de influenciar e pesquisar sua consciência como bem entenderem? Com a justificativa hipócrita de que deve proteger o indivíduo de si mesmo.

Essa linha de argumento é risível e frágil, não menos no contexto de bilhões em subsídios do governo para as indústrias automotiva, petrolífera e alimentícia, que estão prestes a destruir os meios de subsistência da espécie humana. Se o estado levasse a sério seu mandato de proteção, ele começaria aqui.

Mas isso também é muito curto; isso também ainda é um argumento pragmático. A questão é mais fundamental: qual é o significado da liberdade se não é a liberdade de dispor livremente do próprio corpo e da própria consciência? Eu só posso concordar com Szasz quando ele escreve: “A justificativa legal contemporânea da proibição das drogas repousa pesadamente na equação judaico-cristã tradicional de assassinato e suicídio como dois tipos de homicídios,

es ernst meinte mit seinem Schutzauftrag, würde er hier ansetzen.

Aber auch das ist noch zu kurz gesprungen, auch das ist noch ein pragmatisches Argument. Die Frage ist grundsätzlicher: Welche Bedeutung hat Freiheit, wenn es nicht die Freiheit der freien Verfügung über das Eigentum am eigenen Körper und am eigenen Bewusstsein ist? Ich kann Szasz nur zustimmen, wenn er schreibt: „Die zeitgenössische rechtliche Rechtfertigung der Drogenprohibition beruht stark auf der traditionellen jüdisch christlichen Gleichsetzung von Mord und Selbstmord als zwei Arten von Tötungsdelikten, kombiniert mit der eigentümlichen westlichen Tendenz, beide als Konsequenzen abnormaler mentaler Zustände zu betrachten. Obwohl Mord und Selbstmord zum Tode führen, sind sie so unterschiedlich voneinander wie Vergewaltigung und Masturbation.

Das eine tut jemand einem anderen an. Das andere tut jemand für sich selbst. Drogenmissbrauch wie Nahrungsmittelbrauch kann nur den Missbrauchenden verletzen oder töten; und natürlich tut er das selten. Allerdings verletzt und tötet der Missbrauch der Drogengesetzgebung- die Kriminalisierung des freien Marktes für Drogen - sowohl den Konsumenten als auch den Missbrauchenden.“

Wir sehen uns hier mit der kollektiven Illusion einer stagnierenden Kultur konfrontiert, die sich für freiheitlich, säkular und aufgeklärt hält, während sie inhumane und autoritäre Denkfiguren des Christentums in gewandelter Form beibehält. Wir haben die Ignoranz und Unvernunft des Christentums (im Sinne einer ideologischen Blindheit, nicht im Sinne der ideengeschichtlichen Kausalkette der Gleichheit vor Gott hin zu der in der Aufklärung postulierten gleichen Rechte aller Individuen) , durch einen Kult des Rationalismus und einen totalitären staatlich-medizinischen Apparat ersetzt.

Dieser Apparat spricht der erwachsenen, freien Bürgerin, angeblich Sinn und Zweck all unserer Bemühungen zur Schaffung einer staatlichen Ordnung, gegen alle Vernunft das Recht ab, über ihren Körper zu verfügen und verwehrt ihr durch Drogenprohibition die Mittel, ihrem Leben in freier Entscheidung ein Ende zu setzen. Der Staat mit seinem Gewaltmonopol sollte

sicherstellen, dass die Einzelne ihre Freiheit ausüben kann und sie nicht daran behindern.

Hier geht es nicht um akademische Wortgefechte, nicht um die Diskussion der Eigentumstheorien von Plato, Locke, Kant etc. sondern um die gelebte Erfahrung von vielen, die schon mal mit den kühlen Bürokraten des Szientismus, zum Beispiel in der Onkologie, Bekanntschaft gemacht hat.

Diese Bürokraten führen einen absurden, zutiefst unvernünftigen Krieg gegen den Tod, und sprechen von „Lines of defence“ in ihrem Feldzug gegen den Krebs. Sie weigern sich häufig, den sicher bevorstehenden Tod auch nur erwähnen und machen sich zu Handlangern der Pharmaindustrie, indem sie Sterbenden Chemotherapien und teure Medikamente verschreiben.

Krieg dem Tode

Hier geht es um die gelebte Erfahrung von vielen, die schon mal Bekanntschaft gemacht mit den bestenfalls erträglichen, häufig abstoßenden Aufbewahrungsanstalten für Sterbende, den ruinös teuren deutschen Pflegeheimen, in der hunderttausende alter Menschen auf den Tod wartend vor sich hin vegetieren. Ist das ihre freie Entscheidung? Würden sie vielleicht entscheiden, selbstbestimmt und in Würde in den Tod zu gehen, wenn sie die Möglichkeit hätten? Wir wissen es nicht, die Ideologie des Apparats kennt nur ein Gebot: Krieg dem Tode.

Die Denkverbote und irrationalen Tabus gehen tief, tiefer als man es für möglich hält: Meine Mutter, die kurz vor ihrem Tod an lebensbedrohlicher Appetitlosigkeit litt, hatte mehr Angst davor, das verteuflte Marihuana zu probieren, als an Mangelernährung zu sterben.

Besonders widerwärtig ist hierbei die ungleiche Behandlung der verschiedenen sozialen Klassen. Während die oberen Klassen zumindest potentiell über genug Wissen, Geld und Zeit verfügen, um sich nicht von Nimbus der Chef- und Oberärzte einschüchtern zu lassen, das System verstehen und es für ihre Zwecke nutzen können, sind die Angehörigen der unteren Klassen den Bürokraten des Szientismus meist schutzlos ausgeliefert.

Wer keinen Mediziner unter seinen Studienfreunden hat, wer nur gelernt hat zu gehorchen, erst in der

combinada com a tendência ocidental peculiar de ver ambos como consequências de estados mentais anormais. Embora o assassinato e o suicídio levem à morte, eles são tão diferentes um do outro quanto o estupro e a masturbação.

Alguém faz uma coisa para outra. Alguém faz o outro por si mesmo. O abuso de substâncias, como o abuso de comida, só pode ferir ou matar o abusador; e é claro que raramente o faz. No entanto, o abuso da legislação sobre drogas - a criminalização do livre mercado de drogas - fere e mata tanto o usuário quanto o abusador”.

Somos confrontados aqui com a ilusão coletiva de uma cultura estagnada que se considera livre, secular e iluminada, enquanto retém figuras de pensamento desumanas e autoritárias do Cristianismo em uma forma alterada. Temos a ignorância e a irracionalidade do Cristianismo (no sentido de uma cegueira ideológica, não no sentido da cadeia causal da história das ideias desde a igualdade perante Deus aos direitos iguais de todos os indivíduos postulados no Iluminismo), através de um culto do racionalismo e de um aparato médico-estatal totalitário substituído.

Esse aparelho nega à cidadã adulta e livre, supostamente o sentido e a finalidade de todos os nossos esforços para criar uma ordem estatal, contra toda razão, o direito de dispor de seu corpo e, por meio da proibição das drogas, nega-lhe os meios para acabar com sua vida livremente por. O estado, com seu monopólio do uso da força, deve garantir que os indivíduos possam exercer sua liberdade e não impedi-los.

Não se trata de batalhas acadêmicas de palavras, nem da discussão das teorias de propriedade de Platão, Locke, Kant etc., mas da experiência vivida por muitos que já conheceram os burocratas frios do cientificismo, por exemplo, na oncologia.

Esses burocratas estão travando uma guerra absurda e profundamente irracional contra a morte, falando em “linhas de defesa” em sua campanha contra o câncer. Frequentemente, eles se recusam a sequer mencionar a morte

iminente e se tornam capangas da indústria farmacêutica ao prescrever quimioterapia e medicamentos caros para os moribundos.

Guerra até a morte

Trata-se da experiência vivida por muitos que já conheceram os depósitos, na melhor das hipóteses, suportáveis ??e muitas vezes repulsivos para os moribundos, os ruinosamente caros asilos alemães, onde vegetam centenas de milhares de idosos à espera da morte. Essa é sua escolha? Será que eles decidiriam ir para a morte com autoterminação e dignidade se tivessem a oportunidade? Não sabemos, a ideologia do aparelho conhece apenas um comando: guerra à morte.

As proibições de pensamento e tabus irracionais são mais profundas, mais profundas do que você pensa ser possível: minha mãe, que sofreu de uma perda de apetite com risco de vida pouco antes de sua morte, tinha mais medo de experimentar a maconha demonizada do que morrer de desnutrição.

O tratamento desigual das várias classes sociais é particularmente repugnante. Embora as classes altas tenham, pelo menos potencialmente, conhecimento, dinheiro e tempo suficientes para não se intimidarem com o nimbo dos médicos-chefes e médicos seniores, para compreender o sistema e ser capazes de usá-lo para seus próprios fins, os membros das classes mais baixas são os burocratas do cientificismo, em sua maioria entregues indefesos.

Se você não tem um médico entre seus amigos da faculdade, se você apenas aprendeu a obedecer, primeiro na escola, depois na empresa, provavelmente terminará sua vida como uma cobaia para as mais recentes inovações na indústria farmacêutica em uma cama de hospital, outra vítima na guerra contra a morte.

Como eu disse, não se trata de um debate acadêmico e, sobre esse assunto, estou ainda menos interessado em fingir objetividade morna e distância pessoal. Embora tenhamos tido a sorte de poder conceder a minha mãe, que morreu de câncer, seu desejo e ela morreu em seu amado

Schule, dann im Betrieb, der wird sein Leben mit großer Wahrscheinlichkeit als Versuchskaninchen für die letzte Innovation der Pharmaindustrie in einem Krankenhausbett beenden, ein weiteres Opfer im Krieg gegen den Tod.

Mir geht es hier wie gesagt nicht um eine akademische Debatte und ich habe bei diesem Thema noch viel weniger Interesse daran, lauwarmer Objektivität und persönliche Distanz vorzutauschen. Auch wenn wir das Glück hatten, meiner an Krebs verstorbenen Mutter ihren Wunsch erfüllen zu können und sie in ihrer geliebten Wohnung gestorben ist, bleibt mir die konspirative Atmosphäre ihrer letzten Tage in bitterer Erinnerung.

Wir waren dank eines mitfühlenden Palliativmediziners in der Lage ihr auch ihrem letzten Wunsch Rechnung zu tragen und sie von ihrem furchtbaren physischen und psychischen Leid zu erlösen. Doch wir mussten es in aktivem Widerstand gegen die kühlen Onkologen tun, die bis zum Schluss nie vom Tod, sondern immer nur von Wahrscheinlichkeiten sprachen und auch noch drei Tage vor ihrem Ableben zur letzten „line of defence“, d.h. Chemotherapie und Krankenhausaufenthalt rieten.

Diese Situation eine Farce zu nennen, ist noch viel zu diplomatisch. Wer nicht die Freiheit hat, seinem Leben ein Ende zu setzen, der kann sich nicht frei nennen. Aber diese Freiheit, im Sinne der schlichten Möglichkeit der Handlung, sprechen wir nur gesunden



Selbstmördern zu. Nicht den hilflosen Todkranken, die darum betteln.

Meine Frau und ich haben keine Kinder. Es ist nicht gesagt, dass uns so geholfen wird, wie wir meiner Mutter helfen konnten. Wir müssen uns also selber um die Beschaffung von Substanzen kümmern, die uns einen gnadenvollen Tod ermöglichen. Wir leben in einer Gesellschaft, die uns dazu zwingt uns Fentanylpflaster oder etwas Vergleichbares auf dem Schwarzmarkt zu beschaffen, mit anderen Worten, Kunden des organisierten Verbrechens zu werden. Diese Situation ist pervers und unzumutbar.

Künstliche Paradiese

Die Situation sieht in Bezug auf den Konsum illegaler Drogen ganz genauso aus: Angehörige benachteiligter Klassen geraten durch den Konsum dieser Substanzen schnell in die Mühlen des Systems, werden mit psychiatrischen Labels etikettiert und häufig mit Psychopharmaka ruhiggestellt.

Angehörige der oberen Klassen, sind nicht nur durch ein Polster von Kapital und Beziehungen vor derartigen Konsequenzen geschützt, sondern haben das Privileg, wie kürzlich Helen Joyce, die Finanzredakteurin des „Economist“ sich in elitären Magazinen wie der „New York Review of Books“ über ihre „Abenteuer in Psychedelia“ zu ergeben. Wir dürfen beruhigt sein, Ms Joyce war nicht auf der Suche nach Erlösung aus einem leidvollen Leben, sie machte allerdings schon ein wenig Sorgen über ihren Kaffeekonsum und wegen der ein oder zwei Gläser Wein, die sie allabendlich trinkt.

Die Erfahrung scheint Ms Joyce gefallen zu haben. Sie schreibt abschließend: „Ich habe vor, wieder Psychedelika zu nehmen. Beim nächsten Mal möchte ich spüren, wie Bäume wachsen oder die Welt sich in einen Garten verwandelt. Ich möchte es im Sommer tun, damit ich, anstatt eine Scheune zu sehen, die sich in Walhalla verwandelt, eine Pflanze beobachten kann, die zu Yggdrasil, den mächtigen Baum der nordischen Mythologie wird. Ich möchte die Schönheit einer Iris oder einer Passionsblume bestaunen, anstelle eines Glases von Ikea. Anstatt meine eigenen absurden Drehungen auf einer Matratze auszuführen, könn-

apartamento, ainda me lembro com amargura da atmosfera conspiratória de seus últimos dias.

Graças a um compassivo médico de cuidados paliativos, pudemos atender ao seu último desejo e aliviá-la de seu terrível sofrimento físico e psicológico. Mas tínhamos que fazer isso na resistência ativa contra os oncologistas bacanas, que até o fim nunca falavam de morte, apenas de probabilidades e também aconselhavam a última “linha de defesa”, ou seja, quimioterapia e internamento, três dias antes de morrer.

Chamar essa situação de farsa é muito diplomático. Quem não tem liberdade para pôr fim à vida não pode dizer-se livre. Mas só concedemos essa liberdade, no sentido da simples possibilidade de ação, aos suicidas saudáveis. Não os doentes terminais indefesos que imploram por isso.

Minha esposa e eu não temos filhos. Não está dito que seremos ajudados da maneira como poderíamos ajudar minha mãe. Portanto, temos que cuidar de obter nós mesmos as substâncias que nos permitirão morrer com graça. Vivemos em uma sociedade que nos obriga a conseguir adesivos de fentanil ou algo semelhante no mercado negro, ou seja, nos tornarmos clientes do crime organizado. Esta situação é perversa e irracional.

Paraísos artificiais

A situação é exatamente a mesma em relação ao consumo de drogas ilícitas: membros das classes desfavorecidas entram rapidamente no moinho do sistema por meio do consumo dessas substâncias, são rotulados com rótulos psiquiátricos e muitas vezes são sedados com drogas psicotrópicas.

Os membros das classes superiores não estão apenas protegidos de tais consequências por uma almofada de capital e relacionamentos, mas têm o privilégio, como recentemente Helen Joyce, editora financeira da The Economist, escreveu sobre em revistas de elite como a New York Review of Books para suportar suas “aventuras na psicodelia”. Podemos ter certeza de que a Sra. Joyce não estava procurando alí-

vio para uma vida dolorosa, mas ela estava um pouco preocupada com seu consumo de café e com uma ou duas taças de vinho que bebe todas as noites.

A Sra. Joyce parece ter gostado da experiência. Ela conclui: “Eu pretendo começar a tomar psicodélicos novamente. Da próxima vez, quero sentir como as árvores crescem ou como o mundo se transforma em um jardim. Quero fazer isso no verão para que, em vez de ver um celeiro que se transforma em Valhalla, eu possa observar uma planta que se torna Yggdrasil, a árvore poderosa da mitologia nórdica. Quero me maravilhar com a beleza de uma íris ou de uma flor de maracujá, em vez de um copo Ikea. Em vez de fazer minhas próprias voltas absurdas em um colchão, talvez eu pudesse assistir a um vídeo de uma grande bailarina dançando.”

Não é maravilhoso? Sim, ela olhou profundamente e experimentou, e escreveu para si mesma uma cartinha poética de despedida: “É possível pensar diferente. Você não tem que ser quem sempre foi. Depende mais de decisões do que você pensava possível. As coisas comuns são muito bonitas quando você tem os olhos para elas.”

Eu gostaria de agradecer a Sra. Joyce por pelo menos ter a coragem de admitir abertamente seu uso de drogas. Mas quando se trata de admitir o uso de psicodélicos, não há necessidade de coragem atualmente na alta cultura anglófona. Quando se trata de psicodélicos, o ponto em que o desaprovado e estigmatizado de ontem é novamente a ousadia e a moda de hoje há muito foi alcançado. Além disso, como jornalista britânica, Joyce está na categoria privilegiada dos trabalhadores culturais de língua inglesa, embora para o conservador “Economist”. Experiências com drogas têm feito parte de uma boa forma, pelo menos desde os Beatles.

Dimitris

Em princípio, no entanto, é de saudar que o renascimento dos psicodélicos que vem ocorrendo há anos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos agora também tenha alcançado o esta-

te ich mir vielleicht ein Video von einer großen Ballerina ansehen, die tanzt.“

Ist das nicht wunderbar? Ja, sie hat tief geschaut und erfahren, und sich selbst zum Abschied ein poetisches kleines Briefchen geschrieben: “Es ist möglich, die die Dinge anders zu denken. Du musst nicht die sein, die du immer warst. Es ist mehr von Entscheidungen abhängig, als Du es für möglich gehalten hast. Gewöhnliche Dinge sind sehr schön, wenn man die Augen dazu hat.“

Ich würde Ms Joyce gerne zu Gute halten, dass sie zumindest den Mut hat, sich offen zu ihrem Drogenkonsum zu bekennen. Aber was das Eingeständnis des Konsums von Psychedelika betrifft, braucht es in der anglophonen Hochkultur zum jetzigen Zeitpunkt keinen Mut mehr. In Sachen Psychedelika ist dort der Punkt, wo das verpönte und stigmatisierte von gestern wieder das Gewagte und Angesagte von heute ist, schon längst erreicht. Abgesehen davon ist Ms Joyce als britische Journalistin, wenn auch für den konservativen „Economist“, ohnehin in der privilegierten Kategorie der englischsprachigen Kulturschaffenden. Dort gehören Drogenerfahrungen spätestens seit den Beatles zum guten Ton.

Dimitris

Grundsätzlich ist trotzdem begrüßenswert, dass die schon seit Jahren anhaltende Renaissance der Psychedelika in Großbritannien und den USA nun auch das konservative Establishment erreicht hat. Ich würde Ms Joyce allerdings gerne mit meinem Jugendfreund Dimitris, dem Sohn einer alleinerziehenden Mutter griechischer Einwanderer bekannt machen, der gemeinsam mit mir das Aloisiuskolleg in Bonn Bad-Godesberg besucht hat.

Dort hat er seine ganz persönliche Erfahrung mit jesuitischer Nächstenliebe machen dürfen. Er wurde gemeinsam mit zwei Bürgersöhnen, Kindern geschätzter Förderer der Institution, beim Konsum von Marihuana erwischt. Er wurde umgehend der Schule verwiesen, während seine beiden Komplizen zwei Wochen Gartenarbeit in den Sommerferien verrichten mussten, um ihnen Gelegenheit zu geben, über die Sündhaftigkeit ihres Tuns zu reflektieren.

Zumindest einer der beiden so grausam bestrafen scheint diese Gelegenheit nur unzureichend genutzt

haben, sondern hat danach eine steile, vieljährige Drogenkarriere beschritten, die ihn zu einer leitenden Position in einem Immobilienunternehmen geführt hat.

Für Dimitris war der Schulverweis der Anfang vom Ende eines vielversprechenden Lebens. Ohne den familiären Rückhalt und das soziale und finanzielle Kapital seiner beiden Komplizen gelangte er in die Mühlen des Systems, seine Aufmüpfigkeit wurde ihm gründlich ausgetrieben und so vegetiert er nun mit Mitte 40 dahin, seit Dekaden sediert, kujoniert von Psychiatern und Fallmanagern, von Transferleistungen und Gelegenheitsjobs mehr existierend als lebend. Er und Ms Joyce hätten sich sicher eine Menge zu sagen, wo sie doch das Interesse bewusstseinsweiternden Erfahrungen eint.

Ich habe mich im Rahmen dieses Essays besonders auf Psychedelika konzentriert, weil hier der Graben zwischen Propaganda und Realität grotesk weit klafft. Psychedelika, vor allem Psilocybin und LSD, bieten dem Einzelnen die Möglichkeit einer transzendenten Erfahrung von Versöhnung, Dankbarkeit und Akzeptanz, einer tiefen Einsicht in die Einheit allen Lebens.

Sie werden nicht ohne Grund zunehmend bei Menschen im letzten Stadium schwerer Erkrankungen eingesetzt. Damit ist nicht gesagt, dass diese Substanzen die einzigen Mittel sind, derartige Bewusstseinszustände zu erreichen. Aber sie sind, im Gegensatz zu zum Beispiel der Meditation, nicht abhängig von Faktoren wie Neigung, Talent und ausreichend Zeit und Muße zur Einübung.

Aber damit befinden wir uns immer noch im therapeutischen Kontext und bleiben hinter dem prinzipiellen Argument zurück.

Szasz bringt es auf den Punkt: „Der Drogenkrieg ist ein moralischer Kreuzzug und ihm muss daher konsequent auf moralischer Ebene entgegengetreten werden. Die einzig moralisch kohärente Antwort auf die Prohibition ist ihre Aufhebung. Der Mangel an Befürwortern dieser Option wirft die Frage auf: Warum haben wir solche Angst vor einem freien Drogenmarkt?

Es wären viele Gründe zu nennen, die beiden offensichtlichsten sind, dass die Bevölkerung befürchtet, dass wenn Drogen frei verfügbar wären, mehr Menschen ein „leichtes“ parasitäres Leben an Stelle des

belecimento conservador. Gostaria de apresentar a Sra. Joyce a meu amigo de infância Dimitris, filho de mãe solteira de imigrantes gregos, que frequentou o Aloisius College em Bonn Bad-Godesberg comigo.

Lá ele teve a oportunidade de ter sua própria experiência pessoal com a caridade jesuíta. Ele foi apanhado consumindo maconha junto com dois filhos de cidadãos, crianças valorizadas apoiadoras da instituição. Ele foi expulso da escola imediatamente, enquanto seus dois cúmplices tiveram que fazer duas semanas de jardinagem durante as férias de verão para dar-lhes a oportunidade de refletir sobre a pecaminosidade do que estavam fazendo.

Pelo menos um dos dois punidos com tanta crueldade parece não ter aproveitado suficientemente essa oportunidade, mas, em vez disso, embarcou em uma carreira drástica e de longo prazo que o levou a uma posição de liderança em uma imobiliária.

Para Dimitris, a expulsão da escola foi o início do fim de uma vida promissora. Sem o apoio familiar e o capital social e financeiro de seus dois cúmplices, ele entrou no moinho do sistema, sua rebeldia foi totalmente expulsa e agora ele está na casa dos 40 anos, sedado por décadas, zombado por psiquiatras e caso gerentes, por transferência de pagamentos e empregos ímpares mais existentes do que vivos. Ele e a Sra. Joyce teriam muito a dizer um ao outro, visto que eles tratam de experiências de expansão da mente.

No contexto deste ensaio, concentrei-me particularmente nos psicodélicos, porque aqui a lacuna entre a propaganda e a realidade é grotescamente grande. Os psicodélicos, especialmente a psilocibina e o LSD, oferecem ao indivíduo a possibilidade de uma experiência transcendente de reconciliação, gratidão e aceitação, uma visão profunda da unidade de toda a vida.

Não é à toa que são cada vez mais usados ??em pessoas no último estágio de doenças graves. Isso não quer dizer que essas substâncias sejam o único meio de atingir tais estados de consciência. Mas, em contraste com a meditação,

por exemplo, eles não dependem de fatores como inclinação, talento e tempo e lazer suficientes para a prática.

Mas, com isso, ainda estamos no contexto terapêutico e não alcançamos o argumento principal.

Szasz resume: “A guerra às drogas é uma cruzada moral e, portanto, deve ser combatida consistentemente em um nível moral. A única resposta moralmente coerente à proibição é levantá-la. A falta de partidários dessa opção levanta a questão: por que temos tanto medo de um mercado livre de drogas?”

Haveria muitas razões, sendo as duas mais óbvias que as pessoas temem que, se os medicamentos estivessem disponíveis gratuitamente, mais pessoas escolheriam uma vida parasitária “fácil” em vez da vida estressante da produtividade. Há também o medo de que mais pessoas se tornem “viciados em drogas” e cometam mais crimes.

Basta dizer a esta altura que o problema da produtividade econômica - crítico para a prosperidade e sobrevivência de qualquer sociedade - não tem nada a ver com drogas e tudo a ver com estabilidade familiar, valores culturais, educação e política social.

O segundo medo também está fora de lugar. O criminoso louco por drogas é um personagem da ficção psiquiátrica. A ideia gerada por essa imagem não é apenas errada, ela está invertida: as drogas não são um incentivo ao crime; é a proibição das drogas. “

Excepcionalismo psicodélico

Minha linha de argumentação refere-se não apenas aos psicodélicos, mas também às drogas “pesadas”, como a cocaína. O neurofarmacologista americano Carl Hart, professor-chefe de psicologia da Universidade de Columbia, mostrou em uma série de testes de laboratório com cobaias recrutadas da minoria de usuários de drogas que mesmo aqueles rotulados como viciados, em 50% dos casos, têm modestas recompensas financeiras entre Prefira US \$ 10 e

anstrengenden Lebens der Produktivität wählen würden. Außerdem besteht die Befürchtung und mehr Menschen könnten „drogenverrückt“ werden und mehr Straftaten begehen.

Es genügt an dieser Stelle zu sagen, dass das Problem der wirtschaftlichen Produktivität - entscheidend für den Wohlstand und das Überleben jeder Gesellschaft - nichts mit Drogen und alles mit Familienstabilität, kulturellen Werten, Bildung und Sozialpolitik zu tun hat.

“

Psychedelischer Exzeptionalismus

Meine Argumentation bezieht sich ganz explizit nicht nur auf Psychedelika, sondern auch auf „harte“ Drogen, wie zum Beispiel Kokain. Der amerikanischen Neuropfarmakologe Carl Hart, leitender Professor der Psychologie an der Columbia University, hat in einer Reihe von Laborversuchen, mit Probanden rekrutiert aus der Minderheit der abhängigen Drogennutzer, nachgewiesen, dass selbst die als abhängig Etikettierten in 50% der Fälle bescheidene finanzielle Belohnungen, zwischen 10 und 20 Dollar, einer Dosis Kokain vorziehen.

Heroin, Alkohol oder Crack-Kokain werden als Kontrast behandelt. Auf die Spitze getrieben, stigmatisiert der psychedelische Exzeptionalismus nicht nur bestimmte Drogen, sondern auch die Menschen, die sie konsumieren. Mein Beispiel der psychedelischen Abenteuer der Redakteurin des „Economist“ verdeutlicht, wie wichtig diese Botschaft ist.

Leaving the closet

Hart ist ebenfalls zu dem Schluss gekommen, dass es wirklichen Fortschritt im Kampf die Prohibition nur dann geben wird, wenn die angepasste Mehrheit der Konsumenten endlich ihr Schweigen bricht. Auf der „Harm Reduction“ Konferenz in Porto in 2019 rief Hart, ein Afro-Amerikaner, zu zivilem Ungehorsam in der Tradition Martin Luther Kings auf. Einen wichtigen Bestandteil dieser Kampagne bringt er auf die einfache Formel: „Get the fuck out of closet!“

Es gehe darum, so Hart, der das Schlusswort der Konferenz hatte, dass die respektablen Konsumenten, die Anzugträger, sich zu ihrem Drogenkonsum bekennen und

das Thema auf diese Weise entmystifizieren. Der Anzugträger Hart ging mit gutem Beispiel voran und bekannte sich auf dem Podium zu seinem Heroinkonsum.

Er wolle damit nicht andere zum Konsum von Heroin inspirieren, er sei sich als Neuropharmakologe der Risiken des Heroinkonsums bewusst, aber er sei eben auch in der Lage mit diesem Risiko umzugehen. Dies gelte für ihn genauso wie für die Millionen anderer Konsumenten, die erfolgreiche Leben führen und nicht in die Sucht abrutschen. Fundamental geht es Hart genau wie Szasz um Fragen der Freiheit und der Vernunft, der Ungerechtigkeit und Widersinnigkeit der Prohibition und des Krieges gegen die Drogen.

Leider ist die Vermutung nicht von der Hand zu weisen, dass der auf den ersten Blick offensichtlich verlorene Krieg gegen den Sündenbock Droge in gewisser Weise doch erfolgreich ist. Sein Erfolg besteht in der Erhaltung des Status Quo, in der eine große Menge Energie und Milliarden von Dollar auf den Feldzug gegen die Drogen verwendet werden und bei dem man nach jeder verlorenen Schlacht mit gesteigertem Fanatismus zur Weiterführung des Kampfes aufruft.

Total gestresst

Es ist verführerisch einfach und, wie wir gesehen haben, gute amerikanische Tradition, alle Energie auf die Vernichtung eines imaginären äußeren Feindes zu verwenden und sich so den Mühen der Introspektion zu entziehen.

Die Kriminalisierung und selbst eine mögliche Entkriminalisierung in Übereinstimmung mit dem medizinischen Paradigma leisten der verbrauchten neoliberalen Ideologie mit ihrer irreführenden Konzentration auf das Verhalten Einzelner Vorschub.

Das Problem liegt immer beim Individuum und seinem Verhalten, ob man es nun als Kriminellen, Drogenkranken oder gierigen Kapitalisten klassifiziert. Die „Opiat Epidemie“ in den Vereinigten Staaten ist ein gutes Beispiel für diesen Mechanismus. Bei der Ursachenforschung konzentriert man sich hauptsächlich auf die Gier der einzelner Pharmabosse, das Verschreibungsverhalten der Mediziner und angeblich grassierende psychische Krankheiten.

US \$ 20, em vez de uma dose de cocaína. O criminoso louco por drogas é a figura de uma ficção psiquiátrica com motivação racial.

Hart alertou contra o “excepcionalismo psicodélico” durante uma palestra claramente intitulada “Refutando as mentiras que a comunidade psicodélica acredita sobre as drogas”. Ele explicou a um público de pesquisadores psicodélicos, defensores e entusiastas por que o conceito de excepcionalismo psicodélico é tão destrutivo.

O excepcionalismo psicodélico é uma ideologia que afirma que substâncias supostamente menos prejudiciais ou menos viciantes, como cannabis, cogumelos com psilocibina ou ayahuasca, são inerentemente melhores, mais seguras ou mais desejáveis ??para as pessoas do que outras drogas.

Heroína, álcool ou crack são tratados como um contraste. Levado ao extremo, o excepcionalismo psicodélico estigmatiza não apenas certas drogas, mas também as pessoas que as usam. Meu exemplo das aventuras psicodélicas do editor da The Economist ilustra como essa mensagem é importante.

Saindo do armário

Hart também chegou à conclusão de que só haverá progresso real na luta contra a proibição quando a maioria conformista dos consumidores finalmente quebrar seu silêncio. Na conferência “Harm Reduction” deste ano no Porto, Hart, um afro-americano, apelou à desobediência civil na tradição de Martin Luther King. Ele resume uma parte importante dessa campanha com a fórmula simples: “Caí para fora do armário!”

Segundo Hart, que fez o discurso de encerramento do congresso, é importante que os consumidores respeitáveis, os que usam macacões, reconheçam o uso de drogas e assim desmistifiquem o assunto. Hart, que usava um terno, deu um bom exemplo e confessou seu uso de heroína no pódio.

Ele não quer inspirar outras pessoas a usar heroína, como neurofarmacologista está ciente dos riscos do uso de heroína, mas também é capaz de lidar com esse risco. Isso se aplica a

ele e também a milhões de outros consumidores que levam uma vida de sucesso e não caem no vício. Fundamentalmente, como Szasz, Hart está preocupado com as questões de liberdade e razão, a injustiça e o absurdo da proibição e da guerra contra as drogas.

Infelizmente, não se pode descartar a suposição de que a guerra contra o bode expiatório das drogas, que obviamente se perdeu à primeira vista, é de alguma forma bem-sucedida. Seu sucesso consiste em manter o status quo, em que grande quantidade de energia e bilhões de dólares são dedicados à campanha contra as drogas, e no qual o fanatismo pede que a luta continue após cada batalha perdida.

Totalmente estressado

É sedutoramente simples e, como vimos, de boa tradição americana, dedicar toda a energia à aniquilação de um inimigo externo imaginário e, assim, escapar dos trabalhos de introspecção.

A criminalização, e mesmo a possível descriminalização de acordo com o paradigma médico, alimenta a desgastada ideologia neoliberal com seu foco enganoso no comportamento individual.

O problema sempre está no indivíduo e em seu comportamento, seja ele classificado como criminoso, viciado em drogas ou capitalista ganancioso. A “epidemia de opiáceos” nos Estados Unidos é um bom exemplo desse mecanismo. A pesquisa sobre as causas concentra-se principalmente na ganância dos chefes da indústria farmacêutica, no comportamento prescritivo dos médicos e nas doenças mentais supostamente galopantes.

Isso evita que questione as condições sociais e as estruturas de poder que colocam as pessoas em situações em que o consumo diário do fentanil narcótico para elefantes parece uma boa ideia. Por exemplo, para os sem-teto que dominam a cidade de São Francisco, muitos dos quais acabam nas ruas devido ao aumento dos aluguéis e são rotulados como viciados em drogas com doenças mentais. Explicações econômicas e políticas, obviamente indispensáveis para a compreensão de



Carl Hart, neurocientista que desconstrói a estigmatização de todas as drogas.

So erspart man es sich, die gesellschaftliche Verhältnisse und Machtstrukturen zu hinterfragen, die Menschen in Situationen bringen, in denen der tägliche Konsum des Elefantenbetäubungsmittels Fentanyl als eine gute Idee erscheint. Wie zum Beispiel für die das Stadtbild dominierenden Obdachlosen in San Francisco, von denen viele auf Grund der steigenden Mieten auf der Straße landen und dort dann als psychisch kranke Drogenabhängige etikettiert werden.

Ökonomische und politische Erklärungsansätze, offensichtlich unverzichtbar für das Verständnis jeder gesellschaftlichen Formation sind verpönt im Klima dominiert von einem „ancien regime“, das genau versteht, wie maßgeblich die Gestaltung des Systems das Leben des glorifizierten Individuums formt.

Stress, beispielsweise, diese Entdeckung des zwanzigsten Jahrhunderts, vorher als „Neurasthenie“ bekannt, und heute als Auslöser für physische und psychische Erkrankungen gefürchtet, hat zu einem großen Teil ganz prosaische, ökonomische Ursachen. Eine Metastudie, durchgeführt im Silicon Valley, an der Universität von

Stanford, kam nach der Analyse von 228 Studien zum Thema einem interessanten Ergebnis.

Die größte Ursache für Stress seien „fehlende Krankenversicherung, die ständige Furcht vor dem Jobverlust, Mangel an Autonomie beim Treffen von Entscheidungen, ein niedriges Niveau betrieblicher Gerechtigkeit, lange Arbeitszeiten und unrealistische berufliche Anforderungen. Arbeitsplatzunsicherheit war für 50% des Anstiegs von Gesundheitsproblemen verantwortlich und lange Arbeitszeiten korrelieren mit einem 20% Anstieg der Sterblichkeitsrate.“

Blaming the victim

Die bittere Ironie ist, dass Drogen sowohl von den Gewinnern in Silicon Valley und auf der Wall Street konsumiert werden als auch von den Verlierern in den Zeltstädten der Obdachlosen überall im Land. Aber es sind meist die Verlierer, die Entwurzelten und Geschwächten, die abhängig werden. So bleibt die Konversation über Drogen weiter auf die Abhängigen und ihr Leiden konzentriert und die fehlgeleitete Prämisse, dass eine Welt ohne Drogenkonsum und die von Drogen induzierbaren ekstatischen Erfahrungen wünschenswert sei, bleibt unhinterfragt.

Natürlich induzieren nicht alle Drogen ekstatische Erfahrungen; mir ging es im Rahmen dieses Essays vor allem darum, aufzuzeigen, wie wenig differenziert und aufrichtig die Konversation über Drogenkonsum ist. Und auch wenn es einen Fortschritt geben sollte, sich die Macht des organisierten Verbrechens brechen ließe und sich nicht nur diejenigen, die sowieso schon auf der Gewinnerseite des Lebens stehen sich den Luxus straf-freien Drogenkonsum erlauben können, sind die fundamentalen Probleme menschlichen Lebens natürlich nicht gelöst.

Die fundamentalen Probleme, die Vereinzelung, Verletzlichkeit, Verführbarkeit und Sterblichkeit des Menschenwesens sind nicht lösbar. Das bestenfalls Erreichbare ist eine Lebenssituation, die es dem Individuum frei und selbstständig ermöglicht, auf zivilisierte Weise zu lernen, mit der *conditio humana* umzugehen.

Auf der praktischen Ebene bedeutet das unter anderem,

qualquer formação social, são desaprovadas no clima dominado por um “ancien regime” que entende exatamente quão significativamente o desenho do sistema molda a vida do indivíduo glorificado.

Salienta-se, por exemplo, essa descoberta do século XX, antes conhecida como “neurastenia” e agora temida como um gatilho para doenças físicas e mentais, tem, em grande medida, causas econômicas muito prosaicas. Um metaestudo, realizado no Vale do Silício, na Universidade de Stanford, chegou a um resultado interessante após analisar 228 estudos sobre o assunto.

As principais causas de estresse são “a falta de seguro saúde, o medo constante de perder o emprego, a falta de autonomia na tomada de decisões, um baixo nível de patrimônio líquido, longas jornadas de trabalho e demandas de emprego irrealistas. A insegurança no trabalho foi responsável por 50% do aumento dos problemas de saúde e as longas jornadas se correlacionam com um aumento de 20% na taxa de mortalidade.”

Culpando a vítima

A amarga ironia é que as drogas são usadas tanto pelos vencedores no Vale do Silício e em Wall Street quanto pelos perdedores nas cidades de tendas dos sem-teto em todo o país. Mas muitas vezes são os perdedores, os desenraizados e os enfraquecidos que se tornam dependentes. Dessa forma, a conversa sobre drogas permanece focada nos dependentes e em seu sofrimento, e a premissa equivocada de que um mundo livre do uso de drogas e de experiências extáticas induzidas por drogas é desejável permanece inquestionável.

Claro, nem todas as drogas induzem experiências de êxtase; No contexto deste ensaio, meu principal objetivo foi mostrar o quão pouco diferenciada e sincera é a conversa sobre o uso de drogas. E mesmo que houvesse progresso, o poder do crime organizado poderia ser quebrado e não apenas aqueles que já estão no lado vencedor da vida podem se dar ao luxo do uso de drogas sem punição, os problemas fundamentais da vida humana certamente não estão resolvidos.

Os problemas fundamentais, o isolamento, a vulnerabilidade, a sedutibilidade e a mortalidade do ser humano não têm solução. O melhor que pode ser alcançado é uma situação de vida que permita ao indivíduo aprender a lidar com a condição humana de forma livre e independente, de forma civilizada.

Em um nível prático, isso significa, entre outras coisas, não ter que se preocupar em ter problemas com a polícia porque você quer saber como é romper a parede do ego. Ou porque você decidiu encerrar sua vida com produtos químicos. Ou apenas porque, como Carl Hart, você deseja passar parte de seu tempo livre sob a influência de heroína.

Uma Alemanha em que vivemos bem e felizes

Vivemos em uma época estranha em que a velocidade da mudança é constantemente evocada, que é obcecada pela “mudança” e sua “gestão” e ainda, especialmente na Alemanha, a eterna Grotoland, parece descarada e estática. A libertação do indivíduo prometida pelo Iluminismo é um processo dinâmico que estagnou apesar das batalhas em curso pelos direitos das minorias.

Não vivemos no melhor dos mundos possíveis, e esse tipo de complacência nunca foi incluído no programa do Iluminismo. O que obviamente está faltando é uma visão, uma ideia de como seria se fosse bom. Temos mais do que o “ideal puritano de uma pessoa permanentemente sóbria que está sempre em movimento e ofegante entre o trabalho e a academia, que coloca toda a sua saúde e força física a serviço de uma sociedade bem formada e sem alegria”, conforme descrito pelo jornalista do Zeit Balzer não disponível no momento.

Tentar delinear uma visão melhor para uma sociedade humana futura está além do escopo deste ensaio. Se você quiser experimentá-lo, recomendo o romance utópico pouco conhecido de Aldous Huxley, “Eiland”, como inspiração. O que posso oferecer é o que sempre é perguntado quando alguém critica algo: algo que pode ser implementado na prática, uma instrução para a ação. Carl Hart colocou isso de maneira adequada e Romy Schneider deu o exemplo. “Sai da merda do armário”. Seja corajoso como Romy foi.

keine Angst davor haben zu müssen, Ärger mit der Polizei zu bekommen, weil man wissen möchte, wie es sich anfühlt die Wand des Egos zu durchbrechen. Oder weil man sich entschieden hat, dem eigenen Leben mit Chemikalien ein Ende zu setzen. Oder auch nur weil man, wie Carl Hart, einen Teil seiner Freizeit unter dem Einfluss von Heroin zu verbringen möchte.

Ein Deutschland, in dem wir gut und gerne leben

Wir leben in einer seltsamen Zeit, in der ständig die Geschwindigkeit der Veränderung beschworen wird, die vom „change“ und seinem „management“ besessen ist, die aber gerade in Deutschland bräsig und statisch wirkt. Die von der Aufklärung versprochene Befreiung des Individuums ist ein dynamischer Prozess, der trotz der anhaltenden Gefechte über die Rechte von Minderheiten ins Stocken geraten ist.

Wir leben nicht in der besten aller möglichen Welten und diese Art von Selbstzufriedenheit war im Programm der Aufklärung auch nie vorgesehen. Was fehlt, ist eine Vision, eine Vorstellung davon, wie sein sollte, wenn es gut wäre. Mehr als das vom Zeit Journalisten Balzer beschriebene „puritanische Wunschbild eines dauerhaft nüchternen, stets in Bewegung befindlichen und zwischen Arbeitsstätte und Fitnessstudio hin und her hechelnden Menschen, der seine ganze Gesundheit und Körperkraft in den Dienst einer ebenso formierten wie freudlosen Gesellschaft stellt“, haben wir im Moment nicht zu bieten.

Der Versuch, eine bessere Vision für eine zukünftige menschliche Gesellschaft zu skizzieren, den würde Rahmen dieses Essays sprengen. Wer sich daran versuchen möchte, dem empfehle ich Aldous Huxleys wenig bekannten utopischen Roman „Eiland“ zur Inspiration.

Was ich anbieten kann, ist, was immer verlangt wird, wenn einer Kritik übt: Etwas praktisch Umsetzbares, eine Handlungsanweisung. Carl Hart hat es treffend ausgedrückt und Romy Schneider hat es vorgelebt. „Get the fuck out of the closet“. Seid mutig wie Romy es einst war.

Blindekuh, zu José Régio Roman „Jogo da Cabra Cega“

Jogo da Cabra Cega, sobre o Romance de José Régio

Helmut Siepmann

■ Der 1934 erschienene Roman des Modernisten und Presencisten José Régio, dessen Zeitschrift „Presença“ von 1927 an für 7 Jahre die Hauptlinien einer Literaturströmung definierte, die wir als „Segundo Modernismo“⁽¹⁾ kennen, gibt auch heute noch Rätsel auf. Die folgenden Überlegungen sollen zum Verständnis des Romans beitragen und den Autor, an dessen 50. Todestag im Jahr 2019 mehrere Aktivitäten erinnerten, als einen wichtigen Vertreter der Gattung Roman kennzeichnen. Der Dichter und Theaterschriftsteller José Régio bleibt dabei unberücksichtigt.

Die Handlung des Romans ist schnell erzählt. Nach dem Abbruch des Medizinstudiums in Lissabon taucht der Ich-Erzähler Pedro Serra in Coimbra auf. Aus bescheidenen Verhältnissen der Provinz stammend hat er Mühe die monatlichen Gelder für die Unterkunft bei Senhora Dona Felícia aus elterlichen Zuschüssen und Privatstunden aufzubringen. Statt in der berühmten Universität sieht man ihn in diversen Kaffeehäusern, in denen er sich mit einer Gruppe von vier Gleichgesinnten trifft, um in abgehobener Selbstisolierung Probleme einer zerbrechlichen Existenz zu lösen. Bevorzugter Zeitpunkt ist die nächtliche Stadt, die Serra zu abenteuerlichen Gängen einlädt und in verwinkelten Straßen und an dunklen Hausecken mit Menschen konfrontiert, die in ähnlicher Weise ihren Erfahrungshorizont bereichern wollen. In diesem Milieu besucht Serra schummerige Kneipen, in denen er auf Striptease-Einlagen und Prostitution stößt. Dazu im Widerspruch steht seine studentische Wohnung bei der Witwe Senhora Dona Felícia, bei der er Kost und Logis genießt. Eigenwillige Persönlichkeitsentwicklungen führen zum Verlust der Pension, und die gleichzeitige Krankheit des Vaters zwingt ihn zur Rückkehr in die Heimat.

In diesem Handlungsrahmen vollziehen sich Gespräche mit der „Gruppe“ unter dem einflussreichen Dichterling Luís Afonso und mit Jaime Franco, einem unbekannten

■ *O romance do modernista e presencista José Régio, editado em 1934, cuja revista “Presença” definiu as linhas mestras de uma tendência literária em Portugal durante sete anos a partir de 1927, que conhecemos como “Segundo Modernismo”, ainda hoje é um mistério. As considerações a seguir desenvolvidas devem contribuir para a compreensão do romance e identificar o autor, cujo 50.º aniversário de sua morte, em 2019, foi comemorado com diversas atividades, como um importante representante do género do romance. O poeta e dramaturgo José Régio mantêm-se inalcançáveis.*

O enredo do romance é contado rapidamente. Depois de abandonar a faculdade de medicina em Lisboa, o narrador na primeira pessoa, Pedro Serra, surge em Coimbra. Proveniente de uma família modesta da província, luta para angariar o dinheiro mensal para o alojamento na Senhora Dona Felícia, proveniente de abonos da família e de aulas particulares. Em vez de ir para a famosa universidade, o leitor pode vê-lo em vários cafés, onde conhece um grupo de quatro pessoas que pensam da mesma maneira para resolver os problemas de uma existência frágil e insensível ao auto-isolamento. O horário preferido é o da cidade noturna, em que Serra convida para passeios de aventura e confronta pessoas nas suas ruas sinuosas e recantos de casas escuras que desejam enriquecer o seu horizonte de experiência da mesma forma que ele. Nesse meio, Serra visita pubs sombrios, onde se depara com atos de striptease e prostituição. Isso contradiz com o seu apartamento de estudante e com a viúva Senhora Dona Felícia, de quem recebe a alimentação e a hospedagem. O desenvolvimento pessoal não convencional leva à perda da pensão caseira e, ao mesmo tempo, a doença do pai obriga-o a voltar para casa.

Neste quadro, as conversas decorrem com o “grupo” do influente poeta Luís Afonso e com Jaime Franco, um jovem desconhecido que procura o contacto com o grupo de escritores e ao mesmo tempo com Mlle Dora, a sua companheira, onde no meio-mundo de Coimbra se encontram e sentem bem.

O estudante adolescente Pedro Serra fica perplexo. A sua constante preocupação com a clareza atrapalha a sua atividade. A sua procura visa a realização do seu “eu”, o que impede de refletir sempre sobre os mesmos problemas como: a verdade da existência, a sinceridade, as possibilidades de comunicação e o numinoso do divino.

Como na “cabra cega”, o herói apressa-se no romance para conseguir superar a incomunicabilidade. Poderá reconhecer-se nos e por meio dos “outros”? Poderá ele encontrar as respostas para a questão do seu ser sem se enganar e cair na hipocrisia e na falsidade? As pessoas de convívio não conseguem ajudá-lo. A sua própria essência não pode ser determinada com clareza, por eles mesmos. Ou é honesto e está pronto para fazer afirmações sinceras para si mesmo e para o outro, ou, como Jaime Franco, criar apenas figuras de fantasia nas quais o eu se reflete temporariamente? Não se sabe se Jaime Franco é um louco, um criminoso e cafetão, um demônio - como ele se autodenomina - que faz um pacto com Pedro, ou apenas um pobre que vive da renda de sua companheira através da prostituição.

A incerteza começa com a incapacidade do narrador de decidir linguisticamente sobre uma solução inequívoca e exclusiva. Os três passos estilísticos (“um desengano,

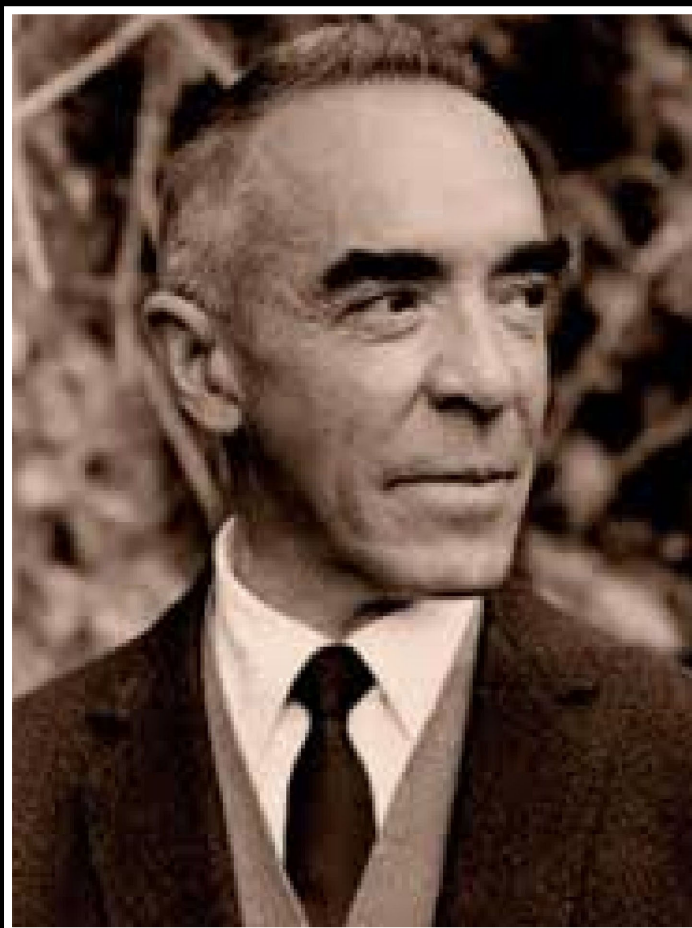


jungen Mann, der Kontakt zur Gruppe der Literaten sucht und gleichzeitig mit Mlle Dora, seiner Partnerin, in der Halbwelt von Coimbra zu Hause ist.

Der jugendliche Student Pedro Serra ist ratlos. Sein dauerndes Grübeln um Klarsichtigkeit behindert seine Aktivität.⁽²⁾ Seine Suche zielt auf die Realisierung seines „Ichs“, die verhindert wird durch die Reflexion über stets gleiche Probleme: die Wahrheit der Existenz, Aufrichtigkeit, Möglichkeiten der Kommunikation und das Numinosum des Göttlichen.

Wie die „blinde Kuh“ eilt der Held durch den Roman, um die Inkommunikabilität zu überwinden. Kann er sich in und durch die „Anderen“ selbst erkennen? Findet er Antworten auf die Seinsfrage, ohne sich selbst zu betrügen und in Hypokrisie und Heuchelei zu verfallen? Die Kontaktpersonen können ihm keine Hilfestellung geben⁽³⁾. Sie sind selbst nicht eindeutig in ihrem Wesen zu bestimmen. Sind sie ehrlich und bereit zu aufrichtigen Aussagen zu sich und zu dem Anderen oder sind sie vielleicht wie Jaime Franco nur Phantasiegestalten, in denen sich das Ich zeitweilig gespiegelt sieht? Ob Jaime Franco ein Irrer ist, ein Verbrecher und Zuhälter, ein Teufel – wie er sich selbst nennt –, der mit Pedro einen Pakt schließt, oder nur ein armer Schlucker, der vom Einkommen aus der Prostitution seiner Gefährtin lebt, bleibt bis zum Ende unklar.

Die Unsicherheit beginnt beim Unvermögen des Erzähler-Ichs, sich sprachlich für eine eindeutige und ausschließliche Lösung zu entscheiden. Der stilistische Dreischritt („um desengano, uma humilhação, um desgosto“), die Zurücknahme eines Adjektivs und das Hinzufügen eines anderen, das ausweichende „não sei que“ oder „não encontro outra palavra“ („ich weiß nicht“ oder „ich finde kein anderes Wort“) kann Widersprüche nicht auslöschen. Die Zimmervermieterin ist gleichzeitig tugendhaft und verführbar; die Prostituierte ist durchaus ehrbar, Anziehung durch und Abstoßung von Kontaktpersonen normal. Identifizierungsmöglichkeiten zwischen Personen des Romans, Wiederholungen eines Handlungsschemas bei verschiedenen Personen, die die individuelle Erfahrung des Protagonisten begleiten, deuten die Objektivierung der Seinserfahrung an. Die Wiederholung fängt als expansive Erzählform mehr als das



José Régio (1901-1969)

uma humilhação, um desgosto”), a retirada de um adjetivo e o acréscimo de outro, o evasivo “não sei que” ou “não encontro outra palavra” não podem apagar as contradições. A senhoria é virtuosa e sedutora ao mesmo tempo; a prostituta é totalmente respeitável, a atração e a repulsa de pessoas do seu contato é por isso normal. Possibilidades de identificação entre pessoas no romance, repetições de um esquema de ação em diferentes pessoas, que acompanham a experiência individual do protagonista, indicam a objetivação da experiência de ser. Como forma narrativa expansiva, a repetição captura mais do que a vida individual, pois pode retomar depoimentos e fazer retoques e aprimoramentos. Isso impede a solidificação na literatura e Régio pode exemplificar a “Literatura Viva” que almeja.

O desenvolvimento da autoconhecimento ocorre em três estágios, sendo que o seu comportamento mostra uma preferência constante por passeios noturnos solitários e jantares duvidosos. A primeira paragem é o “Grupo”, onde jovens estudantes de classe média trocam ideias sobre leitura, suas próprias atividades literárias e modos de expressão ordeira. Nesse grupo, o herói sente-se aceito e reconhecido.

A segunda estação está ligada ao aparecimento do personagem Jaime Franco, muito valorizado tanto pelo grupo como por Pedro Serra como interlocutor e que provoca dissidências dentro do grupo através do convívio egoísta dos membros do grupo.

Os passeios noturnos do protagonista Pedro Serra desempenham um papel na forma como as suas indagações, que correspondem às suas necessidades de autoanálise, encontram em Jaime Franco indícios não congruentes com as vivências do grupo de escritores que se empenham em interpretar o ser. Pedro Serra descobre nele aspectos que não lhe são estranhos pessoalmente e que o afastam do grupo. Aqui ele parece encontrar a amizade que o grupo terminou.

Antes de descrever o terceiro estágio de desenvolvimento, deve-se apontar o desenvolvimento oposto entre o grupo de discussão de amigos e o mundo da experiência de Jaime Franco. Com Jaime Franco, o mundo dos cafés e bares da cidade, desconsiderado pela dona do quarto de Pedro Serra, vai ganhar destaque. Autenticidade e honestidade diante de si mesmo forçam o protagonista a perceber o lado negro, a brutalidade e a perversão de si mesmo, assim como o mundo cada vez mais distante da decência e da cordialidade polida. No

indivíduo Leben ein, da sie Aussagen zurücknehmen und Retuschen und Erweiterungen vornehmen kann. So werden Verfestigungen in der Literatur verhindert, und Regio kann die von ihm anvisierte „Literatura Viva“ exemplifizieren.

Die Entwicklung des sich erforschenden Ichs verläuft in drei Stationen, wobei seine Verhaltensweisen eine durchgehende Vorliebe für einsame nächtliche Spaziergänge und zweifelhafte Spelunken zeigen. Die erste Station ist der „Grupo“, wo junge bürgerliche Studierende sich über Lektüren, eigene literarische Tätigkeiten und geordnete Ausdrucksweisen austauschen. In dieser Gruppe glaubt sich der Held aufgenommen und akzeptiert.

Die zweite Station ist mit dem Auftauchen des hochgewachsenen Jaime Franco verbunden, der sowohl von der Gruppe als auch von Pedro Serra als Gesprächspartner hochgeschätzt wird und der durch die eigenstüchtige Umwerbung durch die Gruppenmitglieder Auslöser von Dissens innerhalb der Gruppe ist.

Dabei spielen die nächtlichen Gänge des Protagonisten Pedro Serra in der Weise eine Rolle, als seine Erkundigungen, die seinen Bedürfnissen nach Selbstanalyse entsprechen, in Jaime Franco Hinweise finden, die nicht kongruent sind mit den Erfahrungen in der Gruppe der um die Seinsinterpretation bemühten Literaten. Pedro Serra entdeckt in ihm Seiten, die ihm persönlich nicht fremd sind und die ihn von der Gruppe entfremden. Er scheint hier die Freundschaft zu finden, die ihm von der Gruppe aufgekündigt wird.

Bevor die dritte Entwicklungsstufe beschrieben wird, sei hier auf die gegenläufige Entwicklung zwischen der Diskussionsgruppe der Freunde und der Erfahrungswelt von Jaime Franco hingewiesen. Mit Jaime Franco wird die Lebenswelt der von Pedro Serras Zimmervermieterin missachteten Café- und Kneipenwelt der Stadt in den Vordergrund treten. Authentizität und Aufrichtigkeit vor sich selbst zwingen den Protagonisten, die dunklen Seiten, die Brutalität und die Perversion des Ichs genauso zur Kenntnis zu nehmen wie die immer distanzierter betrachtete Welt der Wohlanständigkeit und der geschliffenen Ausdrucksfähigkeit. In der Umgebung von Jaime Franco findet er das Ausleben der Triebe, den Alkoholexzess und die Sexualität.

Der Vergleich lenkt die Analyse vom Individuum auf die Frage nach allgemeinen Aussagen zur Humanität und zum Menschsein. Das „Ich“ entdeckt im Umfeld der Begegnungen Gleichartiges und Ähnliches, sowohl im Intellektuellenmilieu des „Grupo“ wie im Kneipenmilieu Jaime Francos, so dass die Konstatierung der eigenen Gewaltphantasien, des Bösen und Perversen übertragen werden kann auf die „Anderen“: Der Priester (Rollo und Malwa), die Frau (Senhora Dona Felícia und Mlle Dora) z. B., die in der Biographie Pedros und Jaimes eine Entsprechung finden, weisen auf einen generalisierbaren menschlichen Charakter hin.

Die dritte Station wäre dann im Bereich von Mlle Dora, Tänzerin und Prostituierte, ihres Zuhälters Jaime Franco und des voyeuristischen Hotelbesitzers Senhor Elicídio zu suchen.

Der Nachtschwärmer Pedro Serra durchlebt Mordlust, Sexualität mit Senhora Dona Felícia und Mlle Dora und konstatiert die Aufrichtigkeit menschlicher Begegnungen und Freundschaft auch in den miserabelsten Situationen des Daseins. Selbst der mit geheuchelter Wohlanständigkeit lebende Voyeur Senhor Elicídio findet Anerkennung, sieht er doch in seinem Verhalten den Versuch, eine durcheinander geratene Welt wieder ins Gleichgewicht zu bringen.

In der fiktiven Biographie von Jaime Franco, die Pedro Serra „Discours de la méthode“ nennt, wird die Frage der gerechten Lebensführung, die die Antwort auf die Suche nach dem Göttlichen beinhaltet, ausweichend gelöst. Der rationale Versuch, die Existenz des Göttlichen zu beweisen, scheitert, die auf die Spitze getriebene Boshaftigkeit, erlangt nie eine endgültige Befriedigung. Es bleibt die Suche nach dem „Mehr“. Dieses „Mehr“ kann nur das Unbekannte, das Mysteriöse, das Göttliche sein. Senhora Dona Felícia ist einerseits treu, fromm und religiös, andererseits verführbar. Mlle Dora liebt ihren Souteneur, obwohl er sie erniedrigt und schlägt. Der „grupo“ übt sich in Unaufrichtigkeit. An allem nimmt das „Ich“ teil und erfährt so die Diversität des Lebens zwischen dem Göttlichen und dem Bösen: Jaime Franco bezeichnet sich als Teufel, bevor er abtritt.

Die Daseinsfrage findet keine Antwort: Ob Rilhafoles⁽⁴⁾ auf Pedro Serras wartet, weiß man nicht, denn das letzte

ambiente de Jaime Franco, ele encontra a atuação dos impulsos, álcool em excesso e sexualidade.

A comparação direciona a análise do indivíduo para a questão das afirmações gerais sobre a humanidade. O “eu” descobre coisas semelhantes e idênticas no ambiente dos encontros, tanto no meio intelectual do “Grupo” como no meio do pub de Jaime Franco, de forma que a observação das próprias fantasias violentas, maldosas e pervertidas pode ser transferidos para os “outros”: O padre (Rollo e Malwa), a mulher (Senhora Dona Felícia e Mlle Dora) por exemplo, que encontram correspondência na biografia de Pedro e Jaime, indicam um caráter humano generalizável.

A terceira paragem seria então na zona de Mlle Dora, dançarina e prostituta, o seu cafetão Jaime Franco e o voyeurista senhor Elicídio, dono do hotel.

O noctívago Pedro Serra experimenta o desejo de homicídio, a sexualidade com a Senhora Dona Felícia e Mlle Dora e confirma a sinceridade dos encontros humanos e da amizade mesmo nas situações mais miseráveis ?? da existência. Até o voyeur Senhor Elicídio, que vive com uma decência hipócrita, é reconhecido, pois vê no seu comportamento a tentativa de reequilibrar um mundo confuso.

Na biografia ficcional de Jaime Franco, que Pedro Serra chama de “Discours de la méthode”, a questão de um estilo de vida justo, que contém a resposta à busca do divino, é evasivamente resolvida. A tentativa racional de provar a existência do divino falha, a maldade levada ao extremo nunca atinge a satisfação final. A busca por “mais” permanece. Este “mais” só pode ser o desconhecido, o misterioso, o divino. A Senhora Dona Felícia é por um lado leal, piedosa e religiosa, por outro lado pode ser seduzida. Mlle Dora ama o seu sulista, embora ele a humilhe e a espanque. O “grupo” pratica a falta de sinceridade. O “eu” participa de tudo e experimenta a diversidade da vida entre o divino e o mal: Jaime Franco descreve-se como o diabo antes de partir.

A questão da existência não tem resposta: não se sabe se Rilhafoles⁽⁴⁾ aguarda Pedro Serras, porque o último capítulo “em que provisoriamente se dá por terminado este livro” deixa a questão do jogo da “cabra cega”: quem sou eu? Por meio da incerteza, o romance pretende questionar toda a segurança. Trata-se de tornar uma situação tangível sem oferecer uma solução. Trata-se de um método de expressão mais poético, por isso o



Cabra Cega (Blinde Kuh). Francisco José de Goya y Lucientes (1746 - 1828).

romance “Cabra Cega” de Régio tem sido chamado de romance poético. No século XX, ele está alinhado com “Un amour de Swann” de Proust, Stephan Zweig e Robert Musil, onde a confusão de sentimentos estava incluída no título dos romances. Além disso, com a referência a Descartes, com a referência ao pacto do diabo e a ironia da segurança negada no Cândido de Voltaire, o romance procura compará-lo com importantes obras da literatura mundial.

A desorientação como princípio estruturante que compreende a confusão interior do indivíduo decisivo e o avivamento da desorientação, que a tentativa de análise racional não pode superar, cria um romance que resiste à acusação desdenhosa de “olhar para o umbigo” diante de importantes problemas sociais e convulsões políticas. A literatura moderna fez da preocupação de José Régio um dos seus aspectos essenciais.

Kapitel „em que provisoriamente se dá por terminado este livro“ lässt die Frage des Blindekuh-Spiels: wer bin ich? offen.

Der Roman intendiert durch die Verunsicherung die Infragestellung jeglicher Sicherheit. Es geht darum, eine Situation erlebbar zu machen, ohne eine Lösung anzubieten. Das ist eher ein poetisches Ausdrucksverfahren, und deshalb hat man Régios Roman „Blindekuh“ als poetischen Roman bezeichnet. Er steht damit im 20. Jahrhundert in einer Reihe mit Prousts *Un amour de Swann*, mit Stephan Zweig und Robert Musil, wo die Verwirrung der Gefühle in den Titel der Romane aufgenommen wurde. Darüber hinaus strebt der Roman mit dem Verweis auf Descartes, mit dem Hinweis auf den Teufelspakt und die Ironie der verneinten Sicherheit in Voltaires *Candide* den Vergleich mit wichtigen Werken der Weltliteratur an.

Desorientierung als ein Strukturprinzip, das die innere Konfusion des sich entscheidenden Individuums nachvollzieht und die Verlebendigung der Orientierungslosigkeit, der der Versuch der rationalen Analyse nicht bekommen kann, lässt einen Roman entstehen, der dem verächtlichen Vorwurf der „Nabelschau“ angesichts wichtiger sozialer und politischer Umwälzungen⁽⁵⁾ widersteht. Die moderne Literatur hat José Régios Anliegen zu einem ihrer wesentlichen Aspekte werden lassen.

⁽¹⁾ Vgl. Helmut Siepmann, *Die Portugiesische Lyrik des Segundo Modernismo*, Frankfurt / Main: Vittorio Klostermann 1977 (Analecta Romanica 39)

⁽²⁾ Im Sinne Fernando Pessoa's sagt Pedro: „eu seria feliz, se me não preocupasse com sentir-me feliz“ – Ich wäre glücklich, wenn ich nicht immer über das „mich glücklich fühlen“ nachdenken müsste

⁽³⁾ Pedro stellt innerhalb des ‚grupo‘ „falta de naturalidade“, „constrangimento quando conversamos“ und „tácita cumplicidade em nos não desmascarmos“ fest..

⁽⁴⁾ Eine Klinik für Psychiatrie.

⁽⁵⁾ Dieser Vorwurf wurde den Presencisten von Vertretern des Neorealismus entgegengebracht. Sie sahen das Individuum in Abhängigkeit von sozialen und politischen Gegebenheiten. Der erste neorealistische Roman ist Alves Redols *Gaibéus* von 1939.



„Der Besuch von Dom Duarte dokumentiert die historisch tief verwurzelten und auch weiterhin prächtig gedeihenden Beziehungen zwischen Düsseldorf und Lissabon, zwischen Nordrhein-Westfalen und Portugal. Unsere vielfältigen Beziehungen und die vielen freundschaftlichen Kontakte der Gegenwart sind nicht zuletzt Folge einer jahrhundertlangen, gemeinsamen Geschichte.“

“A visita de Dom Duarte documenta as relações históricas profundas, enraizadas e ainda prósperas entre Düsseldorf e Lisboa, entre a Renânia do Norte-Vestfália e Portugal. As nossas diversas relações e os muitos contatos amigáveis que temos hoje não são mais do que o resultado de séculos de uma história compartilhada.”

Carina Gödecke, Landtagsvizepräsidentin a.D.

Ficha técnica: A “Iniciativa Lisboa-Düsseldorf” é um movimento cultural privado, fundado e financiado exclusivamente por Carlos Quintas, sem intervenção pública - ideológica, política ou financeira - das respectivas cidades que constam no seu nome. Contacto: carlosmlquintas@t-online.de

Impressum: Die “Lissabon-Düsseldorf Initiative” ist eine private Kulturbewegung, gegründet und finanziert ausschließlich von Carlos Quintas, ohne öffentliches Eingreifen - ideologisch, politisch oder finanziell - durch die jeweiligen Städte, die in ihrem Namen erscheinen. Kontakt: carlosmlquintas@t-online.de



Lisboa - Düsseldorf Weltstadt zu Weltstadt

„Bom dia, Jan Wellem! Was treibt den Herzog von der Pfalz aus Düsseldorf in diese Gegend?“

„Auch dir einen guten Tag, Dom José! Ich bin ausgezogen, euren Oberbürgermeister in Lisboa zu besuchen.“



„Ah, ich hörte davon: Die Städtepartnerschaft? Ich bin da wenig optimistisch. Die Politiker denken doch nur an's Geld. War es nicht immer so?“ — „Nicht immer. Einst gab Düsseldorf die schöne Dona Estefânia nach Lisboa. Sie wurde Königin, wie du weißt, und von Geld war nie die Rede.“



„Ach, Königin hin oder her! Jetzt wird in Lisboa von anderen Dingen geträumt: Von einem neuen Flughafen, einem neuen Kreuzfahrtterminal, von neuen Straßenbahnen ...“ — „Da könnten wir mit unseren Erfahrungen sogar helfen. Wir haben unseren Flughafen nach einem Brand neu gebaut; einen neuen Medienhafen haben wir auch, und die Rheinbahn hat neue Straßenbahnen.“



„Nun ja ...- aber zu denken: eine Städtepartnerschaft. Sollten die entsprechenden Städte nicht einander ebenbürtig sein? Immerhin ist Lisboa die Hauptstadt eines Landes, und Düsseldorf ist ...“ — „Genau: Landeshauptstadt! Und zwar die Hauptstadt eines Landes, in dem beinahe doppelt so viele Menschen wie in Portugal leben. Die Wirtschaftsleistung ist sogar dreieinhalbmal so groß.“



„Wahrlich beeindruckend! Aber denke nur: Lisboa! Museen, Sehenswürdigkeiten, Architektur! Und dann der Fado! Die Pastéis de Belém!“ — „Ja! Denke nur: Düsseldorf! Museen, Sehenswürdigkeiten, Architektur! Die Weltfirma HENKEL. Unsere Kunstakademie ist weltberühmt. Und dann der Karneval! Das Altbier! Löwensen!“



„Potzblitz!, ich meine, auf einen solchen Partner könnte man ja stolz sein! Obgleich ...- Pastéis de Belém mit Löwensen? Das wird nicht gehen.“ — „Wohl kaum. Aber **Weltstadt und Weltstadt - das geht!**“